

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

Instituto de Geociências e Ciências Exatas

Campus de Rio Claro

**MONTEIRO LOBATO E O SÍTIO DO
PICAPAU AMARELO:
UMA ANÁLISE DO PENSAMENTO GEOGRÁFICO**

LIZ ANDRÉIA GIARETTA

Rio Claro (SP)

2008

910.07 Giaretta, Liz Andréia
G435a Monteiro Lobato e o Sítio do Picapau Amarelo: uma
análise do pensamento geográfico / Liz Andréia Giaretta. –
Rio Claro: [s.n.], 2008.
158 f. : il., figs., fots.

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual
Paulista, Instituto de Geociências e Ciências Exatas
Orientador: Fadel David Antonio Filho

1. Geografia – Estudo e ensino. 2. Literatura infantil.
3. Visão do mundo. I. Título

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

Instituto de Geociências e Ciências Exatas

Campus de Rio Claro

**MONTEIRO LOBATO E O SÍTIO DO
PICAPAU AMARELO:
UMA ANÁLISE DO PENSAMENTO GEOGRÁFICO**

LIZ ANDRÉIA GIARETTA

Orientador: Prof. Dr. Fadel David Antonio Filho

Dissertação de Mestrado elaborada junto ao Programa de Pós-Graduação em Geografia, Área de Concentração: Território, Cultura, Ensino e Metodologias em Geografia, para obtenção do título de Mestre em Geografia.

**Rio Claro (SP)
2008**

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr Fadel David Antonio Filho (orientador) - UNESP- Rio Claro

**Prof. Dra. Vânia Rúbia Farias Vlach – Universidade Federal de Uberlândia
– Minas Gerais**

**Prof. Dra. Bernadete Ap. Caprioglio de Castro Oliveira - UNESP- Rio
Claro**

Rio Claro-SP, 19 de março de 2008.

Resultado: Aprovada.

Dedico este trabalho ao meu pai Augusto Giaretta (*in memoriam*) por tudo que ele fez por mim, pelo exemplo de honestidade que me deixou e, principalmente, por me ensinar a não desistir dos meus objetivos.

AGRADECIMENTOS

A Deus, que me amparou nas horas difíceis e que me deu a força necessária para desenvolver esta pesquisa acadêmica.

Aos meus pais, Maria Giaretta e Augusto Giaretta (*in memoriam*), pessoas de uma bondade extrema e de um coração enorme do tamanho da infância que me proporcionaram. Infância repleta de boas lembranças, como as que trago das leituras do Sítio do Picapau Amarelo.

Ao meu orientador Prof. Fadel, que me ajudou a levar adiante o desafio de produzir essa dissertação e por ter me auxiliado nas interpretações geográficas de uma importante obra da literatura infantil brasileira.

Ao ilustrador Mauricio Loyola Pinto, que com o seu talento deu mais beleza às páginas deste trabalho.

À minha sobrinha Carolina, que desperta em mim memórias da infância.

Aos meus colegas, que contribuíram para melhorar ainda mais esta proposta. Em especial à Tatiane, à Wanessa e ao Cristiano. Obrigada pela paciência e pelo estímulo.

Ao Mefi, meu inesquecível e fiel escudeiro, pela sua companhia durante horas e horas de estudo. Muita saudade...

A criação literária não pretende substituir a Geografia no que ela tem de composição científica. Mas ela, sem dúvida, enriquece e completa a 'realidade' procurada pelo geógrafo. Os bons escritores, como testemunhos de seu tempo, captam 'eventos' retratando aspectos da condição humana que 'tiveram lugar'. (MONTEIRO, 2002, p. 86)

[...] a literatura é caminho, e dos mais sedutores, para a Geografia. É a linguagem literária o instrumento essencial para comunicá-la. (MOTA, 1961, p. 93)

RESUMO

GIARETTA, Liz Andréia. **Monteiro Lobato e o Sítio do Picapau Amarelo: uma análise do pensamento geográfico.** Rio Claro, 2008. (Dissertação Mestrado em Geografia/Área de Análise da Informação Espacial). Instituto de Geociências e Ciências Exatas/UNESP Rio Claro. Rio Claro, 2008.

A presente pesquisa tem como propósito realizar uma análise do pensamento geográfico embutido na visão do mundo de Monteiro Lobato em sua obra literária infantil. Com isso, promoveremos a inserção dessa obra na História do Pensamento Geográfico, buscando preencher uma lacuna nessa linha de pesquisa, que tem dado pouca atenção às obras desse gênero literário. Para analisar essa visão do mundo, amparamo-nos em Lucien Goldmann que propõe o estudo das obras-primas de literatura na perspectiva do método estruturalista genético. A partir de suas orientações, analisamos o contexto histórico vivido por Lobato e as correntes de pensamento que o influenciaram a propor uma reconstrução do espaço geográfico brasileiro, pautado na ideologia de sua classe social: a burguesia industrial. Esse panorama contextualizou a análise do discurso geográfico de Lobato presente em três histórias: *Geografia de Dona Benta* (1935), *O poço do Visconde* (1937), *A Chave do Tamanho* (1942). Os pontos marcantes neste discurso são industrialização, integração e identidade nacional, exploração dos recursos naturais, potencialidades e problemas regionais, valorização da educação e da ciência, e uma visão ambígua do povo e do progresso, ora vistos com otimismo, ora com pessimismo, caracterizando a visão do mundo contraditória do escritor. Também detectamos nesse discurso uma Geografia pautada em concepções deterministas e darwinistas sociais e, eventualmente, uma postura possibilista, o que nos levou a crer que a obra infantil lobatiana refletiu a conjuntura da ciência geográfica da década de 1930.

Palavras-chaves: História do Pensamento Geográfico Brasileiro – visão do mundo – Monteiro Lobato – literatura infantil – Sítio do Picapau Amarelo.

ABSTRACT

GIARETTA, Liz Andréia. **Monteiro Lobato e o Sítio do Picapau Amarelo: an analyse of geographical thought.** Rio Claro, 2008. (Dissertação Mestrado em Geografia/ Área de Análise da Informação Espacial). Instituto de Geociências e Ciências Exatas/UNESP Rio Claro. Rio Claro, 2008.

This academic research has the purpose of making an analysis of the geographic thought embedded in Monteiro Lobato's world vision in his literary child. With this, we will intend to insert this work in the History of Geographic Thought, seeking for filling a gap in this line of research, which has given little attention to works of this gender. To analyze this world vision, we lean on Lucien Goldmann's that suggests the study of works of literature primary in the perspective of the genetic structuralist method. From the guidelines of his proposal, we analyse the historical context lived by Monteiro Lobato and the currents of thought that had influenced him to propose a reconstruction of a Brazilian geographical space, based on the ideology of his social class: the industrial bourgeoisie. This overview contextualized the analysis of his geographic speech in the three stories: *Geografia de Dona Benta* (1935), *O poço do Visconde* (1937), *A Chave do Tamanho* (1942). The remarkable points in this speech are industrialization, national integration and identity, exploitation of natural resources, regional potentialities and problems, enhancement of education and science and an ambiguous seen of the people and progress, now seen with an optimism now with pessimism, characterizing the writer contradictory world vision. We also detected in this speech a Geography based on deterministic concepts and social darwinists, and, possibly, a possibilist behaviour, that led us to believe that Lobato's literary child reflected the conjuncture of science geographic of the decade of 1930.

Key-word: Brazilian Geographical Thought History – world vision – Monteiro Lobato – literary child – Sítio do Picapau Amarelo.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 -	Lobato e suas irmãs posando para a fotografia como adultos “em miniatura”.....	37
Figura 2 -	A rígida disciplina de uma aula na Escola Caetano de Campos, em São Paulo, no início do século XX	38
Figura 3 -	Lobato após colação de grau, em 15 de dezembro de 1904	44
Figura 4 -	Um Jeca Tatu “autêntico”	53
Figura 5 -	O Sítio do Picapau Amarelo e alguns de seus personagens	59
Figura 6 -	Dona Benta	61
Figura 7 -	Tia Nastácia	62
Figura 8 -	Pedrinho e Narizinho	62
Figura 9 -	Tio Barnabé.....	63
Figura 10 -	Elias Turco	64
Figura 11 -	Coronel Teodorico	65
Figura 12 -	Emília	65
Figura 13 -	Visconde de Sabugosa	67
Figura 14 -	Cuca e Saci	68
Figura 15 -	Monteiro Lobato (2º à direita) em uma torre de perfuração de petróleo no campo de Araquá, no município paulista de São Pedro	72
Figura 16 -	Monteiro Lobato quando morou na Argentina.....	76
Figura 17 -	A Turma do Sítio a bordo do “Terror dos Mares” aprendendo Geografia	84
Figura 18 -	O petróleo jorrando no Sítio do Picapau Amarelo	110
Figura 19 -	A civilização de <i>Pail City</i> , uma nova forma de explorar a natureza	127

SUMÁRIO

	Páginas
1	INTRODUÇÃO 12
2	COMENTÁRIOS SOBRE O MÉTODO E A TÉCNICA DE PESQUISA 16
3	O CONTEXTO HISTÓRICO NO QUAL VIVEU MONTEIRO LOBATO(1882-1948) 25
3.1	A abolição da escravatura e a implantação da Primeira República no Brasil..... 26
3.2	O período de 1930 a 1945 33
3.2.1	A Revolução de 1930 33
3.2.2	O Estado Novo (1937-1945)..... 35
3.3	A visão da infância e a educação nas primeiras décadas do século XX 36
4	O PENSAMENTO DE MONTEIRO LOBATO 43
4.1	Lobato nas duas primeiras décadas do século XX 43
4.1.1	O Positivismo de Auguste Comte 44
4.1.2	As teorias racistas importadas da Europa..... 46
4.1.2.1	Herbert Spencer e o darwinismo social 47
4.1.2.2	Gustave Le Bon e a mestiçagem 48
4.1.2.3	Oliveira Vianna e suas concepções sobre o Brasil e o povo brasileiro 49
4.1.3	As idéias de Friedrich Nietszche 50
4.2	Lobato e o início de sua produção literária infantil 55
4.2.1	O Sítio do Picapau Amarelo e seus personagens 59
4.2.1.1	Caracterização dos principais personagens do Sítio do Picapau Amarelo 61
4.3	Lobato nos anos 30 e 40 do século XX 69

4.3.1	Henry Ford e as idéias sobre o trabalho	69
4.3.2	As idéias escolanovistas no Sítio do Picapau Amarelo	73
5	O PENSAMENTO GEOGRÁFICO BRASILEIRO NO CONTEXTO VIVIDO POR MONTEIRO LOBATO	78
5.1	Análise do discurso geográfico de histórias selecionadas da obra infantil de Monteiro Lobato	83
5.1.1	<i>Geografia de Dona Benta</i>	84
5.1.1.1	Comentários gerais sobre <i>Geografia de Dona Benta</i>	85
5.1.1.2	Análise do discurso geográfico de <i>Geografia de Dona Benta</i> ..	86
5.1.2	<i>O poço do Visconde</i>	110
5.1.2.1	Comentários gerais sobre <i>O poço do Visconde</i>	111
5.1.2.2	Análise do discurso geográfico de <i>O poço do Visconde</i>	112
5.1.3	<i>A Chave do Tamanho</i>	127
5.1.3.1	Comentários gerais sobre <i>A Chave do Tamanho</i>	128
5.1.3.2	Análise do discurso geográfico de <i>A Chave do Tamanho</i>	129
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	144
7	REFERÊNCIAS	149

1. INTRODUÇÃO

O pensamento geográfico, por ser abrangente, não está restrito aos estudos científicos da Geografia. Ele se expande também para outras áreas do conhecimento que se propõem a analisar a temática espacial. Nesse sentido, a literatura é um campo fértil de análise desse pensamento, pois ela pode representar um panorama das concepções espaciais de uma sociedade em um contexto histórico. Sendo assim, existem escritores que conseguem apreender essas concepções com extrema sensibilidade e transferi-las para as obras literárias que produzem, por meio da sua visão do mundo. Essa visão do mundo, por sua vez, está inserida na ideologia e não representa as concepções individuais de um escritor, mas “o conjunto de aspirações, de sentimentos e de idéias” da classe social a que ele pertence. (GOLDMANN, 1979, p. 19)

Nessa categoria de escritores, insere-se Monteiro Lobato. Intelectual engajado e também representante da classe burguesa industrial, Lobato se destacou, tanto no Brasil quanto no mundo, como um talentoso e criativo escritor de histórias infantis.

Em sua obra literária infantil, escrita, sobretudo a partir de 1930, Lobato criou um universo: o Sítio do Picapau Amarelo, que vem estimulando gerações de brasileiros em diferentes tempos e espaços a pensar o nosso país, com base na sua visão do mundo, construída pela ótica da classe dominante. Esse escritor também se destacou por ter utilizado a sua obra literária infantil como veículo para propor a construção de um novo Brasil que se transformasse de agrário e atrasado para moderno e competitivo na economia mundial, e por ter compartilhado esse propósito com as crianças.

A Geografia brasileira, que alcançou *status* universitário na década de 1930, com as idéias de Vidal de La Blache, precursor da Geografia francesa, sem abandonar totalmente as idéias de Friedrich Ratzel, precursor da Geografia alemã, orientou as classes dominantes nesse processo de construção da nação. Influenciou também muitos escritores, a exemplo de Monteiro Lobato, que buscaram, nessa ciência dedicada ao

estudo do espaço, subsídios para propor seus projetos de nação inseridos em suas obras literárias. Sendo assim, define Moraes (2002, p. 157):

[...] a idéia de construir o país é um dos fios condutores de uma leitura geográfica da história brasileira. [...] Além de legitimar o Estado e cimentar as elites num projeto comum, a idéia de construir o país fornece uma visão das classes populares, isto é, a população vai ser vista como um instrumento de construção do país.

Diante disso, a visão do mundo representada na obra infantil de Monteiro Lobato, consoante a visão do mundo da classe dominante burguesa industrial, segue as implicações do projeto de construir uma nova nação com toda a perspectiva ideológica, social, econômica e cultural que ela encerra. No projeto elaborado pelo escritor, estão presentes as ideologias geográficas, como as potencialidades de nosso território e regiões e seus problemas reais, a visão de Lobato acerca do caráter nacional brasileiro e suas interpretações essencialmente deterministas da sociedade e da natureza. Além disso, nesse projeto Lobato criticou veementemente o obscurantismo e as convenções morais que dificultavam às crianças elaborar uma visão crítica da realidade.

Diante do exposto, a proposta desta pesquisa é avaliar a visão do mundo embutida no pensamento geográfico de Monteiro Lobato e, com isso, inscrever a sua obra infantil na História do Pensamento Geográfico Brasileiro. A importância desta pesquisa é analisar a medida do significado da obra infantil desse escritor – que é, sem dúvida, uma das mais importantes e criativas obras literárias infantis que já se criou em nível mundial – no quadro da Geografia, vindo a preencher uma lacuna na História do Pensamento Geográfico Brasileiro, cujos estudos têm dado pouca atenção a obras desse gênero literário.

Esse enfoque, portanto, vai priorizar um tipo de documento literário que possui os elementos que estruturam a literatura para adultos, porém, direcionado às crianças, público mais suscetível à assimilação de ideologias. Também vai evidenciar para a comunidade acadêmica geográfica um importante escritor brasileiro que buscou na ciência geográfica subsídios para construir sua literatura.

Outra pretensão desta pesquisa é orientar educadores do Ensino Médio, da Graduação e da Pós-Graduação que anseiam trabalhar a obra infantil lobatiana na perspectiva geográfica em suas aulas, mas que carecem de uma orientação teórica que os auxilie a entender as ideologias geográficas desse escritor.

Assim sendo, pautados nas considerações expostas anteriormente, este trabalho foi estruturado nas etapas descritas a seguir.

Em **Comentários sobre o método e a técnica de pesquisa** esclarecemos sobre o método que nos orientou nas análises e na interpretação da visão do mundo transmitida por Monteiro Lobato em sua obra infantil, realizadas de acordo com as propostas de Lucien Goldmann em sua sociologia da literatura. Nessa parte, também comentamos sobre a técnica de seleção de palavras-chaves empregada para averiguar as diferentes correntes de pensamento que estruturaram a visão do mundo de Lobato, interpretada sob a perspectiva espacial.

No **Capítulo 1** foram analisados os mais importantes acontecimentos da conjuntura vivida por Monteiro Lobato, que transcorreu do período de 1882 a 1948, com ênfase para o período no qual foi produzida a sua obra infantil (1920 a 1947).

No **Capítulo 2** descrevemos os fatos biográficos mais relevantes e as correntes de pensamento que influenciaram o pensamento de Monteiro Lobato e seu modo de interpretar a realidade.

No **Capítulo 3** realizamos a análise do discurso geográfico do escritor presente em três histórias selecionadas de sua obra completa por apresentar a visão do mundo contraditória de Lobato, que ora mostrou-se otimista, ora pessimista em relação ao progresso e ao povo brasileiro. Essas histórias que mesclavam a ficção com aspectos de caráter pedagógico, sobretudo em relação à metodologia de ensino, foram elaboradas para tornar a aprendizagem mais significativa, revelando as influências do ideário escolanovista na literatura lobatiana. Na análise dessas histórias, evidencia-se a valorização que Lobato dava à educação como fundamental na formação de uma classe dominante esclarecida e apta a governar o país.

Geografia de Dona Benta (1935) representou, na série de paradidáticos escritos por Lobato, a Geografia como disciplina escolar. Nessa

história, a turma do Sítio embarca em um navio chamado “Terror dos Mares” para vivenciar o estudo da Geografia em diferentes lugares do mundo. O *poço do Visconde* (1937) é o outro livro de caráter pedagógico analisado na pesquisa. Nesse livro, as crianças aprendem Geologia e tomam conhecimento sobre o processo de formação do petróleo. Elas também são convencidas pelo escritor de que o Brasil precisava ser auto-suficiente em petróleo para reverter a sua miséria.

Além dessas histórias de caráter nitidamente didático-pedagógicas, há algumas histórias de Lobato que podem ser classificadas como de divertimento, mas que não deixam de apresentar propósitos educacionais. Entre elas, está *A Chave do Tamanho* (1942), na qual Emília acidentalmente diminui o tamanho da humanidade, que precisou adaptar-se e encontrar uma nova forma de se relacionar com a natureza e a sociedade, após ser reduzida ao tamanho de insetos.

Esclarecemos, por fim, que estudos direcionados para analisar o pensamento geográfico em obras literárias, como o proposto nesta dissertação, permitem compreender o processo de construção da ciência geográfica brasileira sistematizada na década de 1930, período que foi marcante para forjar o país no qual vivemos atualmente. Esses estudos, portanto, possibilitam refletir sobre as correntes de pensamento que influenciaram a Geografia que, entre outras ciências, representa os propósitos da classe dominante; e, com isso, reavaliar seus métodos, teorias, direcionamento pedagógico e ideologias.

Dessa forma, a presente pesquisa se debruça sobre uma pequena parcela da riqueza de análises que podem ser realizadas em obras literárias nacionais as quais, com as ciências humanas, retrataram o pensamento geográfico brasileiro em determinado contexto histórico. Porém, tal pesquisa não irá esgotar essas análises, mas contribuir para a Historiografia do Pensamento Geográfico Brasileiro, focalizando uma obra de literatura infantil de grande importância, como a escrita por Monteiro Lobato.

2. COMENTÁRIOS SOBRE O MÉTODO E A TÉCNICA DE PESQUISA

A presente dissertação está amparada na proposta de Lucien Goldman¹ para a análise de obras literárias, cujo método, denominado estruturalista genético, tem o enfoque no materialismo histórico e dialético. Goldman (1967, p. 124) esclarece que é “o materialismo dialético que permite compreender melhor o conjunto dos processos históricos e sociais de uma época, e que permite também explicitar mais facilmente as relações entre estes processos e as obras de arte que sofreram sua influência.” Esse método, que apreende as idéias e relaciona-as com a estrutura que as gerou, por ser geral, pode ser empregado em todas as ciências humanas. Sendo assim, a literatura, em especial, é um campo fértil para a sua aplicação.

Além disso, o método proposto por Goldman é capaz de captar, não somente a ação humana material, mas as formas de representação social e de pensamentos inseridos na ideologia que, quando criada pela classe dominante, oculta a realidade social que legitima as condições de exploração e de dominação, fazendo-as parecerem justas e verdadeiras². Portanto, o emprego desse método na análise de uma obra literária permite constatar que não há neutralidade no discurso de um escritor, pois este tende a se comprometer com as aspirações de sua classe social, cujos pensamentos e ideologias dominam uma época.

Demo (1985, p. 85) também concorda que a perspectiva dialética é “a metodologia mais correta para as ciências sociais, porque é aquela que, sem deixar de ser lógica, demonstra sensibilidade pela face social dos problemas”, além de ser “[...] a forma mais criativa e versátil de construir uma realidade também criativa e versátil” (1985, p. 98). Para o

¹ Para o embasamento metodológico da presente pesquisa, utilizamos, principalmente, os livros: **Sociologia do Romance** (1976), **Ciências Humanas e Filosofia** (1967), **Dialética e Cultura** (1979) e o artigo *Materialismo Dialético e História da Literatura* (1966-1967), do referido autor – ver Bibliografia.

² Nosella (1981, p. 24) afirma que toda ideologia, à proporção que é formulada, será sempre existencialmente engajada. A ideologia, enquanto definida como princípios e normas que orientam a ação, tanto poderá orientar uma ação libertadora (dialética e objetiva) da classe dominada, como, ao contrário, poderá orientar uma ação conservadora, de manutenção do *status quo* (antidialética e não objetiva). Esta última trará em si, naturalmente, a conotação falsa e mistificadora da ideologia da classe dominante na sociedade capitalista.

autor, essa perspectiva, ao privilegiar a transição histórica³, liga-se ao fenômeno da contradição que existe na realidade. Sendo assim, a dialética explica o conjunto de conhecimentos científicos partindo das partes em relação ao todo, sem considerar pontos de partida absolutos e problemas resolvidos. Isso porque ela considera que as verdades são parciais, pois sendo humanas são suscetíveis às transformações históricas, e só adquirem significado quando analisadas em relação ao todo. Em contrapartida, o todo só é compreendido quando se conhecem as verdades parciais.

Em nossa visão, ao adotarmos um método que alcança uma compreensão centrada na historicidade dos seres e dos processos em análises contínuas e dinâmicas da realidade, podemos superar e avançar no entendimento dessa realidade. Para Antonio Filho (1995, p. 8), “desta forma, o espaço deixa de ser tomado apenas como objeto, como se faz na perspectiva naturalista, ou mesmo como uma produção material da sociedade, numa visão coisificada, e passa a ser entendido como parte inerente do processo social.”

Outrossim, esse método também é sugerido por Goldman (1976) para a busca de explicações das obras-primas de literatura⁴. De acordo com as hipóteses desse autor, o comportamento do ser humano intervém nos acontecimentos da realidade, buscando respostas coerentes para eles. Logo, esse comportamento do ser humano apresenta uma estrutura significativa que tende a ser coerente, objetivando adaptar a realidade à sua necessidade. Tal estrutura se baseia em um processo elaborado previamente pelos indivíduos que, ao agirem modificando a realidade no cotidiano, desencadeiam de forma contínua a desestruturação de antigas estruturas (que não desaparecem por completo) e a criação de

³ O elemento essencial do método dialético é o movimento eterno que transforma permanentemente todas as coisas. Analisando o espaço geográfico sob esse enfoque, percebe-se que a história dos seres humanos agindo continuamente sobre a natureza revela o aspecto dinâmico do espaço geográfico e não congelado no tempo.

⁴ O método proposto por Goldman é apropriado para analisar obras-primas da literatura, que não podem ser estudadas somente no plano dos conteúdos, mas no plano da forma da obra e seu caráter histórico. Dessa forma, esse método possibilita compreender a relação entre as categorias que estruturam a obra literária, caracterizada pela coerência, e a coletividade, que é um sujeito social cuja consciência é organizada pelas categorias da sociedade.

novas estruturas para alcançar o reequilíbrio necessário, visando satisfazer as novas exigências dos grupos sociais. Desse modo, conclui-se que as transformações causadas pelos indivíduos, inseridos em diversos grupos sociais, explicam o surgimento e a caducidade dos modos de compreender a realidade.

Porém, o real sujeito causador desse processo não é o indivíduo, mas a coletividade⁵, definida por Goldmann como uma complexa rede de relações interindividuais, na qual cada indivíduo autônomo ocupa um lugar específico que vai ser perceptível em seu comportamento. É esse comportamento, que não é o do escritor, mas da coletividade, isto é, de um grupo social ao qual ele pertence, que nos permite compreender uma obra literária. Isso porque um escritor tende a assimilar as categorias mentais de um grupo social, que influencia todos os seus membros, e transferi-las para a sua criação literária. Para Goldmann (1976, p. 208):

[...] o caráter coletivo da criação literária provém do fato de as estruturas do universo da obra serem homólogas das estruturas mentais de certos grupos sociais, ou estarem em relação inteligível com elas, ao passo que no plano dos conteúdos, isto é, da criação de universos imaginários regidos por essas estruturas, o escritor possui uma liberdade total.

Assim, a obra literária é uma resposta significativa às expectativas de um grupo social e apresenta uma coerência para a qual tendem todos os membros desse grupo. Por isso, ela se caracteriza por ser um documento que possibilita a um grupo social entender as suas idéias, pensamentos e sentimentos em determinado contexto histórico e social. Goldmann (1967a, p. 24) argumenta ainda que uma obra literária “[...] é, por si mesma, um fato histórico da mais alta importância, em virtude da influência que teve, num certo momento e ainda agora logra manter, no modo de pensar e de sentir dos homens que constituem certos grupos sociais.”

Sobre os motivos de não associar a obra ao escritor que a concebeu, mas ao grupo social do qual ele faz parte, Goldmann (1967)

⁵ A perspectiva dialética, ao entender o sujeito real como a coletividade, supera e se diferencia de outras perspectivas, como a fenomenológica e a da psicanálise, que focam esse sujeito no indivíduo.

esclarece que os indivíduos (escritores), embora sejam os criadores das obras literárias e demonstrem grande sensibilidade para captar a realidade, raramente apresentam um pensamento coerente e unitário. Tal fato ocorre, principalmente, porque os escritores sofrem a influência do meio proveniente dos diferentes grupos sociais com os quais convivem e podem recusar as idéias desses grupos ou sintetizá-las com outras vindas do exterior. Contudo, segundo Goldmann (1967), embora existam vários grupos sociais que atuam na consciência e no comportamento de um escritor, só um deles favorece de fato a sua criação cultural. Esse grupo é o das classes sociais⁶, cuja consciência alcança uma visão global do ser humano e explica a estrutura essencial de uma obra. Goldmann (1967a, p. 86) se coloca, como partidário do materialismo histórico, crente de que a existência das classes sociais e a estrutura de suas relações de luta e equilíbrio é um fenômeno chave para a compreensão da realidade social passada e presente.

Desse modo, a análise sociológica de uma obra-prima de literatura não deve se restringir à relação entre o escritor e a obra, mas deve buscar esmiuçar os elos que a estruturam e vinculá-los à coletividade⁷. Isso porque as estruturas da obra que se amarram por esses elos são semelhantes às estruturas mentais de uma classe social, a qual elabora, na consciência de seus membros, respostas coerentes para a realidade⁸.

⁶ As classes sociais são grupos de pessoas que ocupam determinada posição em um sistema de produção. Essas classes se diferenciam por essa posição, mas também pela maneira como se relacionam com os meios de produção, pelo papel que desempenham na organização social do trabalho e pela proporção da riqueza social que recebem. Uma classe social pode apropriar-se do trabalho de outra pela posição que ocupa na sociedade. Disso, resultam relações antagônicas entre as classes. A classe dominante tem assegurado o poder da palavra (por exemplo, a encontrada em obras literárias) que respalda a exploração e a repressão da classe dominada.

⁷ Na mesma perspectiva de Goldmann, encontra-se Candido (2000, p. 127) ao entender que a literatura é coletiva, na medida em que requer certa comunhão de meios expressivos (a palavra, a imagem), e mobiliza afinidades profundas que congregam os homens de um lugar e de um momento para chegar a uma comunicação. Assim, não há literatura enquanto não houver essa congregação espiritual e formal, manifestando-se por meio de homens pertencentes a um grupo.

⁸ Uma obra não é a expressão de uma consciência coletiva pelo simples fato de ser compreensível somente a partir das relações de seu autor com o conjunto da vida social. [...] Um comportamento ou um escrito só se tornam expressão da consciência coletiva na medida em que a estrutura que exprime não é particular ao seu autor, mas comum aos diferentes membros constituintes do grupo social. (GOLDMANN, 1967, p. 107)

Tais respostas são denominadas por Goldmann (1967) de visão do mundo, sendo esta uma estrutura que só pode ser elaborada por uma classe social, embora se articule através de um escritor. Portanto, a visão do mundo não corresponde a fatos individuais, mas a fatos sociais, que são pontos de vista coerentes e unitários sobre o conjunto da realidade. Ela pode ser ideológica, quando endossa as intenções de poder da classe dominante, e utópica, quando se contrapõe a essas intenções. O indivíduo (escritor) capta essa visão do mundo e a transmite em sua obra literária. Logo, a visão do mundo:

[...] é o sistema de pensamento que, em certas condições, se impõe a um grupo de homens que se encontra em situações econômicas e sociais análogas, isto é, a certas classes sociais. Os filósofos e o escritor pensam ou sentem essa visão até suas últimas conseqüências e a expressam, através da linguagem, no plano conceitual ou sensível. (GOLDMANN, 1967, p. 110).

A visão do mundo que mostra os valores, correntes de pensamento e comportamentos da classe social do escritor, também se coloca entre a vida econômica da sociedade e as obras literárias. Desse modo, o estudo da estrutura dessas obras e a inserção dessa estrutura numa estrutura maior, que é a sociedade, é o caminho apontado por Goldmann, em sua sociologia da literatura, para explicar as condições sociais e históricas que possibilitaram a criação dessas obras.

Além da compreensão da visão do mundo, a biografia de um escritor é um fator importante a ser considerado no estudo de uma obra literária. Porém, a biografia não é fundamental para a explicação da obra, pois, na medida em que mostra apenas o valor individual do escritor, não revela a importância de uma obra literária em um contexto cultural, nem seu significado filosófico ou literário.

Nesse sentido, há escritores com imensa sensibilidade e capazes de captar a realidade, entreter, emocionar e informar o leitor. Goldmann (1967) os classifica como “escritores de gênio”. Para este autor, esses escritores se utilizam de forma subjetiva dos personagens que criam para transmitir suas idéias e valores que são, na verdade, os da sua classe

social. Sendo assim, é preciso contemplar na análise de uma obra literária, além da sua objetividade, os aspectos subjetivos relacionados à sua riqueza estética e à sua capacidade de comunicar emoções e sentimentos enquanto um produto artístico criado por um escritor de gênio.

Ademais, esse caráter subjetivo das obras literárias também revela a possibilidade de haver contradições no conjunto da obra de um escritor, devido ao fato de ela ter sido escrita na perspectiva do indivíduo. Essas contradições se manifestam em relação aos postulados que são dominantes em seu pensamento e que regem a sua visão do mundo. Sendo assim, o escritor pode conservar em seu discurso literário traços de correntes de pensamento que ele já superou, mas nas quais foi formado, ao mesmo tempo em que pode advogar novos paradigmas em sua forma de interpretar a realidade.

Assim sendo, o método cujo enfoque está no materialismo histórico e dialético apresentado por Goldmann, ao considerar os aspectos objetivos e subjetivos, é o que tem o melhor instrumental para nos guiar na interpretação da realidade retratada em uma obra literária, como a vasta obra infantil escrita por Monteiro Lobato, enfocada parcialmente nesta dissertação. Esse método também é o mais indicado para a compreensão efetiva do pensamento geográfico embutido na visão do mundo de um escritor, forjada em um determinado contexto histórico.

Em relação à técnica que será empregada para analisar a visão do mundo expressa na obra infantil de Monteiro Lobato, escolhemos a de seleção de palavras-chaves. De acordo com Mota (1980, p. 50):

Quanto ao procedimento técnico, foram detectadas formas de pensamento em que se veiculassem noções como a de 'civilização brasileira', 'cultura brasileira', 'cultura nacional', 'cultura popular', 'cultura de massa'. A partir da seleção do material empírico básico, foram realizados 'recortes' nos textos que indicassem os usos e significados dessas noções, no sentido de mascarar, justificar, desviar ou diagnosticar os processos vividos – dando relevo, em especial, àquelas formulações em que os agentes buscassem seu próprio posicionamento na situação cultural vivida: neste sentido, a análise busca, também, o dimensionamento político e social.

A técnica de seleção de palavras-chaves, utilizada por pesquisadores como Mota (1980), Bray (1993), Antonio Filho (1990, 1995) e Anselmo (1995), sendo os três últimos estudiosos do pensamento geográfico brasileiro, consiste em pinçar palavras ou expressões significativas da obra de um escritor, no caso Monteiro Lobato. Por meio dessa técnica, é possível avaliar, de forma privilegiada, os valores e idéias de diferentes correntes de pensamento que estruturaram a visão do mundo desse escritor em uma perspectiva espacial nos seus aspectos econômico, físico, político e cultural.

Reconhecemos a linguagem, que é o meio com a qual um escritor expressa a sua visão do mundo em uma obra literária, como um produto social e é, por intermédio dela, que ocorre a comunicação entre os sujeitos. Por isso, ao expressar essa relação entre indivíduos, a linguagem tem grande importância para os fatos sociais. Porém, ao mesmo tempo em que ela aproxima as pessoas, pode afastá-las, demonstrando as desigualdades nas relações sociais, uma vez que quem tem o poder é favorecido pelo uso da palavra, podendo, então, transmitir suas ideologias, idéias e visões do mundo.

Porque nas letras, como em qualquer outra dimensão da atividade humana, também atua o forte, ainda que nem sempre perceptível, fator político e ideológico, que toma como centrais algumas referências – geralmente aquelas associadas diretamente ao poder – e deixa as demais na condição de periféricas e portanto secundárias. (FISCHER, 2006, p. 9)

Desse modo, a linguagem é o elemento central de toda a atividade humana e, sendo assim, modela o conjunto das relações do seres humanos entre si e com a realidade. Sua importância está no fato de os indivíduos agirem sobre a realidade, utilizando-se de palavras, organizadas em discurso.

A forma discursiva sobre a qual se debruça a presente pesquisa é a literatura, em especial, a literatura infantil. Para Sevcenko (1983, p. 20), a literatura:

[...] é a porção mais dúctil, o limite mais extremo do discurso, o espaço onde ele se expõe por inteiro, visando reproduzir-se, mas expondo-se igualmente à infiltração corrosiva da dúvida e

da perplexidade. É por onde o desafiam também os inconformados e os socialmente mal-ajustados. Essa é a razão por que ela aparece como um ângulo estratégico notável, para a avaliação das forças e dos níveis de tensão existentes no seio de uma determinada estrutura social. Tornou-se hoje em dia quase que um truísmo a afirmação da interdependência estreita existente entre os estudos literários e as ciências sociais.

Sevcenko (1983) afirma, ainda, que a literatura é uma ferramenta que, se for bem utilizada, além de instruir e entreter o público, pode construir, representar e modelar o mundo de forma simbólica. Assim também acontece com a literatura infantil que, para Coelho (2000, p. 27), “[...] é, antes de tudo, literatura; ou melhor, é arte: fenômeno da criatividade que representa o mundo, o homem, a vida, através da palavra. Funde os sonhos e a vida prática, o imaginário e o real, os ideais e sua possível/impossível realização [...]”. Além disso, “[...] como objeto que provoca emoções, dá prazer ou diverte e, acima de tudo, modifica a consciência do seu leitor, a literatura infantil é arte. Sob outro aspecto, como instrumento manipulado por uma intenção educativa, ela se inscreve na área da pedagogia.” (COELHO, 2000, p. 46)

Para compreender esse caráter educativo da literatura infantil, nos amparamos em Nosella (1981), para quem a educação é um dos meios pelo qual se transmite a ideologia da classe dominante, inculcada nas crianças como sendo a única e verdadeira. Segundo essa autora, a literatura infantil, estando afinada com as diretrizes pedagógicas, também constitui um instrumento para transmitir essa ideologia às crianças, que estão em uma fase cognitiva na qual ainda não conquistaram discernimento suficiente para avaliar de maneira crítica as informações que recebem. Sendo assim, seus pensamentos, valores e visões do mundo serão estruturados por essa ideologia, ou melhor, serão moldados por ela por meio dos textos infantis.

Diante do exposto, podemos constatar que esses textos literários infantis trazem embutidos visões do mundo e ideologias transmitidas às crianças, formando seus “corações e mentes”. Porém, há poucos estudos esclarecedores a respeito do alcance ideológico desses textos na formação das crianças.

Essa situação também se reflete no tocante à obra literária infantil de Monteiro Lobato, a qual apresenta poucos estudos nessa perspectiva, além de se desconhecerem estudos que a analisam na perspectiva do pensamento geográfico brasileiro.

Essa lacuna talvez exista porque grande parte dos geógrafos não se dedica a analisar um gênero literário destinado ao público infantil como um veículo de transmissão de ideologias geográficas. Esse é um importante argumento para a realização da presente pesquisa, cujo enfoque é analisar o discurso geográfico presente na obra literária infantil de Monteiro Lobato. Veremos o prosseguimento dessa discussão, no próximo capítulo, a partir da análise do contexto histórico no qual viveu esse escritor.

3. O CONTEXTO HISTÓRICO NO QUAL VIVEU MONTEIRO LOBATO (1882-1948)

José Bento Monteiro Lobato viveu entre 18 de abril de 1882 e 04 de julho de 1948. Durante esse período, ocorreram intensas transformações nos campos econômico, político, social, científico e cultural, que causaram modificações significativas na sociedade brasileira.

O conjunto dessas transformações influenciou a produção literária da época, tornando-se um dos elementos estruturais da obra de vários escritores. Sevckenko (1983) denominou esses escritores de escritores-cidadãos, os quais refutaram os mitos românticos que encobriam a nossa realidade e dificultavam conhecer o Brasil, fazendo de sua literatura, sem dissociá-la da estética, um palco de análises de uma sociedade que experienciava tantas transformações. A literatura produzida por eles também pode ser considerada um instrumento de ação social e política que refletia o pensamento geográfico, uma vez que comungava o projeto elitista de construir um novo Brasil adequado ao contexto econômico mundial das primeiras décadas do século XX.

Nessa categoria de escritores-cidadãos, insere-se Monteiro Lobato, um intelectual representativo da sociedade em que viveu, por apontar um caminho para construir esse novo Brasil pautado na industrialização e na exploração dos recursos naturais presentes no território nacional, visando reverter seu subdesenvolvimento e melhorar a condição de vida da população brasileira. Esse escritor também se destacou por ter criado uma literatura infantil genuinamente nacional com as histórias do Sítio do Picapau Amarelo. Nessas histórias, Lobato se esmerou em divertir as crianças, ao mesmo tempo em que se dedicou a torná-las cidadãos conscientes de nossos problemas, educando-as e capacitando-as para governar, no futuro, o Brasil moderno que estava em gestação.

Sendo assim, para melhor compreender a visão do mundo embutida no pensamento geográfico desse escritor, é importante cotejar os principais acontecimentos do contexto histórico vivido por ele, que foram:

- a abolição da escravatura, ocorrida em 1888, seis anos após o nascimento do escritor;

- a mudança do regime monárquico para o regime republicano, que deu início à Primeira República, período marcado por uma rígida ordem oligárquica, que se estendeu de 1889 a 1930;

- a profusão de teorias importadas da Europa, que instrumentalizaram nossos intelectuais a interpretar o Brasil, gerando uma concepção negativa do país, atribuída à mestiçagem de sua população (“má qualidade do povo”);

- a mudança da visão da infância e o investimento na educação, projetado pelas elites para reverter o analfabetismo da população brasileira;

- o advento do Modernismo em 1922, movimento que, esteticamente, buscou criar uma identidade nacional, com o qual Lobato teve divergências mal interpretadas;

- a Grande Crise Econômica Mundial de 1929;

- o governo de Getúlio Vargas, que vigorou entre 1930 e 1945;

- a implantação dos primeiros cursos de Geografia no país, em 1934;

- o discurso progressista da classe dominante de industrializar o país e explorar nossos recursos naturais (ferro e petróleo);

- o alinhamento comercial do Brasil com os Estados Unidos em 1942;

- a ocorrência de duas guerras mundiais, que legou ao mundo um clima de pessimismo, além de mudanças estruturais, políticas, sociais e morais.

Nas próximas páginas, faremos um relato sucinto sobre esses acontecimentos e suas respectivas relevâncias para o contexto histórico vivido por Lobato.

3.1 - A ABOLIÇÃO DA ESCRAVATURA E A IMPLANTAÇÃO DA PRIMEIRA REPÚBLICA NO BRASIL

Monteiro Lobato nasceu em Taubaté, na época, a cidade mais importante do médio Vale do Paraíba paulista, em uma tradicional família representante da elite cafeeira dessa região, a então classe dominante da fase monárquica. Segundo Fausto (1985a), na ocasião do nascimento de Lobato, o Vale do Paraíba, que outrora fora a principal região produtora de

café do país, já estava em decadência⁹, causada pela exaustão do solo devido à adoção de práticas agrícolas rudimentares e pela crise do trabalho escravo. Essa crise foi desencadeada pela proibição do tráfico negreiro imposta pela Inglaterra, que passou a forçar a criação de um contingente de trabalhadores livres no hemisfério Sul para consumir seus excedentes de produção gerados pelos avanços tecnológicos trazidos pela Segunda Revolução Industrial.¹⁰

A proibição do tráfico negreiro teve como consequência direta a diminuição da mão-de-obra escrava na região cafeeira e o aumento de seu preço. Holanda (1982) esclarece que esse aumento de preço e a subsistência dos escravos passaram a ser desvantajosos para os fazendeiros do café, que presumiram o trabalho livre como uma opção econômica mais rentável.

Paralelamente a essa mudança de mentalidade dos fazendeiros, ocorreram no país vários movimentos de resistência negra para acabar com a escravidão, além de manifestos de muitos intelectuais que atribuíam a ela a razão de nosso subdesenvolvimento. Diante disso, intensificou-se no âmbito interno a pressão para dar liberdade aos cativos, fato que ocorreu efetivamente em 1888.

Sendo assim, mesmo sem ter ocorrido os pressupostos básicos da revolução burguesa, o fim da escravidão eliminou o entrave mais significativo ao desenvolvimento do modo de produção capitalista no Brasil, permitindo a implantação do trabalho assalariado e a ascensão da burguesia. No entanto, Holanda (1982) ainda nos informa que a implantação do trabalho assalariado no país foi gradativa, pois os escravos, vistos como a “raça inferior” que conspurcava a qualidade do povo brasileiro, não foram logo absorvidos como mão-de-obra remunerada no país. Essa atitude de desqualificar o trabalhador nacional negro demonstra, nos dizeres de Moraes

⁹ Segundo Ab'Sáber (1958), essa decadência podia e ainda pode ser vislumbrada nas paisagens taperas das fazendas e nas cidades “mortas” do Vale do Paraíba, que foram cenários de muitos contos adultos produzidos por Monteiro Lobato.

¹⁰ A Segunda Revolução Industrial marca o início da fase financeira e monopolista do capitalismo (ocorrida na segunda metade do século XIX). Ela se caracteriza pelo surgimento de grandes complexos industriais que utilizavam em seus processos de produção novas fontes de energia, como a eletricidade e o petróleo, além da tecnologia decorrente dos avanços científicos da época.

(1988), que a escravidão imprimiu para a sociedade brasileira “a desigualdade e a excludência social como regras básicas do convívio social.”

Sem trabalho no campo, uma parcela dos escravos foi para as cidades habitar as áreas centrais deterioradas e sobreviver de trabalhos eventuais. Em contraposição, uma outra parcela permaneceu no campo em situação de servidão ou como agregado, numa relação paternalista com o proprietário das terras, prestando-lhe favores sem remuneração para poder viver em terras alheias. Esse tipo de relação de trabalho era um entrave ao desenvolvimento socioeconômico do país e frustrou, em parte, os interesses ingleses de criar de imediato no Brasil um grande contingente de consumidores para seus produtos excedentes.

Diante da falta de mão-de-obra para trabalhar nas fazendas cafeeiras do promissor oeste paulista, os fazendeiros pressionaram as autoridades para incentivar a imigração. Assim, a partir de 1870, milhões de estrangeiros entraram no Brasil, especialmente europeus, que alteraram a configuração étnica, social e econômica do país. Esses imigrantes foram tanto absorvidos no trabalho agrícola quanto nas atividades urbanas (indústria, comércio e prestação de serviços), além de servirem ao propósito ideológico das autoridades de promover o branqueamento da população brasileira, composta majoritariamente de negros e mestiços nas últimas décadas do século XIX¹¹.

Todavia, o fim da escravidão não transformou somente a estrutura econômica e social do país, mas também a superestrutura política. Com isso, a monarquia já decadente pela corrupção e pelo endividamento da Coroa decorrente da Guerra do Paraguai, foi substituída por um novo sistema de governo: a República Federativa.

Embora seja exagerado creditar ao Positivismo todas as transformações ocorridas no Brasil no final do século XIX, a exemplo da implantação da República, convém salientar que o espírito positivista, que

¹¹ De acordo com o Censo Demográfico de 1872, a população brasileira era composta de aproximadamente 20% de negros, 42% de mulatos e 38% de brancos.

vigorou entre nossos intelectuais e dirigentes, foi o principal fundamento doutrinário¹² para que essa importante mudança política ocorresse no país.

Esse espírito invadiu as academias de Direito, as faculdades de Medicina, de Engenharia e as Escolas Militares. De algumas Escolas Militares, saíram oficiais que, imbuídos de idéias políticas inspiradas no Positivismo, queriam implantar reformas para promover uma modernização conservadora no país, por meio de uma ditadura republicana. Entre essas idéias, destacavam-se a implantação da ordem como base do progresso social, a defesa das liberdades individuais, a separação entre a Igreja e o Estado, visando diminuir o poder político da Igreja e integrar os imigrantes que não professavam a religião católica, a extinção da escravatura, a defesa do trabalhador e a educação universal. Diante disso, alguns desses oficiais do Exército, apoiados pelos cafeicultores do oeste paulista, adeptos do liberalismo e da autonomia regional, que queriam maior poder político à altura do seu poder econômico, implantaram o sistema republicano no Brasil, em 1889.

A República proporcionou maior autonomia aos estados para que arbitrassem pelos seus interesses particulares, descentralizando o poder das mãos do governo, que só intervinha nos estados para manter a ordem quando necessário. Após o afastamento do Exército, no governo de Campos Sales (1898-1902), configurou-se o poder hegemônico oligárquico paulista e mineiro, ambos estados produtores de café. Essas oligarquias, além de dominarem o poder nos seus estados pela política dos governadores, comandavam alternadamente a nação, durante a chamada política do café-com-leite. Logo, no Brasil, o poder não migrou do monarca para a classe burguesa nem para camponeses ou operários, mas permaneceu nas mãos de apenas uma classe social, que detinha grande representatividade política, enquanto as demais classes não tinham espaço para lutar por seus interesses.

¹² Holanda (1982, p. 330) explica que há um exagero sobre a influência positivista no Brasil. Houve os positivistas ortodoxos adeptos do Apostolado Positivista no Brasil, mas a maioria dos intelectuais aderiu somente ao espírito científico da época, imbuído das idéias de Comte. E foi essa maioria, os representantes do Positivismo difuso, que predominou no final do século XIX.

Desfrutando de um poder hegemônico, a oligarquia cafeeira fez dos seus interesses os interesses gerais da nação. Por isso, a maioria das decisões tomadas no país era para manter a economia cafeeira. Entre essas decisões, estava a de regenerar os centros urbanos, a exemplo do que ocorreu no início do século XX no Rio de Janeiro e em São Paulo, cidades consideradas vitrinas do Brasil no exterior. Essas cidades, que viviam no clima da *Belle Époque* nacional, precisavam ser modernas “a qualquer custo” para inspirar maior confiança nos investidores e credores internacionais que financiavam a cafeicultura brasileira e inserir o Brasil na economia mundial com o rótulo de um país moderno e cosmopolita.

De acordo com Sevcenko (1992), nesse afã modernizador, era preciso apagar o passado colonial e renegar a tradição. O alvo disso, no tocante à urbanização, foi a camada menos favorecida economicamente da população composta, sobretudo, de ex-escravos, a qual foi desalojada dos casarões antigos da área central, onde viviam desde o fim da escravidão. Esses casarões foram destruídos para dar lugar a um novo centro que pudesse ser desfrutado pela elite burguesa.

Assim, sem receber nenhuma indenização, essa parcela da população¹³ foi se instalar nas favelas localizadas em áreas periféricas. Nas áreas centrais, a paisagem urbana modificou-se com a implantação de infraestrutura, como a circulação de bondes, a eletricidade, a construção de viadutos e a abertura de avenidas, além de espaços de lazer, como jardins e praças.

Outra decisão tomada pela oligarquia republicana para manter a economia cafeeira foi a política de defesa do café, que permitia aos estados manipularem o preço desse produto no mercado externo, controlando sua oferta por meio da compra dos excedentes da produção com dinheiro público ou com empréstimos externos contraídos com o aval da União. Essa política também desvalorizava a moeda nacional para garantir maiores lucros

¹³ Sevcenko (1998, p. 31) comenta que, além da desapropriação dos espaços privados, os negros e outros grupos sociais marginalizados sofreram o aniquilamento de sua cultura, pois seus hábitos culturais remetiam ao passado colonial e “o passado, as tradições, os grupos populares e todos os sinais da sua presença se tornaram fontes de vergonha, mal-estar e indignação, manchas que conspiravam a ordem e o progresso”.

aos cafeicultores, favorecendo, com isso, as exportações de café¹⁴ (que eram direcionadas, sobretudo, para os Estados Unidos), mas encarecendo as importações de produtos consumidos pela população, sobre a qual imputava com a União a socialização das perdas dessa política de defesa do café.

Por outro lado, os altos lucros auferidos pelos cafeicultores foram canalizados para as atividades industriais, que tiveram um significativo surto, principalmente no final do século XIX e nos anos de substituição de importações da Primeira Guerra Mundial. Esses altos lucros também criaram as condições estruturais, como a construção de ferrovias e portos, para promover, na década de 1920, uma efetiva industrialização do país. Para Carone (1989), isso comprova o caráter empreendedor da oligarquia agrária paulista, que se dedicava tanto às atividades rurais quanto às atividades urbanas burguesas, como as industriais e as financeiras. Por isso fica difícil delimitar os interesses da burguesia agrária e industrial no contexto da Primeira República, pois ambas pretendiam manter, ao mesmo tempo, os privilégios do setor agrário e industrializar o país.

O fato é que a industrialização trouxe, simultaneamente, a urbanização das cidades do litoral e, em conseqüência, a mudança do modo de vida de suas populações que sentiam os efeitos das transformações capitalistas da economia. Além disso, a industrialização contribuiu para criar um mercado interno, gerando um ciclo de produção e consumo característico do capitalismo industrial. O interior, por outro lado, continuou retrógrado e arcaico, gerando um imenso contraste territorial no país.

Ademais, o trabalho nas indústrias impulsionou o surgimento da classe operária, que até 1920 era composta basicamente de estrangeiros, sobretudo italianos, cujo pensamento anarquista alargou a consciência política dos trabalhadores contribuindo para firmar o movimento operário brasileiro, ainda na Primeira República. Esse movimento, ao organizar sindicatos, congressos, promover greves e reivindicar direitos sociais e

¹⁴ Fausto (1995) informa que, ao longo da Primeira República, o café manteve o primeiro lugar na pauta das exportações brasileiras, com uma média em torno de 60% do valor total. No início dos anos 1930, o café representava em média 72,5% das exportações. Dependiam desse produto o crescimento e o emprego, a maior parte das divisas necessárias para as importações e para o pagamento da dívida externa.

políticos, passou a preocupar as elites, que temiam perder o poder criando, dessa forma, instrumentos repressores para contê-lo.

Durante a Primeira República, a indústria ficou exclusivamente dependente do patrocínio do café até a ocorrência da Grande Crise Econômica Mundial, em 1929, acontecimento que abalou a economia cafeeira e, em consequência, comprometeu a estrutura oligárquica política e econômica da Primeira República. Essa estrutura já vinha enfrentando dissidências internas, ao mesmo tempo em que eram questionadas pelas oligarquias regionais (Rio Grande do Sul e Paraíba, por exemplo), descontentes com o corporativismo e os privilégios dados aos cafeicultores. Grupos urbanos que almejavam reformas políticas no país, também a questionavam, ainda que de forma limitada.

Nessa conjuntura, os gaúchos apoiados pelos paraibanos e mineiros – insatisfeitos com a quebra do pacto do café-com-leite realizada por Washington Luís, que indicou um paulista à sua sucessão quando deveria ser a vez de um mineiro – formaram uma coligação chamada AL (Aliança Liberal), e lançaram a candidatura do gaúcho Getúlio Vargas às eleições de 1930.

O resultado das eleições (costumeiramente fraudulentas nessa fase política do Brasil), que deu vitória ao candidato do governo, deixou os membros da Aliança Liberal insatisfeitos. Com isso, eles buscaram o apoio dos tenentes, jovens oficiais do Exército oriundos das camadas médias da população, que também queriam derrubar o governo para construir um Estado forte e centralizador. Essa conjunção de forças conservadora e autoritária foi promotora de uma revolução no Brasil, ocorrida em outubro de 1930, mas que, nas palavras de De Decca (1992), já vinha sendo gestada desde 1928, período em que se intensificava a organização sindical e em que grupos políticos:

com propostas divergentes e diferentes – apareceram unidos em torno de um *acordo tácito* capaz de imprimir uma direção política à luta de classes através de dois delineamentos básicos: a luta contra o fantasma da oligarquia e a aceitação de Luis Carlos Prestes na liderança do movimento de oposição. (DE DECCA, 1992, p. 81)

3. 2 - O PERÍODO DE 1930 A 1945

3.2.1 - A REVOLUÇÃO DE 1930

Para Fausto (1985b), a Revolução de 1930 pôs fim à hegemonia do poder oligárquico cafeeiro e criou, gradualmente, uma nova configuração política no país, na qual se destacou a burguesia industrial, cujos representantes eram, em sua maioria, latifundiários. Durante o governo Vargas, também cresceu a atuação das Forças Armadas, em especial a do Exército, que forneceu ministros para auxiliar no comando da nação.

Durante seu mandato, Vargas enfrentou intensa instabilidade política devido à grande variedade de forças que gravitavam em torno do poder. No âmbito interno, os interesses dos tenentes em centralizar o poder e promover reformas no país chocavam-se com os interesses conservadores das oligarquias agrárias. A classe operária, representada por uma agremiação partidária, o BOC (Bloco Operário e Camponês), também queria ver suas reivindicações atendidas, preocupando a burguesia industrial.

No âmbito externo, o governo enfrentou movimentos de oposição, como a Revolta Constitucionalista de 1932, cujos líderes eram membros da oligarquia paulista, que perdeu seu poder hegemônico para a Aliança Liberal. O governo também se defrontou com movimentos radicais de ideologias diferenciadas, como a ANL (Aliança Nacional Libertadora) liderada por Luís Carlos Prestes – tenente rebelde de orientação comunista que chefiou a Intentona Comunista, em 1935 – e o integralismo, de caráter fascista, liderado por Plínio Salgado.

Pinheiro (1985) informa que essa instabilidade política existia porque nenhuma das classes sociais conseguia impor hegemonicamente seu poder sobre as outras, como fez a oligarquia cafeeira na Primeira República. Em virtude disso, Vargas governou o país atendendo a uma série de reivindicações para contemplar os interesses contraditórios dos grupos que estavam no poder. Político habilidoso, ele favoreceu as classes trabalhadora e burguesa, sem chocar-se com o Exército e com a elite cafeeira – a qual não perdeu totalmente seus privilégios anteriores. Essa estratégia foi a base do seu populismo, que vigorou durante toda a era Vargas.

Segundo Weffort (1989), essa política populista passou a considerar as classes trabalhadoras como parceiras fundamentais para o funcionamento do regime. Por isso, Vargas atendeu às reivindicações da classe operária que já vinha se articulando para conquistar seus direitos, instituindo medidas de proteção ao trabalhador. Simultaneamente, ele enfraqueceu o movimento operário coibindo as greves no país – recorrentes desde a década de 1910 –, perseguiu membros do Partido Comunista e atrelou os sindicatos ao Estado. Com essas medidas, Vargas forneceu à burguesia industrial uma classe proletária domesticada, cuja mão-de-obra era viável economicamente. De Decca (1992) informa que, diante da necessidade de institucionalizar a questão social, o *tema da democracia* aparece nas propostas políticas da década de 1930.

Em seu governo, Vargas diminuiu a autonomia dos estados visando enfraquecer o poder oligárquico cafeeiro, mas manteve a política de defesa do café, porém, comandada pelo governo federal, por meio do CNC (Conselho Nacional do Café). Ele também interveio na economia promovendo um salto na industrialização brasileira por meio da diversificação do parque industrial e do desenvolvimento de uma indústria de base. De acordo com De Decca (1992), a burguesia industrial não foi a única classe social a assumir em seu discurso o *tema da industrialização* no país.

Para esse autor, desde 1928, a industrialização era condição fundamental para que o Brasil não se sujeitasse a dois grandes perigos do século XX, que poderiam destruir a identidade nacional: a luta de classes e o colonialismo. Logo, a necessidade de industrializar o país, entendida como fator de conservação nacional e de progresso, estava presente no discurso de diferentes grupos políticos e não apenas no discurso da burguesia industrial.

Vargas governou o país até meados de 1934, quando foi promulgada uma nova constituição estabelecendo o fim de seu mandato para 1938, data em que haveria eleições diretas para escolher um novo presidente. Porém, apoiado pela alta cúpula do Exército que almejava uma ditadura para combater o comunismo, promover a ordem, o desenvolvimento econômico e o bem-estar da população, Vargas, utilizando como bode

expiatório uma provável insurreição comunista¹⁵ no país, promoveu o golpe de 1937.

3.2.2 - O ESTADO NOVO (1937-1945)

Na década de 1930, diante da conjuntura internacional da fase entreguerras, o autoritarismo ganhou força no Brasil, com forte inclinação ideológica fascista, preconizando um Estado forte, a repressão e a violência, o nacionalismo, o racismo e a propaganda ideológica. Em 1937, seguindo essa tendência, iniciou-se no Brasil um período de ditadura: o Estado Novo, que recebeu essa denominação porque a intenção das elites era a de construir um novo país.

Segundo Diniz (1986, p. 84), o Estado Novo foi uma alternativa “para resguardar as posições econômicas dos grupos tradicionais, favorecendo, ao mesmo tempo, a marcha dos setores emergentes, particularmente a burguesia industrial”. Como ditador, Vargas outorgou em 1937, uma nova constituição de inspiração fascista para o país - conhecida como A Polaca. Com essa constituição, o governo federal intensificou seu poder, aboliu partidos políticos, impôs severa censura aos meios de comunicação, perseguiu seus opositores, incluindo os suspeitos de serem comunistas.

No campo econômico, Vargas reforçou ainda mais o papel do Estado como investidor, a fim de criar uma estrutura para a expansão capitalista, com uma política nacionalista de industrialização e de autonomia energética, visando a produção de ferro, aço e petróleo. Essa visão também era compartilhada pela burguesia industrial que, sem recursos para investimentos dessa proporção, aceitava a interferência estatal.

Como fruto dessa política industrial, Vargas implantou a Usina Siderúrgica de Volta Redonda em 1941, no Rio de Janeiro, obtendo dos Estados Unidos os recursos financeiros necessários para essa implantação. Dessa negociação, resultou o alinhamento comercial definitivo do Brasil com os Estados Unidos em 1942, embora o governo brasileiro tivesse nítida

¹⁵ O plano Cohen, um documento forjado pelos integralistas que alardeava o início de uma insurreição comunista no país, foi o pretexto para promover o golpe ditatorial por Vargas.

inclinação ideológica fascista. A partir de então, nosso país passa a apoiar os países aliados na Segunda Guerra em troca dos recursos e da tecnologia necessários para construir uma siderurgia no país. Já a questão do petróleo foi resolvida somente em 1953, quando ficou definido o monopólio estatal absoluto de produção e refino do petróleo, pela Petrobras, não permitindo que empresas privadas explorassem esse recurso, como era o desejo de Monteiro Lobato.

No tocante à legislação trabalhista, Vargas continuou a enfraquecer o movimento operário, concedendo benefícios inspirados na “Carta del Lavoro” de caráter fascista e utilizando, por meio do rádio, uma propaganda ideológica forte, a fim de criar uma imagem de “pai dos pobres”.

Moraes (1988) argumenta que no Estado Novo se reforçou a consciência de brasilidade por meio de uma política cultural oficial fortemente nacionalista. Para conduzir essa política, Vargas admitiu em seu governo alguns intelectuais para criar programas de ensino, legislações e propagandas ideológicas de acordo com a retórica do autoritarismo. Ainda Moraes (1988) esclarece que a nacionalidade brasileira é construída, nessa fase, sobre a noção de território e não de população ou unidade cultural.

O Estado Novo vigorou por apenas oito anos quando se desestruturou em virtude da atitude contraditória de um governo de inclinação fascista apoiar os aliados para combater o nazismo e o fascismo na Segunda Guerra Mundial. Diante disso, em 1943, a elite mineira passou a reivindicar a democratização do país, tendo o apoio de figuras do governo e do Exército que também queriam essa abertura. Dessa forma, em 1945, ano da derrota do nazismo na Europa, o país entra em uma nova fase: a da redemocratização, que deu continuidade à mesma configuração do poder que vigorou no regime ditatorial.

3.3 – A VISÃO DA INFÂNCIA E A EDUCAÇÃO NAS PRIMEIRAS DÉCADAS DO SÉCULO XX

Também é importante, dentro do contexto histórico vivido por Lobato, discorrer sobre a visão da infância e o projeto de educação elaborado

para o Brasil nas primeiras décadas do século XX. Esse panorama permite compreender as inovações trazidas pela obra infantil de Monteiro Lobato no contexto histórico em que ela foi escrita.

Até meados de 1915, a infância era vista pela sociedade brasileira como uma mera fase de transição para o mundo dos adultos. Mauad (1999) informa que as crianças da elite que conseguiam sobreviver às doenças pueris recebiam uma educação rigorosa. Para as meninas, essa educação tinha início aos sete anos e era finalizada no matrimônio, que acontecia ainda na adolescência. Esse tipo de educação as preparava para administrar o universo doméstico.



Figura 1 – Lobato e suas irmãs posando para a fotografia como “adultos em miniatura”. (Reprodução de CAVALHEIRO, 1955a)

Já os meninos da elite (como foi Monteiro Lobato) deveriam ser educados para trabalhar a serviço dos interesses da nação. Também aos sete anos, iam para os colégios católicos ou Escolas Militares, a fim de receberem instrução formal ou as recebiam em casa por preceptores, geralmente estrangeiros, contratados pela família. Em ambas circunstâncias, o professor era a figura central e sua metodologia previa castigos corporais, memorização de conteúdos e alunos passivos no processo de aprendizagem.

Nota-se que a idéia de alegria e de prazer na aprendizagem era inimaginável nas escolas brasileiras das primeiras décadas do século XX.

Nos colégios católicos, em especial, era ministrada a educação religiosa – criticada por Lobato que fora estudante em um desses colégios na infância – por ser uma das causas do obscurantismo de nossa sociedade. Isso porque, segundo Vasconcellos (1982, p. 117), Lobato entendia a educação religiosa como um poderoso instrumento ideológico da classe dominante, aplicado nas crianças para cercear-lhes a liberdade de pensamento, camuflar os reais problemas do país, difundir uma moral tradicional e, com isso, manter o *status quo*.

Logo no início do período republicano, as disciplinas ensinadas para as crianças da elite que freqüentavam a escola eram, com maior ênfase, as línguas estrangeiras (principalmente, o francês com o qual se comunicavam professores e alunos em sala de aula), noções de cálculo, Geografia e História e, por fim, o ensino da Língua Portuguesa. A Geografia, em especial, ganhava destaque nas escolas dessa fase, porém, seu programa de ensino contemplava a memorização e a enumeração de fatos sem significados para os alunos, uma vez que eles não se relacionavam com a realidade próxima deles.



Figura 2 – A rígida disciplina de uma aula na Escola Caetano de Campos, em São Paulo, no início do século XX. (Acervo da Divisão do Arquivo do Estado – Departamento de Artes e Ciências Humanas, São Paulo – SP).

Na década de 1930, incorporou-se a essa Geografia uma metodologia de ensino, na qual se contemplavam as aulas práticas de observação, a análise dos fatos partindo da escala local para a global, a consulta de atlas, entre outras inovações. No entanto, isso não reestruturou significativamente o ensino de Geografia que continuou enfatizando descrições e nomenclaturas, sem explicar os fenômenos em sua complexidade e sem desenvolver a criticidade nos alunos. De acordo com Andrade (1993), um efetivo movimento de renovação da Geografia e do ensino dessa disciplina só ocorreu a partir da década de 1960, quando passaram a ser buscados novos paradigmas para essa ciência.

Ainda de acordo com Mauad (1999), para as crianças da elite que recebiam instrução formal, havia poucas opções de livros de literatura infantil. Os poucos livros que existiam não as atraíam, pois não vislumbravam o imaginário e tinham o intuito de formar o caráter, valorizar o trabalho e criar consciência patriótica, por meio de um discurso ufanista. Além disso, ao retratarem a sociedade pós-abolição, excluía negros e mestiços de seus enredos, por representarem um Brasil atrasado que deveria ser superado.

A maior parte das crianças menos favorecidas economicamente, em geral, negras, mestiças e imigrantes, nem sequer instrução formal recebiam e nem os livros infantis faziam parte de seu cotidiano. Muitas delas trabalhavam nas fábricas que estavam surgindo nos grandes centros urbanos do país, realizando trabalhos insalubres e mal remunerados. Já as crianças negras eram ainda mais desprezadas pela sociedade brasileira, pois a abolição da escravatura não teve força para modificar a visão que essa sociedade tinha do negro¹⁶.

Contudo, a pequena parcela das crianças menos favorecidas economicamente e da classe média que conseguia freqüentar a escola na Primeira República era submetida a uma estruturação do ensino bastante seletiva, que contribuía para manter o poder hegemônico oligárquico. Isso porque a educação primária, também freqüentada pelas crianças das classes populares, era de responsabilidade dos estados, que não direcionava

¹⁶ Em 1920, Lobato escreveu um conto para adultos intitulado *A negrinha*, no qual é bastante perceptível a forma cruel com que as crianças negras eram tratadas na sociedade brasileira.

recursos suficientes para mantê-la e, por isso, essa educação caracterizava-se pela má qualidade e ineficiência. Já o ensino médio que também recebia investimentos da iniciativa privada era, em muitos casos, pago e limitado aos jovens das classes abastadas, gerando, assim, dificuldades para os jovens menos favorecidos economicamente ascenderem socialmente por meio do estudo. A educação superior cursada pelos jovens da elite era de responsabilidade da União, interessada em formar profissionais liberais e dirigentes da nação. Por isso, para esse nível de escolarização eram direcionados recursos suficientes.

Segundo Nagle (1985), a partir de 1915, esse modelo de educação passou a preocupar uma parcela da elite desiludida com a República e sua forma de governar o país que, ao realizar escassos investimentos na educação, mantinha o povo brasileiro analfabeto (70% da população) e, conseqüentemente, dificultava a modernização do país. Além disso, essa parcela da elite almejava, por meio da educação, construir uma identidade nacional, pois:

o sentimento de 'pertencimento' é construído e, mesmo que não mantenham contato umas com as outras, as pessoas são envolvidas por esse sentimento de pertencer a um grupo, a um lugar, a um território comum a todos. O ensino primário é destacadamente fundamental na construção desse sentimento de pertencimento ou dessa identidade nacional. É por meio da Educação que se transmite uma língua comum, um conjunto de tradições, imprescindíveis para se *plasmar* a Nação. (ANSELMO, 2002, p. 248)

A visão dessa parcela da elite também era de que a educação em massa resolveria os demais problemas do país, pois somente uma população alfabetizada saberia votar, escolher seus governantes e servir como mão-de-obra qualificada para trabalhar na indústria nacional. Nesse contexto, era preciso promover uma urgente reforma educacional para erradicar o analfabetismo por meio do ensino público, gratuito e laico, metas do liberalismo burguês.

Em paralelo a esse entusiasmo pela educação, ocorreu o fortalecimento da classe burguesa no país e o progresso de estudos científicos na Europa sobre a infância, que concluíram sobre a singularidade

dessa fase da vida. Esses fatores contribuíram para modificar a visão da infância no Brasil. Nesse contexto, os dirigentes passaram a buscar na Europa e nos Estados Unidos modelos de educação que se adequassem a esse novo entendimento da infância, objetivando realizar reformas educacionais no país. Para Cotrim (1989), entre esses modelos, o que mais se destacou foi o da Escola Nova, um movimento pedagógico global que pretendia substituir a pedagogia tradicional por uma educação liberal, preocupada em desenvolver a personalidade integral do indivíduo e despertar sua participação ativa no processo ensino-aprendizagem.

Um dos maiores expoentes mundiais da Escola Nova foi o norte-americano John Dewey (1859-1952) e, com base em suas idéias, que esse movimento foi implantado no Brasil. De acordo com Cotrim (1989), Dewey propunha a educação pela ação, pois somente na prática o conhecimento seria significativo para os alunos. Ele previa que, nessa forma ativa de educar, era importante conhecer a natureza da criança e seus interesses para que o esforço de aprender fosse substituído pelo interesse em aprender.

O método de ensino da educação ativa não separava o estudo do lúdico, a teoria da prática, o trabalho intelectual do manual e nem os conteúdos das disciplinas. Nesse método, o professor deixava de ser a figura central para ser mediador no processo ensino-aprendizagem, valorizando os interesses da criança e estimulando-a a aprender pela sua própria experiência. Para Dewey, a educação também era um poderoso instrumento de reconstrução da sociedade e a escola deveria representar o projeto de uma sociedade ideal. Por isso, ele propunha a implantação de escolas onde os alunos pudessem conviver de forma democrática e em espírito de participação social.

Essas idéias apregoadas por Dewey foram adequadas, especialmente, para os interesses da burguesia industrial, intelectuais da classe média e tecnocratas, classes que almejavam a integração nacional e a capacitação da população brasileira. Sendo assim, elas também influenciaram Monteiro Lobato, que vislumbrava na educação democrática um dos caminhos para o progresso do país, embora discordasse dos

escolanovistas quanto à intervenção do Estado ditando programas de ensino para o país.

No próximo capítulo, apresentaremos diferentes aspectos do pensamento desse escritor e também as características do Sítio do Picapau Amarelo, um lugar ficcional onde se passam suas histórias infantis. Muitas dessas histórias têm como propósito contribuir para melhorar a qualidade da educação das crianças brasileiras, especialmente as da elite, dinamizando o ensino das disciplinas escolares. Entre essas disciplinas, está a Geografia, que sendo uma ciência voltada para o estudo do espaço, teria importante papel para orientar o progresso do país.

4. O PENSAMENTO DE MONTEIRO LOBATO

No presente capítulo, vamos discorrer acerca da biografia de Monteiro Lobato, a fim de compreender fatos de sua vida e o processo de formação de seu pensamento. Monteiro Lobato foi um representante da elite agrária (e posteriormente industrial), que recebeu a educação formal comum aos jovens de sua classe social, tendo sido influenciado por muitas idéias, correntes de pensamento e ideologias vigentes no Brasil e no mundo até meados do século XX.

Além de escritor, ele foi promotor de justiça, fazendeiro, tradutor, adido comercial e empresário da indústria editorial e petrolífera, atividades que também contribuíram para que ele criasse, no plano artístico, uma obra literária infantil que se equipara às obras clássicas universais produzidas para as crianças.

Neste capítulo, também é possível perceber a evolução e as contradições da visão do mundo que Monteiro Lobato inseriu em sua obra infantil.

4.1 – LOBATO NAS DUAS PRIMEIRAS DÉCADAS DO SÉCULO XX

No início do século XX, a intelectualidade brasileira buscava na ciência o diagnóstico para nossos males, amparada em teorias que vinham sendo importadas da Europa desde 1870, como os Positivismos, o Utilitarismo, o Liberalismo, o Humanismo etc. Essas teorias adquiriram um caráter progressista em um país onde vigorava o atraso e o obscurantismo.

Nesse contexto, Lobato concluiu seus estudos superiores em 1904, como aluno da Faculdade de Direito do Largo do São Francisco, localizada na capital paulista, a mais importante e tradicional instituição de ensino do país¹⁷. Ainda como estudante e ávido leitor de novidades literárias

¹⁷ A Faculdade de Direito do Largo do São Francisco, que após 1934 passou a integrar a Universidade Estadual de São Paulo, era um centro de irradiação de idéias científicas e a principal formadora do quadro dirigente do país. De “seus estudantes ou de seus egressos, partiram os principais movimentos políticos da História do Brasil e [...] emergiram nove Presidentes da República, vários governadores, prefeitos e outras figuras de proa.”

e científicas que se proliferavam pelo mundo, ele iniciou sua carreira literária, escrevendo contos, artigos e crônicas para jornais do interior e da capital paulista.

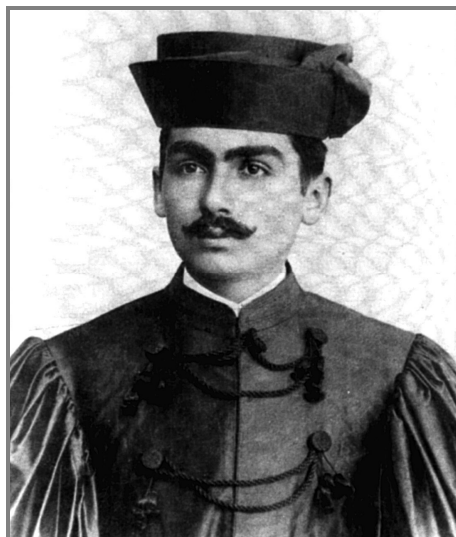


Figura 3 – Lobato após colação de grau, em 15 de dezembro de 1904. (Reprodução de CAVALHEIRO, 1955a)

Em 1941, já famoso como escritor, Lobato comentou, em uma entrevista concedida ao jornal *O Estado de São Paulo*, quais foram os principais pensadores que influenciaram suas idéias nessa fase de formação intelectual e início de carreira literária. Alguns desses pensadores foram Gustave Le Bon, Auguste Comte, Herbert Spencer e, especialmente, Friedrich Nietzsche. Essas influências, descritas a seguir, contribuíram para forjar a visão do mundo de Lobato e lapidar seu estilo de escritor.

4.1.1 – O POSITIVISMO DE AUGUSTE COMTE

Auguste Comte (1798-1857) foi o fundador do Positivismo, uma corrente filosófica que pretendia reorganizar o conhecimento humano criando um novo humanismo fundado na ciência. Também criou a religião da humanidade que apregoava valores altruístas, como o pacifismo, a reforma ao invés da revolução e a igualdade. O Positivismo era fruto do Cientificismo, que difundia a idéia de progresso e do Empirismo, que analisava os fatos por meio da experiência sensorial. Lins (1965, p. 58) complementa dizendo que o Positivismo influenciou profundamente o mundo civilizado “expressando

algumas das tendências mais características de nosso século”, inclusive a Geografia, pois foi com seu instrumental teórico e metodológico que ela foi sistematizada como ciência, em meados do século XIX.

Lins (1965, p. 34) coloca, ainda, que Comte realçou a importância do método sobre a doutrina e depurou os elementos metafísicos (subjetividade) na análise da realidade, só considerando nessa análise o que era passível de verificação e de mensuração¹⁸. Ele não pretendia, portanto, entender as causas, finalidades e nem a essência dos fenômenos, mas buscar suas leis gerais. Por isso, para Comte, o cientista que observa os fenômenos em busca dessas leis deve ser um simples espectador e realizar suas análises com neutralidade, sem aplicar juízo de valor.

Com o Positivismo, passaram a ser questionadas e reavaliadas as instituições do Estado liberal e a democracia, visto que, no entender de Comte, o governo deveria ter um caráter ditatorial, mas sem se estender à esfera espiritual da sociedade. Comte também se preocupava com a questão social, pois ele era anti-escravista e atribuía ao Estado o dever de controlar a mais-valia dos industriais e garantir direitos aos trabalhadores. No entanto, entendia que eram os ricos que deveriam zelar, via administração pública, pelo bem-estar dos menos favorecidos economicamente.

Comte também demonstrou, em sua obra *Curso de Filosofia Positiva* (1830-1842), que o pensamento humano atravessou três estágios (teológico – fenômenos explicados pelo sobrenatural; metafísico – fenômenos explicados por forças abstratas; positivo ou científico – fenômenos explicados pelas leis já demonstradas pela experiência). O estágio positivo ou científico constituía a lei fundamental de sua doutrina. Dentro dessa lei, Comte só reconhecia como ciência as exatas e biológicas. Por isso, foi com base nos pressupostos da Biologia, que ele interpretou a sociedade compreendendo-a como um organismo com partes diferentes, mas coesa. Ao sistematizar a Sociologia, Comte a dividiu em duas áreas: a estática social, fundamentada na ordem; e a dinâmica social, no progresso. Dessa sistematização, nasceu o

¹⁸ O Positivismo é uma filosofia determinista que professa, de um lado, o experimentalismo sistemático e, de outro, considera anti-científico todo o estudo das causas finais. Assim, admite que o espírito humano é capaz de atingir verdades positivas ou da ordem experimental, mas não resolve as questões metafísicas, não verificadas pela observação e pela experiência. (RIBEIRO JR, 1982. p.16)

lema da Bandeira do Brasil: “Ordem e Progresso”, de nítida inspiração positivista.

No Brasil, as idéias positivistas tiveram grande repercussão desde meados do século XIX até o final da Primeira Guerra Mundial, quando entraram em declínio, influenciando inclusive a mudança de nosso regime político, conforme explicitado no capítulo 1.

4.1.2 – AS TEORIAS RACISTAS IMPORTADAS DA EUROPA

A intelectualidade brasileira e a oligarquia agrária, com seu projeto de modernizar o Brasil sem alterar a configuração de poder hegemônico na qual se sustentavam, encontraram respaldo para esse convívio da tradição com a modernização, nas teorias racistas em voga na Europa e nos Estados Unidos.

Essas teorias adquiriram *status* de ciência ao se embasar, principalmente, em métodos da Biologia para as explicações sociológicas. Elas preconizavam, em seu aspecto otimista, o progresso como caminho para a modernização da sociedade e tendiam a justificar a concorrência capitalista por meio de um discurso ideológico de luta pela vida e sobrevivência dos mais fortes. Em sua vertente pessimista, essas teorias divulgavam a idéia de desigualdade entre as “raças” e de superioridade da “raça branca” (ariana) sobre as demais.

Na interpretação da realidade brasileira sob a ótica dessas teorias racistas, predominou uma imagem pessimista do país, devido à mestiçagem de “raças inferiores” que se sobressaiu na formação populacional brasileira e a presença do elemento negro. Com isso, a maioria de nossos intelectuais atribuiu o atraso do país à “má qualidade” do povo brasileiro.

Alguns pensadores que preconizavam essas teorias racistas influenciaram o pensamento de Monteiro Lobato. Entre eles, destacam-se Herbert Spencer, Gustave Le Bon e Oliveira Vianna. Este último, embora não tenha sido citado na entrevista dada por Lobato, era considerado por esse

escritor, um grande intelectual cujas idéias apontavam um caminho para salvar o Brasil de seu subdesenvolvimento.

4.1.2.1 – HERBERT SPENCER E O DARWINISMO SOCIAL

Herbert Spencer (1820-1903) foi um filósofo que se sobressaiu na escola Positivista inglesa. Spencer lançou as bases do evolucionismo social fundamentado nas idéias de Charles Darwin sobre a evolução das espécies, do Positivismo comteano com seu organicismo e empirismo somados às idéias do individualismo liberal.

Spencer acreditava que o Estado era um organismo que evoluía de um estágio militar e autoritário para um estágio industrial, civil e liberal. Para ele, o Estado deveria intervir o mínimo possível na sociedade, cumprindo apenas as funções essenciais para que ela pudesse evoluir naturalmente. À medida que os indivíduos se desenvolvessem moralmente, tendo como modelo de moral a positivista e não a de origem divina, a atuação do Estado na condução da sociedade seria desnecessária.

Spencer também foi influenciado por Malthus e acreditava que o aumento de indivíduos em uma sociedade incentivaria a luta pela sobrevivência, ocasionando o progresso, uma vez que maneiras racionais deveriam ser encontradas para garantir a subsistência dos indivíduos. Nessa luta pela sobrevivência, permaneceriam os mais fortes física e emocionalmente e, com isso, haveria um “aprimoramento da raça” transmitido para as gerações. Bosi (2005) argumenta que os valores altruístas pregados por Comte, de praticar a solidariedade, contrapunham-se diretamente a esse espírito competitivo do evolucionismo social, que identificava na competição o motor da evolução, caracterizando o *struggle for live*.

Essa postura filosófica de Spencer corresponde ao darwinismo social que está presente na literatura infantil lobatiana. Segundo Antonio Filho (1990), os racistas encontraram nessa postura respaldo para justificar a superioridade da “raça branca” que, segundo eles, teve êxito na luta pela sobrevivência em relação às outras raças. Essas idéias também justificavam o nacionalismo e o imperialismo, pois as nações do planeta também eram classificadas de acordo com essa concepção de competitividade. Por isso,

alguns países, por terem maior destreza no domínio da natureza, eram naturalmente destinados a dirigir, enquanto outros precisavam ser civilizados e dirigidos pelos dominantes.

4.1.2.2 –GUSTAVE LE BON E A MESTIÇAGEM

De acordo com Campos (1986), Gustave Le Bon (1841-1931) foi um psicólogo francês que apregoava a idéia de que os traços biológicos das raças humanas conferiam a elas diferentes traços psicológicos e culturais, que eram herdados pelas gerações. Le Bon também entendia que o clima era um fator favorável para a permanência desses traços que só se modificariam por alguns fatores, como o cruzamento inter-racial.

Para ele, ao ocorrer esse cruzamento, as características das duas raças iriam se justapor e não resultariam em uma outra característica diferente. Nesse raciocínio, se indivíduos muito diferentes se cruzassem, não haveria a fusão de suas características psicológicas, mas uma combinação, que poderia ser vantajosa ou prejudicial a um país.

Desse modo, para Le Bon, essa combinação foi vantajosa em vários países da Europa onde o cruzamento inter-racial ocorreu entre indivíduos com características complementares, ou seja, as qualidades de uma das raças complementaram as qualidades da outra raça, gerando um todo homogêneo. No entanto, esse cruzamento foi prejudicial para países como o Brasil, que foi colonizado por “raças muito diferentes” em termos de civilização: o português junto ao indígena e ao negro africano. Ao ocorrer o cruzamento entre essas raças, as características contrárias dos pais eram herdadas por um mestiço que dificilmente teria boa conduta. Essa visão de Le Bon fundamentou a idéia da degenerescência e da incapacidade dos mestiços. Sendo assim, influenciado por essas concepções de Le Bon, Lobato construiu em sua literatura, com ênfase na direcionada aos adultos, o discurso de que a mestiçagem era a causa do atraso brasileiro.

4.1.2.3 - OLIVEIRA VIANNA E SUAS CONCEPÇÕES SOBRE O BRASIL E O POVO BRASILEIRO

Oliveira Vianna (1883-1951) foi um intelectual extremamente conservador e autoritário, cujas idéias tiveram influência no pensamento geográfico brasileiro e nos estudos geopolíticos sobre o país entre as décadas de 1920 e 1940, estendendo-se até a década de 1960. Ele estruturou a legislação trabalhista do governo Vargas e suas idéias endossaram as ditaduras ocorridas no país.

Embora Oliveira Vianna (autoritário) e Monteiro Lobato (liberal e contestador) tenham sido representantes de pólos ideológicos opostos, percebe-se a influência de Vianna nas idéias de Lobato. Isso porque Lobato, que foi editor de muitas obras de Oliveira Vianna e admirador confesso de suas concepções, também se incumbiu da tarefa de forjar nossa identidade nacional e considerava o povo (Jeca Tatus e Tias Nastácias) refratário à civilização, assim como Oliveira Vianna. Para Vianna, o povo era:

uma vasta congerie humana, acumulada nas cidades ou dispersa pelos campos e sertões; congerie de desplantados, de infixos, de seminômades, de servilizados, sem pão, sem terra, sem vontade, sem consciência cívica [...] (apud ANSELMO, 1995, p. 88)

Vianna entendia que a oligarquia agrária de “raça branca” era a classe social mais evoluída do país, em contraposição às classes menos favorecidas economicamente, compostas majoritariamente de negros e mestiços, além de indígenas. Vianna os considerava inferiores e indolentes, características facilitadas pelo clima tropical que lhes proporcionava o sustento sem muito trabalho. O negro, em especial, era incapaz de absorver a cultura ariana, por ser decadente, simiesco e ter uma mentalidade infantil.

Esse entendimento de Vianna fez com que ele, influenciado pelas idéias de Gobineau, propusesse a política racial de branqueamento da

população¹⁹, solução para tornar o Brasil uma civilização evoluída, a exemplo da européia e norte-americana (a qual Vianna, assim como Lobato, adotava como modelo). Para Vianna, somente o cruzamento com os brancos faria os negros e mestiços absorverem a cultura ariana, desde que governados por uma classe política também ariana. Para isso, essa classe dirigente deveria ser reeducada e esclarecida para comandar o país e forjar uma identidade nacional, idéia também defendida por Lobato.

Outrossim, conforme Anselmo (1995, p. 5), as idéias de Vianna também colaboraram para modernizar a economia e conhecer a realidade brasileira. Dessa forma, Vianna contribuiu com a Geografia ao analisar alguns fenômenos do espaço geográfico sustentado pelas idéias ratzelianas, como as relações sociedade e natureza, mobilidade populacional, organização do território, identidade do espaço brasileiro e a posição do Brasil no contexto internacional.

Vianna também pensava que o crescimento econômico traria bem-estar social à população e que não poderia haver revoluções para que o Brasil atingisse seu desenvolvimento, mas harmonia de interesses, daí suas proposições para criar uma nova mentalidade no país que privilegiasse a coletividade em detrimento do individualismo. Para isso, no entender de Vianna, era preciso substituir velhas idéias que não se adequavam às exigências do capitalismo financeiro-monopolista e o Estado autoritário conduziria o país nesse processo.

4.1.3 – AS IDÉIAS DE FRIEDRICH NIETZSCHE

O filósofo alemão Friedrich Nietzsche (1844-1900) contestou a ordem moral e social vigente e elaborou idéias que se diferenciavam das

¹⁹ Em *Reinações de Narizinho*, edição de 1931, Lobato demonstra, por meio de Narizinho, a ideologia de branqueamento do negro quando se refere à Tia Nastácia.

“– Respeitável público, tenho a honra de apresentar [...] a Princesa Nastácia. Não reparem ser preta. É preta só por fora, e não de nascença. Foi uma fada que um dia a pretejou, condenando-a a ficar assim até que encontre um certo anel na barriga de um certo peixe. Então, o encanto quebrar-se-á e ela virará uma linda princesa loura.” (LOBATO, 1931, p. 206)

Na edição de 1982, que é a utilizada para essa pesquisa, esse excerto foi modificado sem fazer alusão à cor da pele de Tia Nastácia.

idéias materialistas e positivistas que influenciaram o pensamento de Monteiro Lobato. Esse filósofo definiu o niilismo como uma desvalorização dos valores supremos, ocorrida na sociedade ocidental. Segundo Reale (2002), para Nietzsche, o niilismo leva a negação de princípios como Deus, fim último, o ser, o bem e a verdade. Em seu aspecto positivo, o niilismo é o crescimento da potência do espírito, pois tem a força destrutiva da fé nos valores que perderam o sentido; e em seu aspecto negativo, ele é sinal de fraqueza, visto que a força do espírito se esgota quando os objetivos tornam-se inadequados e caem em descrédito.

Nietzsche resumiu a essência do niilismo na frase “Deus está morto”, não no sentido ateuista, mas no sentido de que a fé no Deus cristão tornou-se inaceitável. Reale (2002, p. 24) explica que o real significado dessa frase é “o desaparecimento da dimensão da transcendência, a anulação dos valores ligados a ela, a perda de todos os ideais.”

Nietzsche também afirmou que deve haver uma inversão dos valores antigos e um deslocamento deles da esfera da transcendência para a da vontade de potência, que tem a verdade como valor e fundamento de sua essência. A essa inversão dos valores em função da vontade de potência liga-se o significado de super-homem, a divindade de Nietzsche. O super-homem nietzschiniano, que surgirá somente quando os valores tradicionais da sociedade ocidental forem destruídos para mudar a moral hegemônica, está na base da vontade de potência e age conforme as estruturas e as articulações dela. A vontade de potência, que é uma vontade compulsiva de dominação existente no super-homem, leva o ser humano a dominar a natureza e a sociedade. Esse domínio é exercido pelos mais fortes e aptos, que ditam as regras para vencer na luta pela vida, sobre os mais fracos, a quem cabe a obediência e a subserviência aos mais fortes.

Nietzsche (2006, p. 231) valorizou a mulher pela sua habilidade e inteligência “que se apresenta sob a forma de domínio completo, presença de espírito e utilização de todas as vantagens”, afirmando que às mulheres cabe o entendimento e aos homens a sensibilidade e a paixão. Porém, os homens apresentam melhores condições de fazer com que seus

entendimentos tenham maior alcance. Essas características da mulher são, no entender de Nietzsche, fonte de todo o poder que dela emana.

Com essas idéias de Nietzsche, Lobato aprendeu que deveria ter liberdade de pensamento, defender somente aquilo de que tinha absoluta convicção e rejeitar qualquer tipo de submissão. Outras marcas desse pensador em Lobato são o pessimismo, a coragem de mudar de opinião e a valorização do feminino.

Em 1905, depois de ter concluído seus estudos e já com o pensamento influenciado pelos mais importantes pensadores da época, cujas idéias básicas foram explicitadas anteriormente, Monteiro Lobato retornou a Taubaté, sua cidade natal. Dois anos depois, foi nomeado promotor público em Areias, uma das “cidades mortas” do Vale do Paraíba (sub-região da Serra da Bocaina), graças à influência social de seu avô, o Visconde de Tremembé²⁰. Em 1911, após a morte do seu avô, Lobato tornou-se fazendeiro ao herdar a Buquira, uma fazenda de solo exaurido pelo plantio do café.

Durante o período que viveu em Areias e na fazenda Buquira, Lobato pôde vivenciar a miséria da população rural e encontrou nesses lugares inspiração para escrever seus contos adultos. Esses contos destoavam da literatura “sorriso da sociedade”, escrita pelos românticos do início do século XX, que retratavam o Brasil sob o prisma dos costumes europeus.

O mais famoso dos contos escritos por Lobato é *Urupês* (1918), o qual apresentava como protagonista o Jeca Tatu²¹, personagem que o consagrou como um importante escritor da literatura brasileira. Com o Jeca Tatu, Lobato desmistificou a idealização romântica do homem do campo caipira forte, heróico e dominador da natureza e o ufanismo nacional que reinava na literatura da época. Com isso, ele mostrou uma face da realidade

²⁰ Essa prática de conseguir um emprego público para membros da família de oligarcas decadentes, conhecida como “cavação”, era comum na Primeira República.

²¹ De acordo com seu biógrafo Edgard Cavalheiro, em 1914, ainda como proprietário da fazenda Buquira, Lobato escreveu dois artigos intitulados *Velha Praga* e *Urupês* para o jornal *O Estado de São Paulo*, criticando o hábito do caipira de praticar as queimadas nas matas da Serra da Mantiqueira. Nesses artigos, ganhou forma o personagem Jeca Tatu. Em 1918, Lobato reuniu esses artigos em um livro de contos também chamado *Urupês*.

nacional ocultada por nossos dirigentes, revelando a miséria da população rural brasileira que, na década de 1920, representava a maior parcela da população do país. Em uma de suas cartas enviadas a Godofredo Rangel²², Lobato comentou que:

a nossa literatura é fabricada nas cidades por sujeitos que não penetram nos campos por medo de carrapatos. [...] Minha sorte foi ter caído um pedaço de terra em minhas mãos. Se não houvesse virado fazendeiro e visto como é realmente a coisa, o mais certo era estar lá na cidade a perpetuar a visão erradíssima do nosso homem rural. (LOBATO, 1956, p. 60).



Figura 4 – Um Jeca Tatu “autêntico”. (Reprodução de AZEVEDO et al., 1997)

Essa experiência de fazendeiro também levou o escritor Monteiro Lobato, diante da indignação de ver suas terras destruídas pela

²² Monteiro Lobato e Godofredo Rangel eram amigos desde os tempos da faculdade quando foram colegas na república Minarete. Entre 1903 e 1943, eles se corresponderam por cartas tratando, principalmente, de assuntos relacionados à literatura. Essas correspondências foram reunidas em um livro com dois volumes intitulado *A Barca de Gleyre*, publicado pela Editora Brasiliense. Além de Rangel, Lobato se correspondeu com outras pessoas, como Artur Neiva (sanitarista), Anísio Teixeira (educador) e Luis da Câmara Cascudo (folclorista).

prática da coivara, a despejar toda a sua ira contra a população rural representada pelos caipiras. Nas suas concepções embasadas em Le Bon, ao destruir as matas brasileiras causando ao país graves problemas ambientais e econômicos²³, esses representantes da mestiçagem e da pobreza eram os causadores do atraso do país. No artigo em que Lobato denuncia essa prática realizada pelos caipiras (personificados no Jeca Tatu), ele mostrou ter consciência ambiental e, subliminarmente, criticou a política agrícola do país, que não investia na modernização de nossa agricultura e nem na preservação de nossas matas que, no contexto desenvolvimentista da Primeira República, eram vistas como inesgotáveis.

Por outro lado, essa visão do mundo de membro da burguesia agrária não lhe possibilitou constatar que o Jeca Tatu era produto de uma sociedade contraditória e excludente, comandada por latifundiários como ele e seus antepassados, os quais também praticavam as queimadas e não garantiam a posse de terras para os caipiras. Por isso, os caipiras eram obrigados a migrar, necessitando sempre queimar a mata para começar novo roçado. Esses latifundiários eram, na verdade, os parasitas do Vale do Paraíba.

Contudo, anos mais tarde, alegando ter-lhe faltado “simpatia humana” na criação do Jeca Tatu, Lobato tentou retificar a imagem desse personagem. Sendo assim, de culpado pela miséria do Brasil em 1914, ele passou, na década de 1920, quando o escritor entrou em contato com campanhas higienistas, a ser vítima das doenças que acometiam o país²⁴. Em 1948, ao analisar a dimensão do problema agrário sob a luz das idéias

²³ [...] ninguém cuida de calcular os prejuízos de toda sorte advindos de uma assombrosa queima destas. As velhas camadas de húmus destruídas; os sais preciosos que, breve, as enxurradas deitarão fora, rio abaixo, via oceano; o rejuvenescimento florestal do solo paralisado e retrogradado; a destruição das aves silvestres e o possível advento de pragas insetiformes; a alteração para pior do clima com a agravação crescente das secas; os vedos e aramados perdidos; o gado morto ou depreciado pela falta de pastos [...] Isto, bem somado, daria Algarismos de apavorar; infelizmente no Brasil subtrai-se; somar ninguém soma...(LOBATO, 1957, p. 270)

²⁴ Oliveira (2002, p. 339) esclarece que "o Jeca fez enorme sucesso e foi discutido e incorporado por várias tendências políticas e intelectuais. Os médicos sanitaristas dele se apropriaram para mostrar como a falta de saúde era o que tornava o homem brasileiro preguiçoso e improdutivo. Lobato elaborou uma segunda versão de seu personagem, agora saudável e trabalhador, passando a participar de campanhas publicitárias de saúde para a venda de fortificantes e remédios, entre os quais o mais famoso foi o Biotônico Fontoura."

socialistas, Lobato transformou o Jeca Tatu no Zé Brasil, um sem-terra com esperança de melhorar sua vida por meio da implantação do comunismo no país. Porém, a versão inicial do Jeca Tatu é a que predominou, tornando-se inclusive verbete de nosso dicionário.

Assim sendo, embora a obra literária adulta de Monteiro Lobato seja importante para o estudo do pensamento geográfico, não iremos nos debruçar na análise dela. O foco do presente trabalho é a obra infantil de Monteiro Lobato, na qual encontramos mais bem representadas as idéias que influenciaram o pensamento geográfico do escritor e a sua interpretação da sociedade brasileira.

4.2 – LOBATO E O INÍCIO DE SUA PRODUÇÃO LITERÁRIA INFANTIL

Diante de seu insucesso como fazendeiro, em parte derivado da política agrícola da Primeira República que não investia na modernização de nossa agricultura e direcionava investimentos somente para as lavouras cafeeiras, Lobato vendeu a fazenda Buquira, no ano de 1917. Munido de seus contos adultos, voltou a residir na capital paulista, onde, em 1918, começou a se dedicar às atividades editoriais. Inicialmente, Lobato foi proprietário da Revista do Brasil de viés nacionalista e que publicava artigos que refletiam o pensamento geográfico brasileiro, ainda em gestação. Depois, em 1920, foi proprietário da Monteiro Lobato & Cia., primeira editora do país e, em 1925, da Cia. Editora Nacional.

Dando continuidade a uma revolução editorial iniciada em 1918, na Cia. Editora Nacional, Lobato, entre outros méritos, promoveu inovações editoriais, como programação visual sofisticada e maior rigor na revisão dos originais, tratando o livro como uma “mercadoria” que precisava ser atrativa e acessível aos consumidores. Passiani (2002) esclarece que Lobato, como editor, contribuiu para formar um campo literário no país, ao dar oportunidade para vários escritores publicarem suas obras e, ao mesmo tempo, ampliar a rede de venda de livros em todo o Brasil, colaborando, dessa forma, para criar o hábito de leitura nos brasileiros.

Ademais, em 1931, Lobato lançou a coleção Brasileira pela Cia. Editora Nacional. Essa coleção, por mais de 40 anos, reuniu intelectuais de renome que tiveram papel preponderante nas interpretações sobre o Brasil das primeiras décadas do século XX. Alguns desses intelectuais foram expoentes do pensamento geográfico brasileiro, a exemplo de Oliveira Vianna e Nelson Werneck Sodré. A Cia. Editora Nacional também publicou livros didáticos de Geografia, como os escritos por Aroldo de Azevedo.

Sendo assim, como industrial do ramo editorial, Lobato passou a fazer parte da classe social dos industriais paulistas, cuja tarefa era industrializar e modernizar o país. Essa atividade, associada ao fato de ele ser escritor, diferenciou Lobato dos intelectuais de seu tempo, pois os livros que escrevia e editava eram veículos de grande alcance para transmitir a visão do mundo de sua classe social e influenciar o pensamento da sociedade.

Convém salientar que, no momento em que Lobato fundou sua primeira editora, em 1920, a cidade de São Paulo vivenciava, além da efervescência ideológica, a ocorrência de lutas de classes, surgidas em um contexto em que a industrialização e a urbanização conviviam com a estrutura agrária do país. Por isso, nessa cidade eclodiam revoluções, greves (também realizadas pelos funcionários da editora de Lobato) e fundavam-se partidos políticos em busca de maior representatividade para outras esferas sociais que não somente a da oligarquia cafeeira. Além disso, nessa década, as elites imbuídas de idéias nacionalistas, viam a urgência de repensar o país, buscando criar uma identidade nacional, que definisse o Brasil e o povo brasileiro, diferenciando-os no contexto internacional.

Essa intenção ideológica das elites se materializou esteticamente no Movimento Modernista de 1922. Nesse movimento, buscou-se resgatar as origens do Brasil, assimilando e modificando a arte européia para o nosso contexto em um processo denominado antropofagia. Assim, o caráter nacional brasileiro foi gradativamente entendido, não mais pelas idéias racistas, mas a partir de uma abordagem culturalista que valorizava o negro e a mestiçagem na construção da identidade brasileira. A pintora Tarsila do Amaral ilustra essa mentalidade dos artistas modernistas.

Sinto-me cada vez mais brasileira: quero ser a pintora da minha terra. Como agradeço por ter passado na fazenda a minha infância toda. As reminiscências desse tempo vão se tornando preciosas para mim. Quero, na arte, ser a caipirinha da fazenda de São Bernardo, brincando com bonecas de mato, como no último quadro que estou pintando. (AMARAL apud SEVCENKO, 1992, p. 283)

Inicialmente, porém, as idéias modernistas não tiveram força para influenciar de forma abrangente a intelectualidade brasileira, por serem consideradas meros devaneios de artistas. Mas, com o passar do tempo, essas idéias foram ocultando ainda mais a grande desigualdade socioeconômica do país ao sustentar o mito da mestiçagem integradora e da coexistência pacífica das classes sociais, apregoadado por escritores como Gilberto Freyre.

Lobato, embora tenha criticado o Modernismo pela forma nada acadêmica com que os artistas expressavam a sua arte, é considerado um dos precursores desse movimento²⁵ por ter iniciado o processo de renovação da literatura “sorriso da sociedade”, imbuído de um nacionalismo que o levou a mostrar a realidade do interior, quando os literatos só olhavam para o litoral e para a cultura francesa. E também foi esse nacionalismo que impulsionou Lobato a investir em um novo segmento editorial no ano de 1921: a literatura infantil, conforme contou em carta a Godofredo Rangel.

Ando com várias idéias. Uma: vestir à nacional as velhas fábulas de Esopo e La Fontaine, tudo em prosa e mexendo nas moralidades. Coisa para crianças. Veio-me diante da atenção curiosa com que meus pequenos ouvem as fábulas que Purezinha conta. [...] Ora, um fabulário nosso, com bichos daqui em vez dos exóticos, se for feito com arte e talento, dará coisa preciosa. As fábulas em português que conheço, em geral traduções de La Fontaine, são pequenas moitas de amoras do mato – espinhentas e impenetráveis. Que é que as nossas crianças podem ler? Não vejo nada. Fábulas assim

²⁵ Embora Lobato seja considerado um precursor do Modernismo, alguns autores, a exemplo de Vasconcellos (1982), aconselham enquadrar a obra infantil lobatiana numa fase anterior a esse movimento. Desse modo, pode-se compreender melhor as soluções idealistas que Lobato propôs para o Brasil, sua visão do mundo contraditória que alternava pessimismo e otimismo e seu entendimento de que o povo avesso à modernização em associação aos fatores econômicos eram entraves ao progresso do país.

seriam um começo da literatura que nos faltam. [...] (LOBATO, 1956, p. 104).

A primeira história infantil que Monteiro Lobato escreveu foi *A menina do Narizinho Arrebitado* (1921), na qual apresentou o universo e os personagens do Sítio do Picapau Amarelo às crianças, ansiosas por uma literatura mais interessante do que a existente nos primeiros anos da República. Nessa obra, concebida inicialmente em uma edição escolar, Lobato mesclou o imaginário com o cotidiano real e criou linguagem e aspecto visual adequados ao público infantil, como analisaremos a seguir.

4.2.1 – O SÍTIO DO PICAPAU AMARELO E SEUS PERSONAGENS



Figura 5 – O Sítio do Picapau Amarelo e alguns de seus personagens. (Ilustração de Mauricio Loyola)

Ao construir o universo ficcional do Sítio do Picapau Amarelo, Lobato recorreu às memórias de sua infância vivida em Taubaté, conforme escreveu a Rangel. “Há [...] lembranças de meninice que jamais se apagam do cérebro adulto, mesmo quando esse receptor de impressões não consegue, por fraqueza senil, reter as da véspera.” (CAVALHEIRO, 1955b, p. 28)

O Sítio foi projetado por Lobato como um lugar muito bonito, em uma evidente valorização dos aspectos positivos da vida rural, pois “no Picapau Amarelo tudo corre no melhor dos mundos possíveis” (CAVALHEIRO, 1955b, p. 587). A casa de Dona Benta que “era das antigas, de cômodos espaçosos e frescos” é o lugar de maior destaque do Sítio. Além dela, há um terreiro imenso, um jardim, um pomar com muitas árvores e “cheio de passarinhos, abelhas e borboletas”, um pedaço de “verdadeira

mata virgem”, chamado Capoeirão dos Tucanos, e um ribeirão. (LOBATO, 1982b, p. 200-203, *passim*). No Sítio, também vivem personagens do folclore nacional, como a Cuca e o Saci, figuras da natureza que povoam o imaginário dos brasileiros, além de personagens do fabulário europeu.

No entanto, ao mesmo tempo em que criou um mundo rural ficcional inspirado em sua infância, Lobato importou para esse mundo modernas concepções das primeiras décadas do século XX, como a nova visão da infância e da educação que existia, principalmente, em meio à classe burguesa que habitava o espaço urbano.

Assim, percebe-se que a ambigüidade entre o arcaico, relacionado ao rural, e o moderno, relacionado ao urbano é um dos aspectos da obra infantil de Lobato que vigorou nos debates sobre o Brasil ocorridos naquele período.

O Sítio também foi, para Lobato, o cenário ideal para expor seus projetos e campanhas e revelar sua visão do mundo de membro da burguesia industrial, elaborada com base nas correntes de pensamento vigentes no país no início do século XX. Dessa forma, seu projeto de criar uma nova nação estava pautado, principalmente, nas idéias materialistas, positivistas e evolucionistas sociais.

Ao escrever suas histórias, Lobato respeitou a maneira singular de as crianças pensarem e aprenderem, escrevendo para elas um texto simples, mas que não lhes subestimava a capacidade de compreensão. Com isso, Lobato estimulava as crianças a pensar com as próprias idéias, o que desenvolvia nelas um senso crítico para avaliar valores estabelecidos e os problemas do nosso país. Desse modo, as histórias do Sítio se diferenciavam das histórias infantis da época, porque problematizavam os fenômenos sociais, sem ufanismo e discursos patrióticos exagerados que apenas enalteciam nossos heróis e as riquezas naturais do Brasil.

Lobato também criou alguns personagens do Sítio que representavam diferentes segmentos da sociedade brasileira da Primeira República, além de personagens fantásticos, para protagonizar as suas histórias. Esses personagens estavam inseridos em um modelo de família matriarcal e sem figuras autoritárias (pai e mãe), diferenciando-se da família patriarcal que predominava naquele contexto social. Sobre esse modelo de

família criado por Lobato no Sítio do Picapau Amarelo, Tatiana Belinky (apud MARINHO, 1982, p. 188) diz que:

os adultos não pressionam nem atrapalham, porque a autoridade do *sítio não é pai nem mãe*, e sim a avó. E as relações entre avós e netos são afetuosas e descontraídas. Lobato teve a habilidade de eliminar o elemento perturbador que seriam os pais, com as ansiedades, atritos e problemas que assolam normalmente até as melhores relações entre pais e filhos.

Para compreender as características dos principais personagens do Sítio do Picapau Amarelo, elaboramos um perfil de cada um deles, amparados, principalmente, nos estudos de Campos (1986).

4.2.1.1 – CARACTERIZAÇÃO DOS PRINCIPAIS PERSONAGENS DO SÍTIO DO PICAPAU AMARELO

Dona Benta - a avó ideal, carinhosa e culta. Proprietária do Sítio do Picapau Amarelo e autoridade principal desse lugar. Comanda o Sítio usando do conhecimento e da sabedoria para educar os netos, respeitando-lhes a autonomia e a liberdade de pensamento. Dona Benta representa a burguesia agrária que Lobato almejava para o país, ou seja, letrada e culta, aberta a mudanças, além de ser preocupada em melhorar as condições de vida do povo do interior.



Figura 6 - Dona Benta (Ilustração de Mauricio Loyola)

Tia Nastácia – afetuosa, humilde e detentora de bom-senso. Tia Nastácia, que é descendente de escravos, representa o povo brasileiro e a cultura popular. É a única personagem que trabalha no Sítio do Picapau Amarelo, pois o negro, no contexto da Primeira República, representava, quase que exclusivamente, a classe servil do país.



Figura 7 - Tia Nastácia (Ilustração de Mauricio Loyola)

Pedrinho e Narizinho - arquétipos de crianças da burguesia agrária. São crianças felizes, questionadoras e independentes, adaptáveis e abertas ao novo, por isso, Lobato deposita nelas a esperança de mudanças para o país. Esses personagens representam a futura elite dirigente do Brasil, assim, recebem melhor educação para que o poder de governar o país continue nas mãos da classe dominante, porém mais esclarecida.



Figura 8 – Pedrinho e Narizinho (Ilustração de Mauricio Loyola)

Tio Barnabé – agregado de Dona Benta que habita um rancho de sapé isolado no Sítio do Picapau Amarelo, também detentor da sabedoria popular e representante do povo brasileiro nas histórias infantis do escritor. Os agregados, assim como a servidão de Tia Nastácia, representavam formas de dominação do trabalho livre, surgidas no período pós-abolição. Monteiro Lobato criticava essa dominação pela sua ineficiência, visto que os agregados não dispunham de terra própria e, por isso, não criavam vínculo com as terras onde moravam, situação que os desestimulava a utilizar modernas técnicas para o plantio e a promover benfeitorias nessas terras. Logo, essa forma de trabalho livre dificultava, ainda mais, o desenvolvimento econômico do país.



Figura 9 – Tio Barnabé (Ilustração de Mauricio Loyola)

Gouvêa (2005) enfatiza a maneira ambígua com que os personagens negros, a exemplo de Tia Nastácia e Tio Barnabé, foram inseridos na obra infantil lobatiana que tinha como um de seus propósitos criar uma identidade nacional para integrar as etnias que formavam a nossa população. A solução encontrada por Lobato, e por outros autores da época, foi inserir os negros nas histórias infantis pelo viés do folclore, valorizando-os em sua oralidade e sabedoria popular. Porém, Lobato, imbuído das concepções darwinistas sociais, criou esses personagens com mentalidade infantil que os fazia ser ignorantes, supersticiosos, servis e incapazes de assimilar o moderno. Em vários momentos de sua obra infantil, Lobato

manifestou preconceito contra esses personagens negros, que também representavam o rural atrasado.

Elias Turco – comerciante inescrupuloso que vendia produtos adulterados em sua venda na vila próxima ao Sítio. Com esse personagem, Lobato criticou a atitude comum praticada por muitos industriais e comerciantes que, no contexto da substituição das importações da década de 1920, falsificavam mercadorias, incluindo gêneros alimentícios. Sevcenko (1992) esclarece as razões dessa prática.

Em virtude das condições conjugadas da economia de guerra, das dificuldades de importação, da carestia e inflação disparadas, tornavam-se práticas difundidas no comércio a falsificação de rótulos e embalagens estrangeiros, a criação de sucedâneos brasileiros espúrios dos gêneros de difícil ou impossível importação e a adulteração de alimentos pelo acréscimo de substâncias estranhas, quando não tóxicas ou venenosas. (SEVCENKO, 1992, p. 134)



Figura 10 - Elias Turco (Ilustração de Mauricio Loyola)

Coronel Teodorico – representa os coronéis com poder político local e famintos por terras, a semelhança dos coronéis da Primeira República. Esse personagem é a expressão do conservadorismo da burguesia agrária do país, criticado por Lobato pela mentalidade impregnada de obscurantismo.

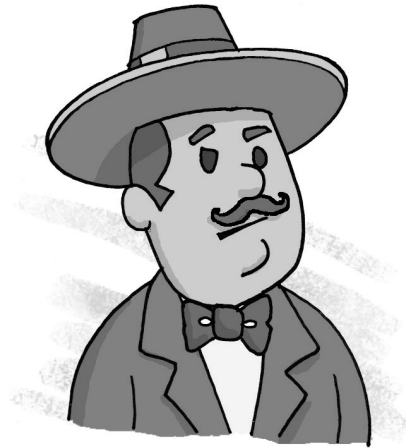


Figura 11 – Coronel Teodorico (Ilustração de Mauricio Loyola)

Emília - boneca de pano, astuta, insubmissa, irreverente, com grande poder de persuasão e a mais representativa personagem do Sítio do Picapau Amarelo, visto que Lobato a utiliza para tratar de temas polêmicos e questionar valores estabelecidos. Emília vive em tensão dialética com os outros personagens do Sítio, pois desfruta de imensa autonomia que, conforme confissão de Lobato, nem mesmo ele pode controlar.



Figura 12 – Emília (Ilustração de Mauricio Loyola)

Confeccionada por Tia Nastácia com materiais do Sítio, Emília destoava das bonecas *chics* importadas da Europa, feitas de porcelana e loiras de olhos azuis, com as quais brincavam as meninas burguesas do Brasil. Segundo Bignotto (1999), os brinquedos não são objetos ingênuos, pois carregam os valores ideológicos que representam o ideal de infância de

uma época. No caso das bonecas de porcelana, esses valores eram o arianismo e o modelo europeu de comportamento infantil, incompatíveis com a realidade de um país pluriétnico, como o Brasil. Na criação da boneca Emília, “morena como jambo”, portanto, Lobato relegou sua postura darwinista social e criou um modelo de brinquedo mais próximo da realidade das meninas brasileiras.

Concepções evolucionistas também estão presentes na elaboração dessa personagem, pois Emília, que nasceu boneca, foi se transformando em gente que fazia “tudo que as pessoas fazem – comia com ótimo apetite, bebia, pensava, tinha um coraçãozinho lá dentro, e alma e tudo.” (LOBATO, 1982d, p. 311)

Coelho (2000, p. 140) assegura que “Emília é o protótipo mirim do ‘super-homem’ [feminino] nietzschiniano com vontade de domínio e seu individualismo exagerado.” Essas características de Emília podem ser positivas, quando levam a grandes realizações de caráter social, mas podem ser negativas, quando levam a exploração do homem pelo homem. Lobato valorizou essas características quando salientava o espírito de líder da personagem, sua obstinação e suas opiniões sustentadas com firmeza. Mas, também as criticou quando depreciava seu mando ditatorial e seu despotismo, em relação aos outros personagens do Sítio, principalmente, o Visconde de Sabugosa, a quem Emília explora para realizar suas idéias e ganhar fama pelo trabalho dele.

A criação de Emília, que é uma personagem feminina com comportamento inteligente e libertário, reflete as concepções sobre a mulher apregoadas por Nietzsche. Por essas e outras características, Emília era (e ainda é) alvo de críticas de muitos pedagogos acostumados a uma literatura que perpetua os valores estabelecidos, especialmente, em relação às boas maneiras e a moral²⁶. Porém, mesmo com essas críticas, Lobato manteve

²⁶ No *Poço do Visconde*, Dona Benta corrige Emília pelo seu modo de falar “que tanto estraga os livros de Lobato”, aconselhando-a a ser mais educada na linguagem, e Emília responde:

— Dona Benta, a senhora me perdoe, mas quem torto nasce, tarde ou nunca se endireita. Nasci torta. Sou uma besteirinha da natureza — ou dessa negra beijuda que me fez. E, portanto, ou falo como quero ou calo-me. Isso de falar como as professoras mandam, que fique para Narizinho. (LOBATO, 1982d, p. 286)

esse comportamento da boneca, a qual adquiriu dimensões humanas em suas histórias infantis.

Ao criar Emília, com as características já explicitadas anteriormente, Lobato também buscou valorizar a mulher como sujeito ativo e participante na sociedade e nas suas transformações, ainda que exercendo seu papel circunscrito à esfera privada e do cotidiano, que lhe é destinado em uma sociedade patriarcal. Com Emília, é possível observar que “apesar da dominação masculina, a atuação feminina [na história social] não deixa de se fazer sentir, mediante complexos contra poderes: poder maternal, poder social, poder sobre outras mulheres e ‘compensações’ no jogo da sedução e do reinado feminino.” (SOIHET, 2002, p. 41)

Visconde de Sabugosa - sabugo de milho científico, representante da ciência positivista. Visconde de Sabugosa e Dona Benta são os personagens que ensinam Geologia e Geografia à turma do Sítio do Picapau Amarelo. Ele também representa a prudência e a experiência, comportamentos comuns a um adulto e não a uma criança.



Figura 13 - Visconde de Sabugosa (Ilustração de Mauricio Loyola)

Emília e Visconde de Sabugosa, assim como outros personagens fantásticos do Sítio, contemplam o imaginário infantil. Em relação a essa característica da literatura infantil lobatiana, Bochecho (2002) esclarece que a criança pode reconhecer em personagens e fatos “sem

lógica” o mesmo espírito de ludismo e magia com o qual constrói o seu universo e se relaciona com as coisas do mundo. Por isso, ela não estranha quando, em um texto literário, há animais ou vegetais que falam e pensam, pessoas que podem viajar no tempo e brinquedos que assumem características humanas. Enfim, a criança reconfigura objetos e seres vivos para que sirvam aos seus propósitos imaginativos.

Além de Visconde de Sabugosa e Emília, Monteiro Lobato criou outros personagens fantásticos para fazer parte do Sítio do Picapau Amarelo, como o Marquês de Rabicó (um leitão glutão que se casou com Emília), o Conselheiro (Burro Falante) e o Quindim (rinoceronte que representa a força).



Figura 14 – Cuca e Saci (Ilustrações de Mauricio Loyola)

A Cuca e o Saci são exemplos de figuras da natureza que compõem a obra infantil de Lobato. Para Brandão (1995), essas figuras da natureza existentes, inicialmente, no imaginário e no cotidiano dos moradores do campo, foram refugiando-se para o sertão, lugar onde há presença de natureza absoluta. Isso ocorreu com a chegada da urbanização e da modernização nos espaços habitados por esses moradores. Portanto, tal

transformação dos lugares da vida cotidiana e do imaginário desses moradores culminou, entre outras mudanças, no distanciamento dessas figuras da natureza²⁷, que ficaram adjacentes à idéia de modernização.

A obra infantil lobatiana, por inserir personagens como a Cuca e o Saci no imaginário dos seus leitores, pode ser entendida na perspectiva de resgate da relação do ser humano com a natureza, que foi sendo transformada com a urbanização.

4.3 – LOBATO NOS ANOS 30 e 40 DO SÉCULO XX

Quatro anos depois de iniciar sua obra infantil, momento histórico no qual ocorria a crise do poder oligárquico, chegava ao Brasil as idéias de Henry Ford traduzidas por Monteiro Lobato e que influenciaram sua literatura infantil. Essas idéias estão descritas a seguir.

4.3.1 – HENRY FORD E AS IDÉIAS SOBRE O TRABALHO

Henry Ford (1863-1947) foi um industrial norte-americano que popularizou o automóvel, ao produzi-lo com um preço acessível. Para isso, ele desenvolveu o método da linha de montagem, que consistia na produção em série de veículos, barateando os custos, e no trabalho fragmentado e repetitivo dos operários.

²⁷ Brandão (1995, p.171) coletou o depoimento de um morador da vila de Catuçaba, situada no interior paulista, bastante explicativo para esse distanciamento do sobrenatural das vilas e bairros habitados pelos moradores do campo.

“— Agora, por que é que foi sumindo? Por quê? Eu mesmo não sei de meu, mas têm pessoas aqui e outros lugares que explica desse modo. Que antes o sertão era perto, as matas chegando na beira de tudo. E não tinha luz e nem nada desses progressos da cidade. Coisa como os rádios, as televisões, o avião, carro e tudo que a gente vê por aí. Então por aqui era o lugar deles [assombrações, figuras da natureza etc.]. Era perto. Eles apareciam mesmo por aí, nas estradas, nos povoados, perto das pessoas. Mas agora, como tudo isso de novo, os lugares claros, a luz, o muito movimento, o sertão recuando pra longe, pras beiras dos fundos, nessas serras, os campos ficando limpos, os costumes da cidade invadindo tudo. Então, não quer dizer que eles desaparecem de todos os lugares, do mundo mesmo. Eles só sumiram daqui. Fugiram dos pertos. Foram pros lugares que são deles. Terras deles, de almas, de aparições. Foram... os perigos das cidades são outros.”

O fordismo, como ficou conhecido esse método de produção, não representou somente uma inovação da indústria automobilística, mas uma visão do mundo que, segundo Campos (1986, p. 86), não separava a organização produtiva da concepção de mundo, pois a dinâmica da fábrica comandada pelos empresários era a mesma da sociedade. Esses empresários dirigiam a produção e disseminavam os valores fordistas, que são a ideologia do trabalho, métodos de produção racionais, ensino técnico, salários elevados, consumo e bem-estar social, visando criar trabalhadores eficientes e lucrativos para atender aos objetivos da classe burguesa.

Ao absorver psicologicamente os valores fordistas, os trabalhadores ficavam relegados à condição de máquinas. Sendo assim, se submetiam aos métodos de produção industrial e também a uma fiscalização moral de suas vidas. Com isso, a fábrica montava um *staff* bem treinado e produtivo.

No entanto, para criar esse trabalhador era preciso dispor de práticas coercitivas, sem haver a intervenção do Estado. A visão liberalista de Ford entendia que o Estado deveria ter o mínimo de atuação na economia, na sociedade e no mercado de trabalho, os quais deveriam ser geridos pelos empresários. Estes anulariam a importância da legislação social pagando altos salários aos seus funcionários e proporcionando-lhes um bom padrão de vida. Estimulados dessa maneira, os funcionários aumentariam sua produtividade e competitividade e os empresários amenizariam a luta de classes, obtendo o apoio dos trabalhadores que, de inimigos do capital, passariam a ser sócios desse capital.

De acordo com De Decca (1992), essas idéias de Henry Ford influenciaram muitos industriais brasileiros que passaram a vislumbrar, como melhor alternativa para o progresso do país, o investimento na industrialização advindo do capital mercantil-financeiro do café, tendo como pressuposto o trabalho eficiente. Como já dissemos, Lobato também foi influenciado por elas, o que segundo Campos (1986, p. 79) “nos estimula mais a levantar a hipótese de Lobato ter exercido o papel de intelectual orgânico dos industriais, pois seu discurso é muito semelhante ao discurso elaborado pelo CIESP [Centro das Indústrias do Estado de São Paulo] na conjuntura da crise dos anos de 1920.”

Esse também é o entendimento de Leite (1969, p. 312), para quem “[...] Monteiro Lobato [como empresário e intelectual empenhado em construir uma nova nação] passa de uma fase ideológica [do caráter nacional] – em que responsabiliza [unicamente] a classe menos favorecida economicamente pelo atraso do país – para uma fase de explicação econômica, através do desenvolvimento industrial e energético do Brasil.” No entanto, Lobato divergia de algumas idéias desses industriais ao não concordar com o protecionismo industrial e com a intervenção do Estado na economia.

Desse modo, a partir de 1925, as concepções fordistas também influenciaram a visão do mundo de Lobato, inserida em sua obra literária infantil. Mas, foi especialmente depois desse escritor ter vivido nos Estados Unidos, entre os anos de 1927 e 1931, exercendo a função de adido comercial, que essas concepções passaram a ser mais marcantes nessa obra. Nos Estados Unidos, Lobato pôde conhecer *in loco* o fenômeno fordista, aumentando ainda mais o seu fascínio por Ford e pelo modelo de sociedade norte-americana, que ele quis adotar para o Brasil.

Depois dessa experiência, Lobato retornou ao Brasil em 1931, em um momento no qual, com o fim da hegemonia oligárquica, o país reunia condições favoráveis para se desenvolver. Retornou com a idéia de dar a todos os brasileiros o mesmo padrão de vida dos norte-americanos, fazendo uso de um discurso industrialista que almejava, principalmente, a conquista de ferro e petróleo. Para ele, a eficiência do trabalhador brasileiro seria obtida por meio de máquinas e de energia, ou seja, para construir as máquinas era preciso ter ferro e para movê-las a energia advinda do petróleo.

Para Lobato, ao conquistar autonomia de ferro e de petróleo, o Brasil resolveria seus problemas econômicos e, em contrapartida, os demais problemas. Lobato, ao pensar dessa maneira, demonstrou ter um otimismo ingênuo que lhe dificultou avaliar os problemas políticos e sociais do país e os planos já traçados para o Brasil pelas grandes potências, no contexto da mundialização da economia.

Firme em seu ideal, Lobato fundou com outros sócios, em 1931, a Companhia Petróleos do Brasil e, depois, a Companhia Petróleo

Nacional. Nessas companhias, ele colocou em prática as idéias de Ford e da iniciativa privada, vendendo ações para os brasileiros que acreditavam na lucratividade da descoberta de petróleo e investindo em pesquisa de técnicas de exploração petrolífera com recursos financeiros próprios. Convém salientar que a única possibilidade, para Lobato, do Estado e do capital internacional intervir na iniciativa privada seria para promover a melhoria das técnicas de exploração petrolífera, que demandavam alto investimento e extrapolava a capacidade financeira de suas empresas petrolíferas.

Com isso, Lobato foi diretamente contra a política energética do governo Vargas e, portanto, não se articulou com o projeto corporativo que previa o Estado gerindo nossos recursos naturais, compartilhado entre esse governo e a burguesia industrial representada pelos industriais da FIESP (Federação das Indústrias do Estado de São Paulo) e da CIESP²⁸ (Centro das Indústrias do Estado de São Paulo).

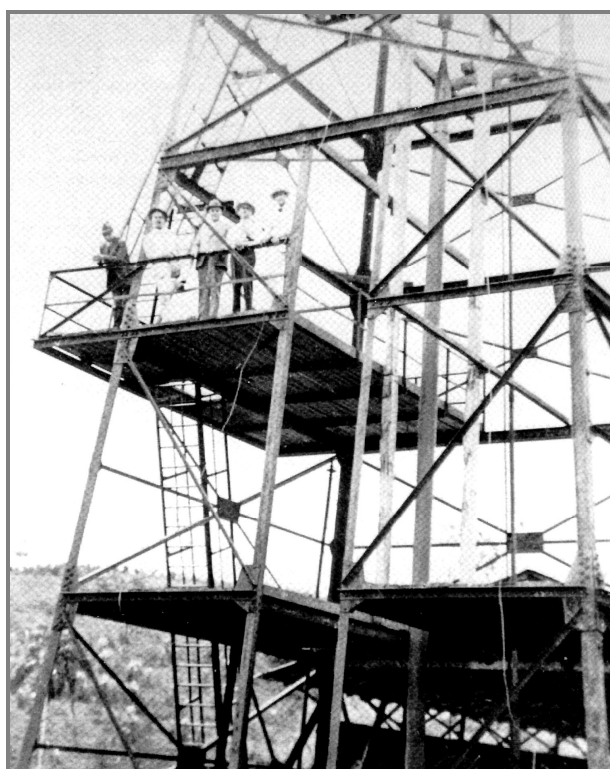


Figura 15 – Monteiro Lobato (2º à direita) em uma torre de perfuração de petróleo no campo de Araquá, no município paulista de São Pedro. (Reprodução de AZEVEDO et al., 1997)

²⁸ De Decca (1992, p. 81) comenta que "o Centro de Indústrias do Estado de São Paulo era um organismo estratégico de arregimentação política dos industriais e instituição niveladora dos discursos dessa fração de classe que não só a organizou para os confrontos com o operariado como submeteu a maioria dos industriais aos ditames do grande capital."

Para Campos (1986), esse caminho liberal de exploração do petróleo tira o mérito de Lobato ter sido o precursor da Petrobras. Ele foi um grande lutador pela autonomia energética do país, mas não queria o monopólio estatal que aconteceu com a criação dessa companhia, em 1953.

Lobato, inconformado com as limitações de seu projeto de o Brasil gerir o seu desenvolvimento econômico pelas vias do trabalho eficiente e da autonomia energética, entrou em conflito ideológico com o “ditador” Getúlio Vargas e acabou sendo preso por seis meses, em 1941. O desfecho de sua luta pelo petróleo se deu com essa prisão, quando ele deixou de concretizar o seu projeto de progresso para o país.

4.3.2 – AS IDÉIAS ESCOLANOVISTAS NO SÍTIO DO PICAPAU AMARELO

Além do fascínio pelo modo de vida norte-americano, durante o período em que viveu nos Estados Unidos, Lobato conheceu melhor as modernas idéias sobre a infância e a educação por meio de Anísio Teixeira, um dos idealizadores das reformas educacionais do Brasil, que também estava em temporada nos Estados Unidos. Anísio Teixeira era adepto do escolanovismo de John Dewey, cujas idéias foram explicitadas no capítulo 1.

O contato com essas idéias também repercutiu na obra infantil de Monteiro Lobato, aumentando consideravelmente sua qualidade literária. Suas histórias produzidas na década de 1920 foram reescritas e adaptadas para uma linguagem mais simples, sem a dramaticidade anterior. Ademais, Lobato inseriu ilustrações (que eram apregoadas pelos escolanovistas) para acompanhar o texto, acrescido também de humor e ironia, que passaram a ser marcas registradas de sua obra infantil.

Essas mudanças na obra infantil lobatiana ocorreram, sobretudo, na década de 1930, quando Lobato se dedicou mais à produção de histórias com intenções didáticas. Catinari (2006) informa que o escritor sempre se preocupou com o ensino desestimulante que se oferecia aos alunos, por isso, aliou nessas histórias a educação ao entretenimento, procurando elaborar um saber significativo para eles. A hipótese para essa atitude de Lobato talvez esteja em sua própria experiência como estudante das escolas dos primeiros anos da República, revelada em carta a Godofredo

Rangel. Note a importância da obra de Júlio Verne²⁹ para o aprendizado de Geografia e o conhecimento da obra de Humboldt que, com Ritter, foram os precursores da Geografia Moderna. Note também a crítica de Lobato ao caráter mnemônico da Geografia ensinada nas escolas nessa fase.

Recordando minha vida colegial vejo quão pouco os mestres contribuíram para a formação do meu espírito. No entanto, a Júlio Verne todo um mundo de coisas eu devo! E a Robinson? Falaram-me à imaginação, despertaram-me a curiosidade — e o resto se fez por si.

Júlio Verne levou-me a Humboldt, e depois à Geografia e às demais ciências físicas e sociais. [...]

A inteligência só entra a funcionar com prazer, eficientemente, quando a imaginação lhe serve de guia. A bagagem de Júlio Verne, amontoadada na memória, faz nascer o desejo de estudo. Suportamos e compreendemos o abstrato só quando existe material concreto na memória. Mas pegar de uma pobre criança e pô-la a decorar nomes de rios, cidades, golfos, mares, como se faz hoje, sem intermédio da imaginação, chega a ser criminoso. É, no entanto o que se faz!... A arte abrindo caminho à ciência: quando compreenderão os professores que o segredo de tudo está aqui? (LOBATO, 1948a, p. 8).

Diante disso, no Sítio, os personagens-crianças participavam ativamente do processo ensino-aprendizagem, realizando perguntas, dando opiniões, promovendo experiências práticas e associando idéias para chegar às suas próprias conclusões, sempre mediadas por Dona Benta, uma professora que os conduzia à aprendizagem de maneira prazerosa e democrática. Lobato também inseriu no Sítio do Picapau Amarelo o ensino pautado na alegria, no prazer e no companheirismo. O resultado dessas inovações pôde ser verificado pelo escritor nas centenas de cartas que recebeu de crianças de todo o Brasil, informando-o sobre a eficiência de suas histórias para a aprendizagem escolar, como na carta enviada por Miriam.

²⁹ Coquery-Vidrovitch (2004) informa que Júlio Verne representou em suas obras o preconceito contra o negro de acordo com os clichês de sua época (meados do século XIX). Sendo assim, ele distingue os bons selvagens dos maus selvagens, quase sempre negros, nas aventuras imaginárias que realiza em diferentes países do mundo. E essas obras, que eram lidas por Lobato desde a infância, já influenciavam também na formação de sua visão do mundo.

‘Venho apenas agradecer-lhe o muito que fez por mim através de seus livros. Desde que eu tinha seis anos, quando ainda morava na cidade de Salvador da Bahia, [...] eu sonhava com o Sítio do Picapau Amarelo’, recorda Miriam, dezoito anos, contando que durante o vestibular, quando qualquer ‘compêndio’ lhe dava ‘náuseas’, lia *Geografia de Dona Benta*. ‘Desanuviou o espírito e me deixou em um estado de ânimo milhões de vezes melhor’. (apud AZEVEDO et al., 1997, p. 317).

Por meio de sua literatura infantil, Lobato conquistou as crianças, pois respeitou-lhes a capacidade de compreensão e mostrou-lhes, de forma realista, os fatos que aconteciam no Brasil e no mundo. Por isso, a obra infantil de Lobato não se encaixava perfeitamente nos interesses da elite que queria ocultar esses fatos, sendo, conseqüentemente, perseguida e taxada de imprópria para as crianças. Nesse sentido, houve episódios em que Lobato teve suas encomendas de livros para o governo suspensas e sua obra queimada e retirada das bibliotecas, acusada de ser comunista e de afetar a formação do caráter infantil, pela concepção alternativa de moral que apregoava.

Mesmo sendo tão polêmica, a obra infantil lobatiana influenciou gerações de políticos, intelectuais e escritores que a leram na infância. Ruth Rocha, importante escritora de obras infantis na atualidade, diz que só resolveu escrever para crianças por causa de Lobato. Rubens Ricupero (1994), ex-Ministro da Fazenda, em um artigo especial para a *Folhinha*, afirmou “eu não exagero ao dizer que tudo o que eu consegui na vida em termos de conhecimento, devo em grande parte a Monteiro Lobato.”

Lobato continuou escrevendo suas histórias para as crianças brasileiras até 1947, quando produziu sua última criação literária, um libreto para a opereta *Narizinho Arrebitado*, encenada em Salvador, na Bahia. Um ano antes de encerrar sua carreira literária, o escritor, decepcionado com a “miséria brasileira que estava a lhe doer demais” (AZEVEDO et al., 1997, p. 345), exilou-se voluntariamente na Argentina, onde fundou a Editorial Acteon, lançando sua obra infantil completa nesse país. Viveu na Argentina por um ano e, depois, retornou ao Brasil doente e vivendo uma fase bastante pessimista.

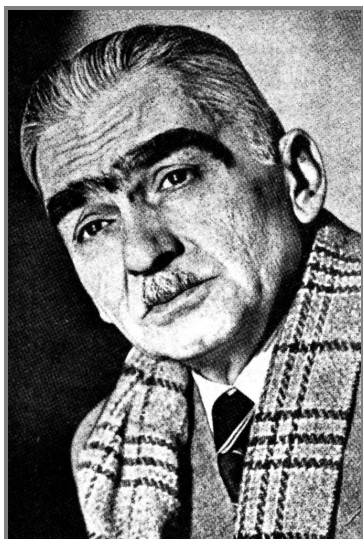


Figura 16 – Monteiro Lobato quando morou na Argentina. (Reprodução de CAVALHEIRO, 1955b)

Na verdade, já no início da década de 1940, Lobato demonstrou em suas histórias infantis um pessimismo extremo. Embora ao longo de sua obra ele tenha oscilado entre interpretações ambíguas a respeito do progresso, predominando quase sempre a sua visão otimista, nessa fase, ele deixou perceptível a sua descrença na humanidade e no modelo de sociedade e de progresso que ele havia preconizado para o Brasil.

De acordo com Campos (1986), há um conjunto de hipóteses que justificam essa fase pessimista na carreira literária de Lobato. Entre elas, estão a desilusão de sua luta pelo petróleo, a morte de familiares e a tristeza de vivenciar uma segunda Guerra Mundial, conflito que vinha matando milhares de civis devido às conquistas tecnológicas advindas dos avanços da ciência e da industrialização, elementos presentes no discurso de sua obra infantil.

Nessa fase, Lobato se reaproximou das idéias socialistas, pois desde os tempos de estudante defendia o socialismo como ideal. Assim, passou a redigir textos para o Partido Comunista, fato que culminou num convite para integrar o partido. No entanto, como Lobato não tinha perfil de um homem de partido por ser individualista, traços herdados da influência de Nietzsche, além de descreer na revolução e no Estado como condutor de um país, ele recusou o convite.

No entanto, Campos (1986) alerta que o fato de Lobato ter se aproximado do Partido Comunista não significou que ele tenha, efetivamente, aderido aos pressupostos marxistas, mas que ele vislumbrou nesses pressupostos uma possibilidade de reaver o otimismo que perdera em relação à humanidade e ao progresso pelas vias do capitalismo liberal, tão defendido por ele ao longo de sua vida.

Antes de analisarmos o pensamento geográfico vigente no contexto vivido por Lobato, gostaríamos de mencionar as variadas adaptações da obra infantil desse escritor. Além de ter sido tema de músicas, samba-enredo, operetas, peças teatrais, programas de rádio, publicidades e marcas, essa obra foi adaptada para a televisão, onde foi intensamente popularizada. Com isso, a obra de Lobato teve um alcance ideológico ainda maior, passando da esfera dos leitores para a dos telespectadores que assistem a esse veículo de grande poder informativo. Entre 2001 e 2007, a Rede Globo de Televisão transmitiu uma série inspirada na obra infantil de Monteiro Lobato, a partir da qual o Sítio do Picapau Amarelo ficou sendo conhecido por mais uma geração de crianças brasileiras.

5. O PENSAMENTO GEOGRÁFICO BRASILEIRO NO CONTEXTO VIVIDO POR MONTEIRO LOBATO

Moraes (1988) esclarece que o pensamento geográfico é o discurso de uma sociedade acerca de seu meio e de suas relações com esse meio. A importância de estudar o pensamento geográfico brasileiro é a de contribuir para a discussão epistemológica da ciência geográfica, tornando possível compreender a trajetória de construção dessa ciência em nosso país. A compreensão dessa trajetória, que permite conhecer o conjunto de idéias, ideologias, teorias e métodos que forjaram o modo de pensar dos geógrafos brasileiros em determinado contexto histórico, também contribui para o melhor entendimento do espaço geográfico brasileiro e de nossa formação social.

Por ser mais abrangente que a Geografia, o pensamento geográfico não está presente somente em textos geográficos científicos, mas em outras áreas do conhecimento que se debruçam sobre a temática espacial, como a literatura. Na presente pesquisa, a análise do pensamento geográfico incidirá sobre a obra literária infantil de Monteiro Lobato, autor que escreveu para as crianças entre as décadas de 1920 e 1940, também abordando em sua literatura temas e conceitos geográficos.

No período imediatamente anterior a institucionalização da Geografia nas universidades brasileiras, ou seja, no final do século XIX e início do século XX, momento histórico em que o projeto das elites era modernizar o Brasil e isso implicava buscar uma identidade nacional, o pensamento geográfico atuou nos debates sobre o território brasileiro e sua população. De acordo com Machado (1995), essa atuação do pensamento geográfico se deu, por um lado, considerando que as riquezas naturais, a dimensão territorial e a tropicalidade eram elementos que determinavam o destino do Brasil como grande potência e, por outro lado, apoiado em teorias racistas, afirmando que a população mestiçada, ignorante e incapaz, contrastava com esse destino do país. Essa origem do pensamento geográfico brasileiro foi implantada por profissionais de outras áreas científicas que, embora isolados, produziram importantes trabalhos

geográficos, mesmo sem existir um campo disciplinar da ciência geográfica instituído no país³⁰.

Entre os diversos profissionais que realizaram trabalhos classificados como geográficos nesse período, merecem destaque Carlos Miguel Delgado de Carvalho – cientista político, cujos estudos foram elaborados, principalmente, na perspectiva da Geografia Francesa; e Everardo Backheuser, engenheiro ligado à Geografia Alemã, adepto das idéias de Ratzel. Ambos eram professores que, segundo Anselmo (2002, p. 249), fundaram, em 1926, “o primeiro ensaio brasileiro de ensino superior em Geografia: o Curso Livre de Geografia Superior.”

O adjetivo “livre” definido para esse curso é um indicativo da grande liberdade de idéias com que esses professores puderam desenvolver seus trabalhos. Isso porque eles recorriam, ainda de acordo com Anselmo (2002, p. 250), “a uma série de citações de autores das mais diversas linhas de pensamento, amalgamando tendências e descontextualizando idéias”, construindo um discurso geográfico eclético sobre a realidade nacional, com diferentes correntes de pensamento e com autores que se opunham entre si.

Sendo assim, esses professores representaram as principais correntes epistemológicas geográficas da década de 1920 e foram defensores de um projeto de institucionalização da Geografia no país. Além disso, eles foram os pioneiros em romper com o ensino de uma Geografia essencialmente descritiva e mnemônica, procurando implantar uma Geografia mais científica nas escolas, que tivesse significado para a vida dos alunos. Eles acreditavam que o ensino dessa Geografia científica transmitiria o nacionalismo às crianças brasileiras, sendo importante para a modernização almejada para o país.

Lobato recebeu sua formação intelectual e iniciou a sua produção literária infantil nesse período anterior à institucionalização da Geografia nas universidades, no qual o pensamento geográfico brasileiro estava sendo gestado. Advogado de formação, ele assumiu, em uma das

³⁰ Nesse período anterior à institucionalização da Geografia brasileira nas universidades, já existiam instituições no país que realizavam estudos geofísicos e históricos, como o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), criado em 1838, e a Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro (SGRJ), criada em 1883.

correspondências enviadas a Godofredo Rangel, ter lido Humboldt, um dos precursores da Geografia Moderna. Entretanto, é provável que Lobato não tenha lido Ratzel no período em que cursou a Faculdade de Direito do Largo São Francisco, pois a versão italiana da *Antropogeografia (Geografia dell'Uomo)* passou a circular entre os intelectuais brasileiros somente em 1914 (dez anos após a formatura de Lobato).

No entanto, como conhecedor das novidades literárias e científicas, ele possivelmente leu, nessa fase de formação intelectual, outros pensadores do século XIX, como Hippolyte Taine, que também elaboraram teorias deterministas. Essa mesma suposição nos leva a crer que Lobato tenha lido Ratzel por volta da década de 1920, época em que a *Antropogeografia* já estava em circulação no meio intelectual brasileiro e quando ele escreveu suas primeiras histórias infantis, fato que corroborou em suas concepções de influência do meio sobre o ser humano, marcantes nessas histórias. Evidencia-se, também, que Lobato tenha conhecido a vertente ratzeliana do determinismo, ao ler as obras de Oliveira Vianna, do qual era editor.

Na década de 1930, após ter vivido nos Estados Unidos onde trabalhou como adido comercial, Lobato regressou ao Brasil, dedicando-se intensamente à produção de livros infantis, inclusive aqueles que serão analisados nesta pesquisa. Nessa década, governada por Vargas e caracterizada pela ascensão da classe burguesa industrial ao poder, a Geografia brasileira estava se instituindo como ciência acadêmica no país. Essa institucionalização, que já vinha sendo preparada desde meados da década de 1920, principalmente, com Delgado de Carvalho e Backheuser, foi realizada pelas missões européias lideradas por Pierre Monbeig e Pierre Deffontaines, criadores dos primeiros cursos de Geografia no Brasil, com base nas concepções da Geografia possibilista (funcionalista-culturalista) de Vidal de La Blache. Ao adotar-se a escola geográfica francesa como modelo no país, rompeu-se com a liberdade de idéias, teorias e métodos com que os intelectuais dedicados aos estudos geográficos dispunham nas décadas anteriores.

Porém, as idéias deterministas de Ratzel, precursor da Geografia alemã, não foram totalmente abandonadas nesse processo, mas

unidas às idéias lablachianas, de que o meio exerce alguma influência sobre o ser humano, porém, de acordo com as condições técnicas e a disponibilidade de capital ele pode adaptar-se ao meio, utilizando de sua inteligência³¹. Deffontaines também criou a AGB (Associação dos Geógrafos Brasileiros), que editou a revista *Geografia* em 1935, publicação que possibilitou a intensificação da produção científica do pensamento geográfico no país.

Esses cursos de Geografia foram criados em um momento histórico no qual era imperativo aos dirigentes afirmar a nacionalidade e conhecer o território brasileiro e seus habitantes, a fim de explorá-lo e promover reformas em nosso país. Por isso, era importante disponibilizar o ensino da ciência geográfica, cujo instrumental científico mostrava-se adequado para essa finalidade. Além disso, Anselmo (1995) esclarece que as concepções de Vidal de la Blache identificavam-se com a necessidade de nossos dirigentes. Isso porque essas concepções asseguravam o consenso entre as etnias formadoras da população brasileira e também entre as classes sociais existentes no país, opondo-se à idéia dos darwinistas sociais, para os quais havia conflito entre esses grupos sociais. Logo, as idéias de consenso e de inexistência de conflitos, apregoadas pelos funcionalistas-culturalistas, mascaravam os problemas reais de nossa sociedade e, por isso, estavam de acordo com as pretensões ideológicas dos dirigentes do país.

Monteiro (1980, p. 42) informa que a institucionalização da Geografia acadêmica no Brasil na década de 1930 esteve diretamente ligada à dependência externa de teorias, métodos e de geógrafos estrangeiros para formar técnicos e docentes dessa disciplina no Brasil. Além disso, enquanto ciência social, a Geografia também se caracterizou por uma natureza acrítica e um hermetismo que a distanciou do diálogo com outras áreas do conhecimento, situação que também repercutiu na Geografia escolar. Por isso, "a literatura geográfica brasileira circunscreve-se ao nível do técnico ou

³¹ Alguns autores, a exemplo de Lencioni (2003, p. 87), entendem que "podemos encontrar na posição possibilista conduções e raciocínios próprios do determinismo e vice-versa." Lencioni (2003) afirma, ainda, que essas posições se referem às estratégias espaciais identificadas com projetos nacionais da França e da Alemanha, respectivamente. Não há, para esta autora, um "divórcio teórico" entre La Blache e Ratzel, uma vez que ambos "compartilham da mesma visão de homem e de natureza, como constituintes de uma unidade e não como opostos." (LENCIONI, 2003, p. 103).

especializado sem muita abertura ao contexto da ‘cultura’ brasileira.” No entanto, essas deficiências da Geografia brasileira em sua fase de consolidação não impediram, ainda de acordo com Monteiro (1980), que a produção científica geográfica do país fosse rica e variada.

Além dos cursos de Geografia, no início do Estado Novo em 1938, foi criado o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), que possuía um Conselho Nacional de Geografia, responsável por realizar estudos geopolíticos e estatísticos. Esses estudos foram importantes subsídios ao governo³², pois, em um momento de expansão capitalista, auxiliaram no planejamento do território nacional, esclareceram sobre os problemas e potencialidades do país, além de consolidarem a unidade nacional.

Em síntese, idéias como nacionalismo, expansão capitalista, identidade, unidade, integração e segurança nacional fizeram parte do pensamento geográfico brasileiro da década de 1930, quer nas universidades, quer nos órgãos governamentais. Lobato também compartilhou dessas idéias, inseridas em seu projeto de criar uma nova nação reestruturando o espaço geográfico brasileiro por meio da industrialização e exploração do petróleo e do ferro, do trabalho eficiente e da integração nacional pelas vias de transporte.

Esse projeto está presente na obra literária infantil de Monteiro Lobato, na qual ele também procurou formar uma consciência geográfica nas crianças, seres mais suscetíveis à assimilação das ideologias, a fim de nelas moldar um comportamento que lhes possibilitasse atuar na reestruturação desse espaço. Esse propósito de Lobato estava de acordo com as expectativas da classe burguesa industrial, com a qual ele também comungava seu projeto de reestruturação do espaço geográfico brasileiro. Porém, o escritor discordava de sua classe social, que via a intervenção do Estado na economia e na sociedade como o melhor caminho para promover essa reestruturação. Para Lobato, o Brasil deveria ser comandado por uma

³² De acordo com Gomes (2002, p. 177), o IBGE subsidiou “um regime forte e intervencionista, que vivia em clima de guerra e precisava implementar um conjunto de políticas, entre as quais se destacavam aquelas destinadas a proteger nosso espaço territorial, integrando-o de uma maneira que fosse definitiva.”

nova classe de dirigentes que, pelas vias liberais, fosse capacitada para governar o país com competência. Em sua literatura infantil, Lobato pretendeu formar essa nova classe dirigente educando as crianças da elite, que foram as principais leitoras de suas histórias até meados do século XX.

Nas próximas páginas, conheceremos algumas histórias da literatura infantil lobatiana, as quais serão analisadas sob o enfoque do pensamento geográfico embutido na visão do mundo do escritor.

5.1 – ANÁLISE DO DISCURSO GEOGRÁFICO DE HISTÓRIAS SELECIONADAS DA OBRA INFANTIL DE MONTEIRO LOBATO

No presente capítulo, selecionamos três histórias infantis escritas por Lobato que apresentam de forma mais significativa a Geografia transmitida por ele, por meio de alguns personagens do Sítio, às crianças brasileiras. Essa Geografia está presente nos discursos sobre as nossas potencialidades, nos problemas e qualidades do espaço brasileiro, nas interpretações do povo e do território brasileiros, e também nas idéias que ele propagou para a reestruturação desse espaço.

Para detectar o posicionamento ideológico do escritor nesses discursos, no que se refere à temática espacial, elencamos algumas palavras-chaves como raça, mestiçagem, povo brasileiro, adaptação, Estado, território, industrialização, recursos naturais, progresso, modernização, educação e infância, e buscamos os excertos nos quais elas estão presentes nas histórias do escritor.

A edição escolhida para realizar a análise do discurso geográfico de Monteiro Lobato é a que reúne a obra infantil completa do escritor, publicada em 1982 pela Editora Brasiliense, ano do centenário de seu nascimento. Essa edição recebeu algumas atualizações e modificações textuais, porém, a maior parte do texto permanece fidedigna aos originais do escritor.

5.1.1 – GEOGRAFIA DE DONA BENTA

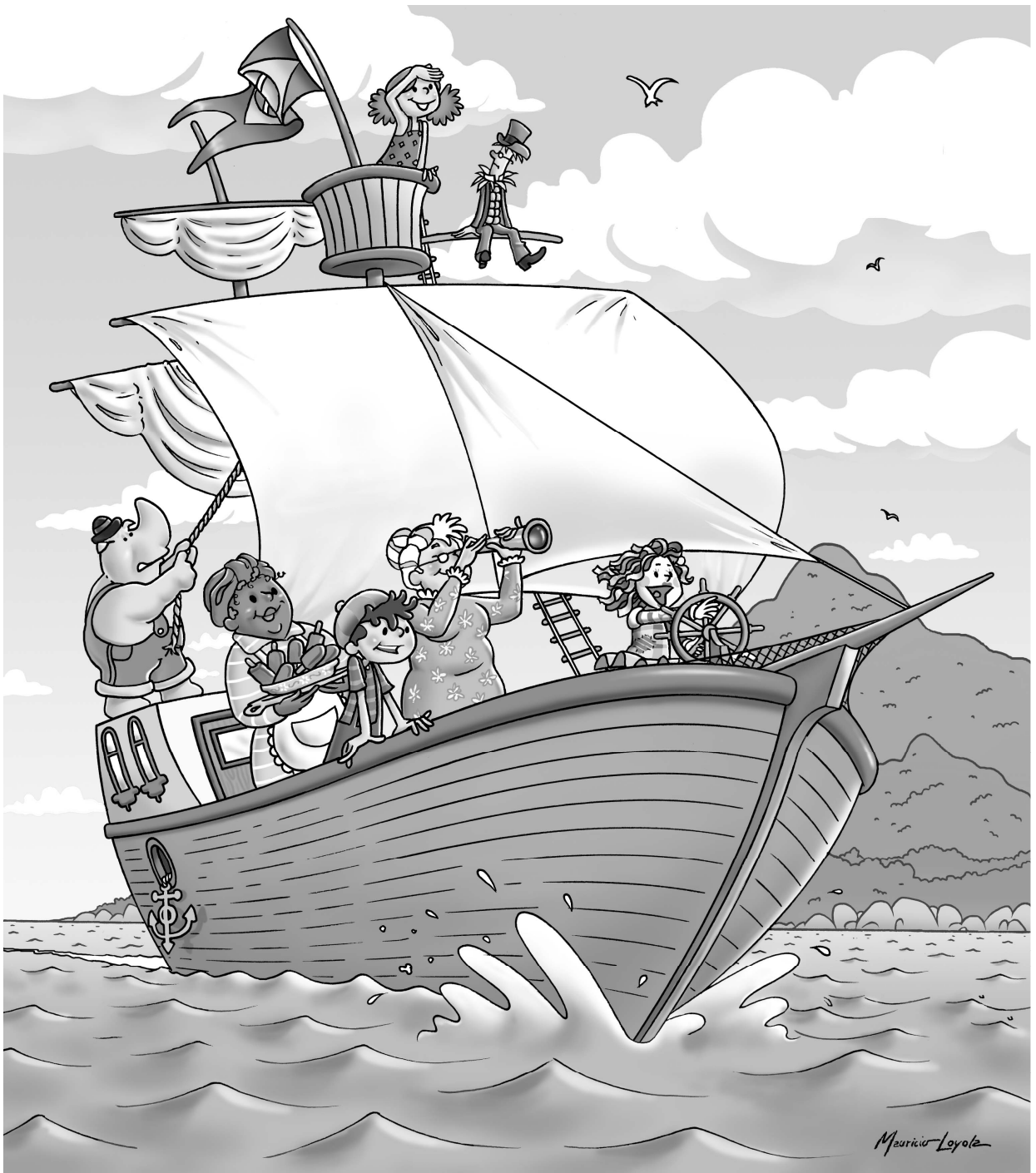


Figura 17 - A Turma do Sítio a bordo do “Terror dos Mares” aprendendo Geografia. (Ilustração de Mauricio Loyola)

5.1.1.1 – COMENTÁRIOS GERAIS SOBRE *GEOGRAFIA DE DONA BENTA*

Geografia de Dona Benta faz parte do conjunto de livros paradidáticos de Lobato e foi escrita em 1935, momento em que ocorria a implantação dos primeiros cursos universitários de Geografia no país. Como o próprio título sugere, essa história é a de maior interesse para o geógrafo, porque é especificamente voltada para o ensino da Geografia às crianças.

Ao selecionar os conteúdos geográficos dessa história, Lobato contemplou as esferas física, humana e, com maior ênfase, a econômica da Geografia. Também enfatizou conteúdos condizentes com a Geografia Cultural e com a Geopolítica. Os comentários sobre a história dos lugares do mundo também permeiam a narrativa da *Geografia de Dona Benta*, numa evidente valorização da disciplina de História que, no contexto da década de 1930, era uma ciência de maior reconhecimento que a Geografia.

Na maioria das vezes, o escritor produziu um discurso nessa história que se diferencia dos compêndios didáticos nacionais de Geografia da década de 1930³³, especialmente, porque não apelou para o patriotismo acrítico e nem inventariou exaustivamente os aspectos físicos do território brasileiro, buscando romper com a Geografia essencialmente mnemônica e descritiva que se ensinava às crianças. Lobato não deixou de mostrar nossas potencialidades às crianças, porém, imbuído de seu compromisso de formar a criticidade em seus leitores, apontou-lhes os problemas brasileiros e a ineficiência de nossos governantes.

Influenciado pelo ideário escolanovista, o escritor também inovou nessa história quanto à metodologia de ensino, pois buscou dinamizar as aulas de Geografia (no contexto da época) ministradas por Dona Benta, por exemplo, realizando trabalhos de campo para observação prática dos fenômenos espaciais, buscando construir um saber geográfico significativo para seus leitores.

³³ De acordo com Gomes (2002, p.400), os compêndios didáticos de Geografia da década de 1930 deixavam de mostrar as mazelas do Brasil com sua população miserável e seus problemas de ordem política para exaltar a grandeza, beleza e riqueza de nosso território habitado por três raças que viviam em harmonia. O discurso desses compêndios apregoava que essas raças se miscigenaram ao longo do tempo e produziram um povo forte e coeso: o brasileiro, escamoteando as desigualdades raciais existentes no país.

A visão do mundo contraditória de Lobato, forjada no evolucionismo spenceriano, tanto em sua vertente otimista do progresso quanto em sua vertente pessimista, da luta entre os mais fortes e mais fracos, está presente na *Geografia de Dona Benta*. Essa visão do mundo é observada, em relação ao Brasil, quando Lobato busca evidenciar nossas potencialidades econômicas e apresenta idéias para uma política territorial, ao mesmo tempo em que desvaloriza, explícita ou subliminarmente, o povo brasileiro em sua parcela menos favorecida economicamente, em especial, o negro, e também a elite agrária de “raça branca”.

5.1.1.2 – ANÁLISE DO DISCURSO GEOGRÁFICO DE *GEOGRAFIA DE DONA BENTA*

A primeira aula de Geografia ministrada por Dona Benta ao pessoal do Sítio, ainda em terra, é sobre o espaço sideral e as características físicas do planeta Terra, conteúdos trabalhados nos compêndios didáticos geográficos da época. Porém, esses conteúdos, que exigem maior grau de abstração, foram ensinados por Lobato com exemplos práticos possibilitando às crianças compreendê-los com mais facilidade. Quando Dona Benta informa a medida da circunferência da Terra, temos um exemplo dessa metodologia.

Pedrinho, na dúvida, resolveu tirar a prova daquela matemática. Cortou pelo meio várias laranjas e uma grande abóbora bem redondinha. Mediu a circunferência e o diâmetro de todas as ‘cuias’ e achou que era sempre um terço e um tico da circunferência, qualquer que fosse o tamanho das frutas. Quando voltou para a sala e contou o caso, Dona Benta disse:

— Muito bem. Gosto que vocês se convençam por si mesmos. Desse modo o que aprendem fica para sempre gravado na cabeça. [...] (LOBATO, 1982c, p. 145)

Ainda nessa aula, Dona Benta comenta sobre “as raças” que formam a população humana, argumentando que somente a cor da pele diferencia essas raças. Com base nesse critério, ela estabelece uma classificação para as raças: amarela-pardacenta, preta, cor de cobre e branca. Depois, descreve o fato de sermos um país bastante miscigenado,

afirmando que “no Brasil, temos gente de todas as cores” (p. 147), sem se referir à diversidade cultural ocasionada por essa formação pluriétnica que caracteriza o país. O darwinismo social que influenciou Lobato vai ser revelado algumas páginas adiante quando os habitantes do Sítio visitam os Estados Unidos. Nesse momento, o escritor descreve a população norte-americana, alvo de sua admiração, como diferente da brasileira, alvo de sua crítica, pois lá “há uma barreira entre os brancos e os pretos”, de modo que “quem é branco fica com branco e quem é preto fica com preto.” (p. 183). Ele não condena essa forma de segregação racial vigente em um dos países mais adiantados do mundo.

Um dia depois da aula sobre o planeta Terra, Emília propõe que a Geografia seja aprendida de outra forma, ou seja, viajando pelo mundo a bordo de um “navio faz-de-conta”, um brigue que foi batizado por ela de “O Terror dos Mares”. Todos adoraram a idéia de embarcar nessa aventura, comandada por Dona Benta que, com sua luneta, mostraria lugares, tipos humanos, a organização de diferentes territórios e suas potencialidades econômicas.

A viagem teve início pelos estados brasileiros, e Lobato adotou o critério de mostrar os aspectos socioeconômicos e físicos desses territórios, enfatizando como os seus habitantes podem explorar os recursos disponíveis para alcançar o progresso. Ele intercala esses comentários com análises dos problemas que dificultam o progresso e explicações sobre aspectos históricos e turísticos dos lugares visitados. Para falar dos países e regiões do planeta à turma do Sítio, Lobato também adotou esse critério, porém, deu maior ênfase às explicações socioeconômicas e históricas.

O primeiro estado a ser visitado pela turma do Sítio foi o Rio Grande do Sul, no ponto extremo sul do país. Ao descrever os Pampas e os gaúchos, Lobato transparece em sua visão do mundo a concepção determinista ratzeliana de que o meio atua na formação de uma “raça”.

A vida dos homens, em qualquer parte do mundo, depende da terra, e como aqui a terra é sobretudo composta desses campos, ótimos para a criação de gado, a vida dos homens que habitam o Rio Grande, o Uruguai e a Argentina giram em torno da criação de gado. [...] O hábito de lidar com o gado deu aos moradores dos Pampas uma fisionomia especial. São

homens carnívoros, isto é, que se alimentam quase exclusivamente de carne, e valentes. (LOBATO, 1982c, p. 150)

Os estados do Sul brasileiro, especialmente o Rio Grande do Sul, são considerados por Lobato como os mais promissores do país, devido a seus aspectos físicos e às qualidades da população, que podem levá-los ao desenvolvimento econômico. Nesse excerto, também observamos o regionalismo favorável ao Sul brasileiro.

— Ah, o Rio Grande do Sul é uma das partes mais importantes, mais ricas e de mais futuro do Brasil. Tem todas as condições de clima e topografia para desenvolver-se cada vez mais. O povo é sadio e corajoso. E entusiasta. Um povo feliz. As culturas são variadíssimas; produz até trigo; e as indústrias se desenvolvem com muita força. (LOBATO, 1982c, p. 155)

Aproveitando a proximidade do Rio Grande do Sul com a Antártida, Dona Benta resolve visitar essa terra gelada. Durante a visita, Lobato, por meio dessa personagem, explica o que são os pólos e o clima que atua nessa porção do planeta. Nesse momento, ele demonstra ter sido influenciado pelas idéias da escola possibilista francesa ao afirmar que, apesar do frio intenso desse continente inóspito, “esse terrível bichinho que é o homem até lá tem conseguido ir.” (p. 152).

Depois de visitar a região Sul, a turma do Sítio segue viagem pelo Brasil passando pelo Mato Grosso, onde Dona Benta comenta que o petróleo pode conduzir esse estado ao desenvolvimento. Porém, alerta que a ineficiência de suas vias de transporte pode dificultar o alcance desse desenvolvimento. Esses comentários de Lobato se referem à política territorial da década de 1930 de construir vias de transporte para estabelecer a integração e a unidade nacional, com o intuito de facilitar a migração (mão-de-obra) para as indústrias da região Sul, ocupar os vazios demográficos e dinamizar a economia do país, escoando a produção agrícola dos estados centrais. Essa política territorial, mencionada em outros momentos da história, faz parte do projeto de Lobato e da burguesia industrial, de reestruturação do espaço geográfico nacional a fim de conduzir o Brasil ao progresso. Tais concepções estão em consonância com as idéias de Oliveira

Vianna, que exerceu influência no pensamento do escritor. Quando a turma do Sítio visita os Estados Unidos, que era o modelo de sociedade e economia que Lobato queria implantar no Brasil, o escritor enaltece aquele país pela qualidade e quantidade de vias de transporte em seu território, especialmente as rodoviárias, afirmando que elas são uma das razões do progresso norte-americano.

Nessa perspectiva, ele também elogia São Paulo, descrevendo a impressão das crianças do Sítio quando elas vêem grande quantidade de veículos trafegando pelas rodovias desse estado. Então, Dona Benta explica do que é feita a gasolina que movimenta os veículos e afirma, em uma visão spenceriana de progresso.

– [...] O petróleo é o rei dos combustíveis modernos, de modo que só são fortes, ricos e respeitados os países que o possuem. Graças ao petróleo é que os automóveis e aviões existem. Ferro e petróleo: eis os dois elementos básicos da grandeza dos povos modernos. Os Estados Unidos tornaram-se o país mais rico do mundo porque é de todos o que produz mais petróleo. (LOBATO, 1982c, p. 158)

Dona Benta também louva o estado de São Paulo pelo clima agradável e por ser a locomotiva do país devido à agricultura e à indústria pujantes, à auto-suficiência industrial e à sua população que forma “um núcleo humano dos mais operosos.” (p. 159). Lobato, paulista de nascimento, demonstra seu etnocentrismo ao salientar essa idéia de que São Paulo é a locomotiva do país. Esse etnocentrismo do escritor vai contra a política de integração nacional da década de 1930, que pretendia unificar o país para reverter a ameaça separatista que pairava em nosso território, configurado como um grande arquipélago.

De São Paulo, o brigue segue rumo ao Rio de Janeiro, estado para o qual Lobato dedica comentários sobre a sua peculiar geografia, especialmente, em relação ao relevo composto por elevações cobertas de floresta tropical e formações rochosas exóticas, por exemplo, Pão de Açúcar e Morro da Urca. Ao mencionar a história do estado fluminense e o quanto esse estado “sofreu” com a libertação dos escravos, Lobato demonstra resquícios da visão do mundo da burguesia rural cafeeira, classe social de

sua origem. O escritor culpa os escravos pelas dificuldades econômicas enfrentadas pelo Rio de Janeiro ao transmitir a idéia de que, com a libertação, eles abandonaram as fazendas, cujas terras foram tomadas pelo sapé e pela saúva, em conseqüência da falta de trabalho dos escravos. Lobato conclui que, em conseqüência desse colapso de mão-de-obra para o trabalho nas fazendas, o Rio de Janeiro passou a enfrentar graves dificuldades financeiras.

Com essas informações, o escritor camufla a história real do pós-abolição, período em que os fazendeiros não absorveram os escravos recém-libertos como mão-de-obra assalariada em suas fazendas. Ao contrário, foram os fazendeiros que abandonaram os ex-escravos sem indenizá-los pelos anos de trabalho e, além disso, desqualificaram-nos como trabalhadores nacionais. Carentes de mão-de-obra, os fazendeiros passaram a pressionar os governantes para trazer imigrantes europeus ao Brasil que, além de trabalhar nas fazendas e nas indústrias em ascensão, poderiam arianizar a nossa população mestiçada e “inferior”, caracterizando a ideologia de branqueamento da população, apregoada por muitos darwinistas sociais.

Depois de passarem por Minas Gerais, estado que Dona Benta comenta ser um grande produtor de ferro, e ainda salienta que sua capital, Belo Horizonte, possui uma invejável organização espacial urbana, entra em foco o Nordeste brasileiro, a começar pelo seu clima. No excerto a seguir, Lobato associou o clima atuando na adaptação de uma “raça”, demonstrando a influência da vertente do determinismo ratzeliano em seu discurso.

No Nordeste, ‘o clima é quente e portanto impróprio para as raças brancas que da Europa emigram para a América. Notem que no Sul do Brasil há muitos imigrantes estrangeiros, que vieram e se fixaram em virtude do clima ser mais ou menos o mesmo que de suas pátrias.’ (LOBATO, 1982c, p. 167)

Esse excerto também revela que houve maior alocação de mão-de-obra imigrante para o Sul do Brasil³⁴, contribuindo para intensificar nossa disparidade regional. Isso ocorreu porque as elites desenvolveram o

³⁴ Na década de 1930, os estados que compunham a região Sul do Brasil eram, além do Rio Grande do Sul, Paraná e Santa Catarina, os estados de São Paulo e Rio de Janeiro, a então capital federal do país.

discurso ideológico de que o clima nordestino era impróprio para a “raça branca”, a fim de trazer o maior número possível de imigrantes para o Sul do país, onde estavam concentradas as indústrias financiadas pelo capital cafeeiro. Essa estratégia das elites promoveu o desenvolvimento da região Sul do país em detrimento das demais.

Lobato continuou explanando sobre o Nordeste contradizendo-se ao afirmar que, em toda essa região, o europeu não se fixa com exceção dos portugueses (que também são europeus), “que se fixam em todos os climas do mundo, sejam os mais tórridos da África, sejam os climas gélidos da Terra Nova, lá no Canadá.” (p. 167)

O elogio ao povo português é recorrente na *Geografia de Dona Benta*, quer pela sua capacidade de adaptação em qualquer clima (por ser uma “raça forte”) quer pelo seu empreendedorismo movido pelo desejo de conquistar territórios em todo o mundo. Essa visão de superioridade dos portugueses, cujos descendentes compunham nossa aristocracia de procedência ariana e considerada civilizada, é provável influência de Oliveira Vianna nas concepções de Lobato.

Dona Benta também fala das secas e das conseqüências que trazem à população nordestina. Ela sugere soluções para amenizar essa problemática, como a irrigação e o aproveitamento comercial do babaçu e critica as autoridades governamentais pela sua inoperância em relação às secas. Nesse momento, Lobato transmitiu aos seus leitores a explicação real dos problemas da região Nordeste e apresentou soluções viáveis e coerentes para amenizar as secas que atingem essa região. São essas explicações que revelam a preocupação de Lobato em demonstrar às crianças brasileiras a realidade do país, sem incutir-lhes um discurso patriótico.

Ainda sobre o Nordeste, Lobato explica que entraram na formação da população nordestina "os portugueses, o negro e o índio - só. Não houve lá, como no Sul, nenhuma injeção de sangue novo europeu" (p. 168). Sua concepção ideológica darwinista social está presente nesse excerto demonstrando que o Sul, povoado de descendentes de imigrantes europeus capazes de elevar o Brasil ao progresso, contrastava com o Nordeste povoado de negros e índios que, na concepção dos darwinistas sociais, eram incapazes de qualquer ato civilizatório. Essa divisão do

território nacional em dois Brasis, a porção norte atrasada e a porção sul desenvolvida, promovida não só por Lobato, mas pela elite governante brasileira, era um grande entrave à integração regional do país.

Quando a turma do Sítio conhece as terras e as águas amazônicas, Lobato comenta sobre o clima da região amazônica que “é quente e úmido, o que torna a vida do homem ali uma luta constante contra as doenças e os bichinhos” (p. 172). O escritor comenta também sobre a imensidão e a importância do rio Amazonas para a população ribeirinha e dá uma longa explanação sobre os recursos existentes em suas águas e na floresta Amazônica. Ele também se refere a fenômenos que ocorrem nessa região, como o da terra caída e o da pororoca. Por fim, Lobato afirma que “a Amazônia ainda assusta a gente da “raça branca”. Só o índio nativo lhe suporta o regime de vida” (p. 172) e profetiza com sua visão do mundo progressista e darwinista social que o homem de “raça branca” um dia vai conquistar a Amazônia e transformá-la “na mais maravilhosa das fazendas”.

Tais colocações revelam que Lobato, assim como a intelectualidade e os dirigentes brasileiros, desconhecia a impropriedade do solo amazônico para a prática da agricultura. Elas também demonstram a visão utilitária do escritor que apregoou a agricultura praticada pela “raça branca”, como forma de explorar as terras amazônicas, e não a exploração dos recursos da floresta, que garantiria renda às populações ribeirinhas ao mesmo tempo em que preservaria essa importante formação vegetal de nosso país.

Em excertos como esse, observamos a ausência de preocupação de Lobato em formar uma consciência ambiental nas crianças brasileiras. Ressaltamos, porém, um retrocesso em sua visão do mundo, pois, no artigo *Velha Praga* de 1914³⁵, o escritor demonstra ter consciência ambiental, fato que o motivou a denunciar o hábito dos caipiras (Jecas Tatus), representantes da mestiçagem, de praticar as queimadas na Serra da Mantiqueira. Em relação às matas amazônicas, porém, Lobato avalizou a destruição, desde que realizada pelos “brancos”, demonstrando a influência darwinista social em seu pensamento.

³⁵ Sobre essa questão, ver nota de rodapé 23.

Depois de passar pelo rio Amazonas, a turma do Sítio alcançou o mar e, em uma das paradas do brigue, Dona Benta apontou sua luneta para os demais países da América do Sul e para alguns países da América Central, descritos por Lobato pela ótica econômica. Sobre esses países, o escritor salientou as principais riquezas e o comércio que realizam com outras nações do planeta. Nesse momento da história, Lobato refere-se a um problema geopolítico da América Latina: a Guerra do Chaco, protagonizada pela Bolívia e pelo Paraguai, que disputavam as reservas petrolíferas existentes no território que denominou esse conflito.

Como tinham a intenção de passar uma temporada nos Estados Unidos – país que era bastante admirado por Lobato na fase em que escreveu a *Geografia de Dona Benta* (tanto que quis importar o seu modelo econômico e social para o Brasil) – a rotina a bordo do “Terror dos Mares” mudou. Essa transformação ocorreu diante da necessidade de todos aprenderem o idioma inglês, tarefa recusada por Tia Nastácia, o “cozinheiro” do navio.

— *Mr. Cook* — dizia por exemplo a menina [Narizinho] — *give me a Knife*.

Aquilo era simples, era o mesmo que dizer: ‘Senhor cozinheiro, arranje-me uma faca’, mas a pobre negra não entendia patavina.

— Que moda essa agora! — protestava a coitada derrubando o beijo. — Estou que já não sei onde estou. O dia inteiro levam esses diabretes a falar uma língua que só o diabo entende, e até Dona Benta às vezes escapa e me dá ordens nessa língua. Isso assim não serve. Falem esquisito com quem quiserem, mas comigo só quero língua de gente...

— E inglês não é língua de gente?

— Língua de gente é língua que a gente entende. Essas que vocês deram de falar só o diabo entende; logo não é língua de gente. Pelo menos não é língua de cristão...

Todos riram-se da pobre[...] (LOBATO, 1982c, p. 174)

Lobato utilizou Tia Nastácia em vários momentos do livro para criticar o povo brasileiro que, por não ser aberto à modernização, era, ao lado dos fatores econômicos, um dos obstáculos ao progresso do país. Nesse excerto, também se evidenciam traços de racismo por parte do escritor, referentes aos aspectos somáticos de Tia Nastácia, definidos com termos

próprios para animais, no caso, “lábios” por “beijo”. Esse racismo também é demonstrado porque Tia Nastácia se mostra incapaz de aprender algumas palavras em inglês, tarefa fácil para os personagens brancos. Nesse episódio que se passa com Tia Nastácia fica evidente que as teorias racistas adeptas da idéia de que negro era um ser inferior na escala da evolução humana, influenciaram a visão do mundo do escritor.

No tocante a essa representação do povo brasileiro, que Lobato transmitiu às crianças, em especial, do negro, Vasconcellos (1982) alerta sobre um distanciamento do escritor na análise real dos fatos. De acordo com a autora, examinando a história da humanidade é possível verificar que muitos governantes e religiosos tiveram dificuldades em assimilar novas invenções e teorias que poderiam ter mudado a interpretação dos fenômenos e o destino do mundo, por serem avessos ao novo e desejarem manter o *status quo*. Portanto, essa mentalidade obscurantista não é mérito único do povo, mas também das classes dominantes.

Em sua literatura infantil, Lobato não só criticou a parcela menos favorecida do povo brasileiro representada por personagens negros, como Tia Nastácia e Tio Barnabé, mas também depreciou a classe dominante agrária, por meio de personagens como Coronel Teodorico, o qual possuía uma mentalidade obscurantista. No entanto, o mais marcante em sua obra é a concepção ambígua sobre o povo brasileiro, em especial, os negros que foram criticados pela sua ignorância, muitas vezes, associada à situação de miséria na qual viviam, e valorizados pela sua contribuição cultural ao país, especialmente o folclore, embora, contraditoriamente, o escritor criticasse a cultura popular nas histórias que produzia³⁶.

Essa concepção dos negros transmitida por Lobato não condiz com as diretrizes atuais da educação brasileira que visa resgatar a contribuição deles na construção histórica do país, em seus aspectos sociais, econômicos e culturais. Para isso, a partir de 2008, instituiu-se como obrigatório no currículo escolar o ensino da História e Cultura Afro-Brasileira.

³⁶ Em *Histórias de Tia Nastácia* (1982f, p.110), podemos observar uma crítica de Lobato ao povo e à cultura popular, expressa por meio de Dona Benta.

"Nós não podemos exigir do povo o apuro artístico dos grandes escritores. O povo... Que é o povo? São essas pobres tias velhas, como Nastácia, sem cultura nenhuma, que nem ler sabem e que outra coisa não fazem senão ouvir as histórias de outras criaturas igualmente ignorantes, e passá-las para outros ouvidos, mais adulteradas ainda."

Tal providência é uma forma de reparação dos danos causados aos povos negros e seus descendentes por séculos de discriminação em nosso país. Também busca, por meio da educação, combater atitudes racistas e criar nos negros uma postura de orgulho racial.

Após as explicações sobre os países da América Central, o brigue segue rumo aos Estados Unidos. No trajeto, Dona Benta elogia esse país dizendo que "a riqueza dos americanos, junto à audácia da sua iniciativa, fez que o país se enchesse de coisas únicas, coisas inéditas no mundo" e "que lá tudo é o maior do mundo" e as cidades são formidáveis. (p. 183) As razões para tanto desenvolvimento também são apontadas por Dona Benta.

— [...] O território dos Estados Unidos é abençoado. Tem tudo. Produz tudo. Se o mundo desaparecesse inteirinho e só ficassem os Estados Unidos, eles continuariam a viver a mesma vida que vivem, sem precisar de nada. Só que deixariam de tomar café.

Minerais possuem em tremendas quantidades, assim como petróleo. (LOBATO, 1982c, p. 183)

Dona Benta complementa que "o segredo da grandeza americana está na sua tremenda indústria do ferro e do combustível." Isso porque os americanos fazem máquinas com o ferro e, para movê-las, utilizam-se da queima do carvão de pedra e da gasolina, das energias, hidro e termoelétrica e, até mesmo, da energia atômica. Nessa apologia ao uso de energias poluentes realizado pelos Estados Unidos, Lobato, consoante à mentalidade de seu tempo, não alerta as crianças sobre as conseqüências danosas que o uso dessas energias pode acarretar ao equilíbrio climático do planeta.

Após uma rápida espiadela pelo território do Alasca, cujas riquezas minerais foram exploradas pelos norte-americanos, depois de terem comprado esse território da Rússia, os membros do "Terror dos Mares", finalmente aportam em Nova Iorque. Tia Nastácia, que também desceu em terra, ao andar pelas ruas da cidade, associou os arranha-céus nova-iorquinos, os sistemas de estradas de ferro do país e o idioma inglês falado

pelos negros americanos à "arte do diabo", demonstrando a sua mentalidade infantil e avessa à modernidade.

Quindim, personagem que também compunha a tripulação do brigue, foi exibido nas ruas de Nova Iorque como uma atração inusitada por um *manager* americano. Com essas exposições, Dona Benta, que dividiu a metade dos lucros com esse *manager*, confessou ter ganhado mais dinheiro com elas do que com as safras de café do Sítio. Nesse excerto, Lobato revela às crianças sua visão empresarial, por meio da qual, observa possibilidades de extrair lucros nas mais elementares situações e também a condição da oligarquia agrária cafeeira no contexto da década de 1930, representada por Dona Benta, que já não obtinha grandes lucros com as safras de café.

Outro aspecto da visita aos Estados Unidos na *Geografia de Dona Benta* que merece comentários é a valorização que Lobato promoveu do *american way of life*, pois durante a estadia dos personagens do Sítio em Nova Iorque, todos observaram os costumes norte-americanos para "fazer igual".

De Nova Iorque a turma do Sítio segue para Washington, a fim de visitar o presidente dos Estados Unidos na Casa Branca, o qual afirma "aqui na América, damos grande importância ao estudo" (p. 191). Nesse excerto, Lobato registra a sua admiração pelo modelo de educação dos Estados Unidos que, na opinião do escritor, auxiliou os norte-americanos a alcançar um alto nível de desenvolvimento socioeconômico.

Depois da visita aos Estados Unidos, o navio rumo para o Canadá. No trajeto, Lobato comenta sobre as dificuldades dos seres humanos em povoar esse país de clima rigorosamente frio, expressando uma concepção amparada nas ideias de Ratzel de que o meio inóspito pode dificultar a adaptação do ser humano. Quando o navio entra em águas canadenses, Lobato explica que foram os ingleses, detentores de qualidades como força de cérebro, previsão, bom governo e firmeza de caráter que colonizaram o Canadá. Isso porque eles foram mais espertos na luta pelo território canadense do que os franceses, que também tentaram colonizar esse território. Essa concepção darwinista social de que os povos de "raça

branca”, como os ingleses, são superiores aparece em outros momentos da viagem geográfica da turma do Sítio pelo planeta.

Depois do Canadá, diante da insistência de Emília, partiram para a Groenlândia, a terra dos esquimós. No trajeto, Lobato explica a difícil sobrevivência do ser humano nos pólos, mas expressa uma interpretação possibilista ao admitir que, mesmo com dificuldades, “o terrível bichinho homem não deixa essas paragens em sossego” (p. 198), assim como o fez em relação à Antártida.

A turma do Sítio, com a ajuda de esquimós, atravessa a Groenlândia de trenó. Durante o percurso, Pedrinho caçou quatorze focas e um urso branco, cuja pele Dona Benta levou para o Sítio, a fim de exibi-la como um troféu glorioso. Dona Benta não corrigiu o neto por praticar essa caça predatória, nem nesse episódio da Groenlândia, nem em outros momentos da viagem geográfica, onde o menino anseia caçar o maior número possível de animais nos lugares visitados. Essas situações refletem que Lobato não se preocupou em desenvolver nas crianças atitudes de preservação da natureza.

Ao final da viagem pela Groenlândia, diante da insistência de Narizinho em levar um bebê esquimó para viver no Sítio, surge a postura darwinista social que influenciou a visão do mundo de Lobato.

‘Esses bichinhos [não são crianças?] não suportam o clima do Brasil. Estão muito adaptados ao frio.’

— Criamo-lo na geladeira - propôs Emília.

Mesmo assim Dona Benta não consentiu que trouxessem a criança, de medo que o sítio fosse virando jardim zoológico. (LOBATO, 1982c, p. 202)

Nesse excerto, Emília comenta sobre a presença de uma geladeira no Sítio, eletrodoméstico incomum no espaço rural brasileiro da década de 1930. Ao inserir eletrodomésticos no Sítio do Picapau Amarelo, Lobato demonstra que todo o país deveria se modernizar, inclusive o interior. Ele se convenceu disso depois de visitar sítios quando esteve nos Estados Unidos e de constatar a existência de eletrodomésticos nas casas dos sítiantes. Além da geladeira, Lobato inseriu no Sítio a luz elétrica, o rádio, o

cinema (que todos assistiam na Vila dos Tucanos), o fogão a gás, entre outros inventos.

Depois da Groenlândia, a turma do Sítio segue para a Ásia, pelo Estreito de Bering. No trajeto, eles passam pela União Soviética, país enaltecido pelo escritor pelas riquezas minerais existentes em seu território. Quando chegam ao pequeno território do Japão localizado na Ásia, Lobato valoriza as qualidades do povo japonês que impulsionaram o progresso desse país.

— Isso serve para mostrar que o que vale para a grandeza de um povo não é a extensão do território e sim a qualidade da gente. Com um território pequeno e de más terras, cheio de vulcões, todo picadinho e, além do mais, sujeito a terríveis terremotos, esse maravilhoso império vem assombrando o mundo. (LOBATO, 1982c, p. 208).

No excerto a seguir, Lobato explica que os japoneses encontraram meios racionais para viver em seu pequeno território, como o aproveitamento das terras e a política de controle de natalidade. Ao mesmo tempo, embasado na teoria do espaço vital de Ratzel, ele comenta que o Japão buscou conquistar territórios no passado para acomodar sua população em crescimento.

Mas há gente demais em seu território. Tem-se lá a impressão de um formigueiro que não pára um minuto de trabalhar. Cultivam a terra desde a beirinha do mar até aos flancos dos vulcões. Esse contínuo aumento do povo criou sérios problemas. Como alimentar tanta gente? Daí a política de controle de natalidade, para não deixar que a população aumente muito mais. Antigamente, quando não havia possibilidade de exercer esse controle, o Japão resolvia esse problema conquistando territórios vizinhos à China. Mas depois da II Guerra isso já não foi possível. O Japão é a Inglaterra asiática. Até no aspecto do território se aproximam. [...] (LOBATO, 1982c, p. 209)

Lobato também comenta que o Japão só se desenvolveu depois que adotou as idéias da Inglaterra, uma de suas referências de país desenvolvido e civilizado. Outra informação singular é o prognóstico de Lobato para o Japão, confirmado na atualidade, de que esse país, embora

devastado pela Segunda Guerra Mundial, estava a caminho de se transformar em uma grande potência mundial.

Depois do Japão, o brigue partiu para a China. A turma do Sítio desceu no porto de Xangai, que foi amplamente elogiado por Lobato, por meio de Dona Benta, no tocante ao tamanho de seu território e a população que vive nele (de “raça amarela”, assim como os japoneses). O escritor também elogia a sabedoria e os princípios morais da civilização chinesa em comparação à ocidental, o caráter nacional chinês e os benefícios que as invenções chinesas trouxeram à humanidade. Durante essa visita, Lobato raciocina ao avesso de sua costumeira admiração pelos povos imperialistas de “raça branca”, afirmando que eles são bárbaros e tece severas críticas à civilização ocidental, mostrando sua visão do mundo contraditória.

‘Estamos muito enganados aqui no Ocidente, supondo que somos a maior coisa que o mundo produziu. O Ocidente não passa, afinal de contas, dum broto da China. O grande tronco é lá. A China é, a muitos respeito, não só a maior nação que ainda existiu, como a de maior cultura e força intelectual. Nenhuma civilização pode comparar-se à chinesa — pela largueza de espírito, pelo realismo, pela boa vontade de encarar as coisas como elas são e não como queremos que sejam.’ (LOBATO, 1982c, p. 212)

No excerto a seguir, o escritor prossegue sua crítica contra os países da civilização ocidental que, em geral, são enaltecidos na história, caracterizando-os como guerreiros, influenciado pelas concepções spencerianas.

Os grandes povos da Europa consideram-se os primeiros do mundo porque dominam os fracos. Mas dum ponto de vista mais elevado, o simples fato de ainda serem povos guerreiros, isto é, dos que só conseguem as coisas pela violência, prova que estão muito longe do que constitui a verdadeira civilização. (LOBATO, 1982c, p. 212)

Lobato se mostra contrário às guerras, porém, no excerto a seguir ele justifica o fato de os chineses possuírem uma bomba atômica para

se defender, mostrando que isso ocorre em virtude da costumeira violência que sofreram por parte dos povos colonizadores de “raça branca”.

— É o resultado de toda a exploração de que foram vítimas. Os chineses compreenderam que a voracidade dos estrangeiros só poderia ser combatida pela força [uma vez que os ocidentais] [...] sempre se aproveitaram da inofensividade dos chineses, agindo aqui como em casa sua. Ocupavam cidades [...] impunham leis especiais para os seus, arrancavam dinheiro, faziam da China a casa da sogra. (LOBATO, 1982c, p. 214 e 215)

O plano de Dona Benta, depois de visitar a China, era conhecer a Oceania, com sua grande quantidade de ilhas para, em seguida, voltar a sua viagem geográfica pela Ásia. Antes de descer na Austrália, no porto de Melbourne, Lobato, por meio de Dona Benta, descreve a Oceania.

— Um continente sem sorte [...] Está situado em mau ponto estratégico, comercialmente falando. Longe demais de todas as grandes metrópoles do mundo. Além disso, dum clima hostil, excessivamente úmido num ponto, excessivamente seco noutra. Seco por absoluta falta de chuvas, o que deu origem à formação de enormes desertos. Poucos rios, nenhum deles navegável. (LOBATO, 1982c, p. 220)

Nesse excerto, o escritor salienta o clima como um fator determinante da “falta de sorte” da Austrália. A sua visão industrial também o levou a entender que a localização desse continente no mundo era um fator negativo para o seu desenvolvimento. No entanto, Lobato entra em contradição em suas análises sobre a Austrália, pois, quando as crianças do Sítio visitam Melbourne, que era habitada por “gente da mais pura raça inglesa”, ficam encantadas com tanto desenvolvimento naquele fim de mundo. (p. 222)

Prosseguindo a viagem pela Austrália, Lobato descreve a peculiar fauna australiana com seus animais "absurdos" e "esquisitos", como o canguru que tem uma sacola na barriga, onde carregam os filhotes e que andam aos saltos e aves que latem como cachorro (p. 220). Quando descreve a população australiana, o escritor mostra seu pensamento

impregnado de preconceito e de concepções do evolucionismo spenceriano, para o qual a necessidade impulsiona a evolução de uma raça.

Os nativos lá encontrados davam dó — de tão selvagens, de tão atrasados. Nunca se vira no mundo homem mais animalesco do que o australiano. Não conheciam o arco de lançar flechas, nem a lança, nem o machado de pedra; não sabiam construir cabanas para morar; não tinham a menor idéia da agricultura. Os mais puros bichos do mato que você pode imaginar.

— Por que isso?

— É que essa raça ficara tanto tempo segregada de qualquer contato com as outras, e no seio duma natureza sem inimigos perigosos, como o leão, o tigre e outros, que não se desenvolveu. Só a necessidade é que faz o homem progredir. A única arma que os australianos usavam era o *boomerang*, um pedaço de pau achatado e recurvo que, quando lançado de certo modo, volta ao ponto de partida. (LOBATO, 1982c, p. 222)

Quando Pedrinho constata que quase não há ilhas independentes na Oceania e que a maioria é dependente dos países ocidentais, Lobato critica esses países concluindo que a história da humanidade é regida pela força e pela esperteza e que a principal causa dos males de muitos povos subdesenvolvidos é a ganância dos países ocidentais. No excerto a seguir, essa conclusão é evidente.

— [...] Os ocidentais não passam de piratas bem organizados e bem armados. Varreram o mundo com os seus navios cheios de canhões para apossar-se de todas as terras cujos nativos fossem muito fracos para defender-se. [...] Mas se a história em vez de ser escrita por nós fosse escrita pelos povos pirateados, que diferente não havia de ser... (LOBATO, 1982c, p. 225)

Da Oceania, depois de conhecerem as ilhas de coral, a turma do Sítio volta à Ásia e ruma para a Índia. Após explanar sobre a riqueza da flora e da fauna indianas e de se referir à fartura de alimentos na Índia fato que fez dela um grande “cocho”, Lobato comenta sobre a população indiana. Nesse momento, ele associa a grande quantidade de habitantes da Índia à substancial oferta de alimentos em seu território, demonstrando a influência do evolucionismo spenceriano em sua visão do mundo, afirmando que “a

população de uma zona é sempre proporcional à quantidade de alimento que o solo pode fornecer.” (p. 228)

Lobato enfatiza que, apesar da fartura, a Índia vem enfrentando problemas de alimentação e que muitos indianos têm morrido de fome. Na interpretação que dá a essa problemática, Lobato se aproxima da realidade ao comentar sobre as causas da fome na Índia. De acordo com o escritor, essas causas são a agricultura extremamente atrasada desenvolvida no território indiano, o crescimento rápido da população, associados à distribuição desigual de renda e aos tabus alimentares, os quais impedem grande parte da população de ingerir alimentos produzidos no país como, por exemplo, a carne.

Em seguida, Lobato comenta sobre os povos que usufruíram da fartura indiana.

[Primeiro vieram os arianos, dos quais descendem povos de raça branca.] Esses arianos eram gente rija e de mais força mental que os Dravidianos, a gente de pele escura que por esse tempo fervilhava nos vales da Índia. E os arianos dominaram a zona inteira apesar da inferioridade numérica. O número nunca valeu muito na vida. Vale o jeito, a esperteza. Um punhado de arianos dominou completamente o enxame de dravidianos, e para defender-se deles, para evitar que se revoltassem, inventaram o tal sistema de castas, que ainda perdura até hoje. [...]

Com a sua esperteza natural, os arianos de cima convenceram os dravidianos debaixo de que eles formavam uma raça inferior, maldita, indigna. E proibiram, da maneira mais absoluta, o menor contato entre as pessoas das duas classes. Separação ainda pior que a notada por vocês nos Estados Unidos entre os brancos e os pretos. E desse modo conseguiram conservar durante séculos a grande massa da população num nível tão deprimido que apesar dos párias (os malditos) serem milhões e milhões, nunca tiveram sequer a idéia de revoltar-se. (LOBATO, 1982c, p. 228)

Nesse excerto, Lobato demonstra sua ótica alicerçada no darwinismo social ao comentar sobre os arianos que, mesmo em menor quantidade, com “esperteza natural” conseguiram dominar o território indiano, criando a ideologia das castas. Quando conta a história da colonização da Índia no período da navegação, Lobato associa a supremacia britânica nessa colonização ao fato de disporem de ferro e carvão, dizendo que “os ingleses,

mais fortes por causa do ferro e do carvão de que dispunham, fizeram que todos espirrassem [da Índia] - portugueses, holandeses e franceses. Então quem passou a mandar no Cocho indiano foi a Inglaterra.” (p. 229)

E conclui, por meio de Pedrinho, que o ideal é ser um país de terras médias, não possuindo muito nem pouco, como a Suíça, equilibrada em seus recursos. Por isso, na concepção de Lobato, a Suíça é um país feliz, mesmo vivendo em meio a países em guerra, pois ninguém se lembra de conquistá-la. Nesse momento, o escritor aproveita a referência a Segunda Guerra Mundial para esboçar seu posicionamento contrário a esse conflito, que ceifou milhares de vidas e gerou gastos financeiros vultosos.

Da Índia, Dona Benta e sua tripulação partem para a África que, pela luneta, é classificada como “um continente mais azarado que a Austrália geograficamente falando”, pois um terço do território africano é ocupado por desertos, o que dificulta o seu povoamento. Lobato, por meio de Dona Benta, também define esse continente como maldito, pois “além dos desertos, além da malária que assola inúmeras regiões, além da mosca tsé-tsé que propaga o bacilo da terrível doença do sono, caiu sobre ele uma desgraça pior que tudo: a cupidez da civilização européia” (p. 233). A África só é valorizada por Lobato pela sua contribuição histórica para o Ocidente, pois em seu território nasceram as principais religiões professadas no mundo e floresceu a civilização egípcia.

Depois de explanar sobre as “raças africanas” e sua distribuição nesse continente (sul e centro: negros; norte: amulatados), Lobato explica acerca do tráfico dos escravos africanos para a América, criticando a crueldade dos civilizados (portugueses, ingleses e holandeses) para com os negros. Porém, o escritor camufla a realidade ao explicar como ocorreu o fim da escravidão no mundo, dizendo que diante da tragédia “o coração dos civilizados foi amolecendo” e a Inglaterra promulgou leis terríveis contra o negócio da escravidão, mandando seus navios perseguir os navios negreiros (p. 235). Nesse excerto, Lobato oculta a verdadeira explicação para o fim da escravidão, que não ocorreu por questões humanitárias, mas comerciais. Isso porque a escravidão deixou de ser um negócio lucrativo para os ingleses que precisavam criar um contingente de trabalhadores assalariados nas Américas para consumir os excedentes de produção da

Inglaterra. Lobato também informa que o Brasil foi o último país do mundo a libertar os escravos, considerando esse episódio um fato vergonhoso para a nossa história.

Na seqüência, o escritor, por meio de Dona Benta, comenta sobre a partilha da África entre os países ocidentais e Emília assegura que não sobrou nada para a África, só a mosca tsé-tsé. Dona Benta corrige Emília, explicando que os africanos também ficaram “com a honra de serem explorados pelos povos de mais alta civilização do mundo ocidental.” (p. 235). Essa colocação do escritor está de acordo com a ideologia dos darwinistas sociais de que as “raças inferiores” deveriam ser inseridas na civilização pelas “raças superiores”.

Da África – que pretensamente não foi visitada pelos personagens do Sítio por não ser um continente desenvolvido e civilizado (critério adotado para a realização dessas visitas) – o brigue foi navegando pelo mar Mediterrâneo em direção à Europa.

Quando se aproxima da Grécia, Lobato comenta sobre sua influência no mundo ocidental enaltecendo esse país considerado por ele o grande clarão que ilumina o mundo e destaca “quando eu digo ‘mundo’ refiro-me ao Ocidente, porque para o orgulho do Ocidente o resto do mundo não é mundo.” (p. 238). Nesse excerto, observamos uma contradição no pensamento de Lobato o qual resgata seu etnocentrismo ocidental, que havia sido abandonado na história quando o escritor se referiu à China.

Lobato também se refere aos gregos como precursores da Geografia, dizendo que na palavra geografia já transparece a Grécia, pois é formada de duas noções gregas *geo* - terra e *grafos* – escrever, demonstrando sua concepção tradicional de Geografia, como a ciência que descreve a Terra. Nesse momento da história, ele valoriza a contribuição dos gregos que, com seus estudos, auxiliaram na formação da Geografia. De acordo com Lobato, Tales de Mileto afirmou que a Terra era uma bola, Hecateu apresentou a teoria dos continentes e é considerado o pai da Geografia. Heródoto, Aristóteles e Ptolomeu alimentaram a ciência. E conclui dizendo “como vocês estão vendo, a Grande Grécia vive dentro de nós, nas nossas palavras e nas nossas idéias.” (p. 238).

Lobato, por meio de Dona Benta, cria uma série de diálogos com as crianças do Sítio, sempre valorizando a Europa com suas paisagens construídas por camponeses europeus. No excerto a seguir, observamos essa valorização, também ocorrida em alguns parágrafos adiante, quando o escritor fala do Carnaval de Veneza que “é uma festa delicada, fina e artística” (p. 244), muito diferente da que vemos no Rio de Janeiro, uma manifestação da cultura popular brasileira.

A Europa é um museu maravilhoso. Tudo histórico. Tudo artístico.[...] Nós moramos num país muito novo, pouco povoado, mal desenvolvido. O nosso 'interior' ou é região de matas ou de terras com alguma cultura — casebres de palha aqui e ali, fazendas de quando em quando, tudo muito espacejado. Cá na Europa, o contrário.[...] Uma paisagem todinha feita pelo trabalho humano através dos séculos. (LOBATO, 1982c, p. 241)

Nessas comparações da Europa com o Brasil, Lobato deixa transparecer que compartilhava do complexo de inferioridade comum aos intelectuais brasileiros das primeiras décadas do século XX, os quais interpretaram a nossa realidade com uma visão pessimista. Essa atitude do escritor caracteriza uma contradição em seu projeto de formar uma consciência nacionalista nas crianças brasileiras, a fim de criar uma identidade nacional.

Os climas e os rios são os aspectos físicos mais evidenciados por Lobato como determinantes no desenvolvimento da Europa. Para o escritor, “a Austrália nunca será grande coisa porque não possui bons rios. O Saara é aquele deserto horrendo porque não possui rio nenhum. Já esta Europa se tornou o continente privilegiado, o mais rico, o mais intensamente povoado, sobretudo em conseqüência da boa distribuição dos rios.” (p. 242).

Como vocês vêem, a Europa está bem servida de rios — como aliás está bem servida de tudo. É o Continente Feliz. Nada lhe faltou para o desenvolvimento que teve. Climas excelentes, nem de muito calor, nem de muito frio. Onde devia ser muito frio, como no norte, acontece aquela coisa da Corrente do Golfo, o tal rio marinho que leva para lá a quentura do golfo do México. (LOBATO, 1982c, p. 243).

Nessa linha de raciocínio determinista de Lobato, o Brasil (em razão de possuir uma natureza privilegiada) poderia ser um país desenvolvido, pois em seu território corre o maior rio do mundo e atuam, na maior parte do país, bons climas que favorecem o desenvolvimento do turismo e a produção de variados gêneros agrícolas.

Depois de passar pela Itália, a turma do Sítio segue para a Península Ibérica. Sobre a Espanha, Lobato informa às crianças que esse país teve problemas econômicos, porque entendia o trabalho como “coisa para outros povos”, assim como a indústria, o comércio e o estudo. O escritor ainda explica às crianças que foi a facilidade dos espanhóis em obter riquezas na América, explorando o ouro dos astecas, que os levou ao fracasso. Com essas explicações, Lobato expõe a sua visão do mundo embasada nas concepções fordistas de que a eficiência do trabalho promove a riqueza de um país.

Depois da Espanha, a turma do Sítio segue para Portugal, terra do tataravô de Dona Benta, a qual “era uma paulista bem nova, de apenas duzentos anos” (p. 250). Quando descem em Lisboa, Lobato explica que a falta de territórios induz o expansionismo dos povos de “raça superior”, como os portugueses. Note o comentário de Lobato sobre o Brasil e a fartura de terras que define o caráter do povo brasileiro.

Estes países de pouco território expandem-se sempre no mar. Foi a escassez de terras que tornou o português antigo um grande povo de navegantes. Inglaterra, Holanda e Portugal, esses três devastadores dos oceanos, dispunham de pouca terra em casa – daí tornarem-se os maiores donos de terras do mundo. [...]

No Brasil jamais seremos um povo de navegantes. Para que, se temos terra de sobra? (LOBATO, 1982c, p. 251)

O escritor, no excerto a seguir, demonstra mais uma vez sua admiração pelos portugueses, dos quais também era descendente.

— Hoje que já não existem mais terras a descobrir, o português equilibra-se emigrando. Vai para todos os continentes, como já vimos. [...] Vai e vence na luta pela vida, graças a boa saúde de que goza, ao trabalho, à perseverança. Não resta dúvida que a raça aqui formada é uma grande raça. (LOBATO, 1982c, p. 251)

Depois de Portugal, a turma do Sítio segue para a França. Lobato explica que Paris é a cidade que dita a moda do mundo. No excerto abaixo, ele tece um comentário que refuta o criacionismo e endossa a teoria evolucionista sobre a origem do ser humano. Devido a comentários como esse, a obra infantil de Lobato foi criticada por alguns setores da sociedade brasileira, como a Igreja.

Não esqueçam que o homem veio do macaco – um bicho imitativo. A fúria de andar na moda, no meu ver, prova mais a origem macacal do homem do que todos os argumentos daquele sábio inglês chamado Darwin. (LOBATO, 1982c, p. 252)

Quando se refere aos privilégios da França de ter bons climas, um sistema de rios de primeira ordem e terras excelentes para variados cultivos agrícolas, o escritor diz que desses aspectos deriva o caráter caseiro do povo francês. Nessa análise, Lobato explica o caráter nacional francês pela influência que o meio exerce sobre as características psicológicas de um povo.

O francês não sai de casa, isto é, não sai da França. Ignora o resto do mundo. Não quer saber. Não viaja. Não estuda geografia. Para que, se está bem em casa? Ficou profundamente egoísta. O mundo lá fora pode estar pegando fogo: o francês não se mexe. [...] A avareza dos campônios da França é proverbial. Trabalham como mouros, sempre rotineiramente, como os pais e avós fizeram, e só gastam o que é em absoluto indispensável. Daí tornarem-se os franceses um dos povos mais ricos do mundo. Todos possuem suas economias no banco. O francês é extremamente realista. Não se ilude com lorotas. Cuida de si. Aproveita a vida o mais que pode. (LOBATO, 1982c, p. 252)

Convém ressaltar que a informação de que o francês ignora o resto do mundo e não estuda Geografia é errônea, pois derivam da França importantes geógrafos que, em expedições por diferentes partes do mundo, realizaram estudos significativos, influenciando a construção da ciência geográfica.

Do Canal da Mancha, Dona Benta elogia Londres, antes de aportarem nessa cidade encoberta pelo *fog*. Lobato explica que a pujança

britânica é decorrente de suas riquezas minerais (carvão), suas invenções (máquina a vapor) e sua industrialização. Em outros momentos da história, essa pujança é explicada pela qualidade do povo britânico, considerado por Lobato superior em inteligência, adaptabilidade e esperteza, evidenciando a influência darwinista social em sua visão do mundo.

Depois da Inglaterra, o navio passa pelo norte da Europa, momento no qual Lobato se refere à Holanda como “um dos países mais notáveis do mundo” e elogia os holandeses pela capacidade de transformar a natureza, pois “a vida constante de perigos e desafios aperfeiçoou as qualidades desse povo” (p. 255). Por isso, para Lobato, os holandeses sempre souberam defender com unhas e dentes seu território, aumentado à custa de sua grande capacidade inventiva para dominar a natureza. O resultado dessa capacidade é que atualmente “a vida na Holanda é perfeita. Ordem absoluta, asseio inigualável.” (p. 255)

Já a Alemanha, para Lobato, é um país de formidáveis possibilidades e o povo alemão, o mais científico da Europa, fato que confere a esse país um quase monopólio da ciência. O orgulho alemão e a sua índole guerreira de “gente predatória, amiga de invadir a casa alheia e saquear o trabalho dos outros.” (p. 256) são exemplificados por Lobato como um aspecto negativo do caráter nacional alemão.

Ao mencionar o assunto da guerra protagonizada pelos alemães, Lobato comenta, em uma rara menção na sua obra infantil, sobre a bipolaridade (bloco socialista X bloco capitalista e mundo desenvolvido X mundo subdesenvolvido), que vigorava no mundo após a Segunda Guerra Mundial, apontando essa bipolaridade como provável causa de uma terceira guerra mundial.

A viagem já estava chegando ao fim, pois Dona Benta recebeu uma mensagem via rádio do Brasil enviada pelo coronel Teodorico de que Rabicó não estava passando bem. Dessa forma, ela decide voltar às pressas para o Brasil, mas antes comenta sobre a Dinamarca que, no entender de Lobato, é o país mais perfeito que existe.

De acordo com o escritor, a Dinamarca é perfeita, pois suprimiu a pobreza apostando no trabalho e na inteligência e, sobretudo, no bom senso. Donos de terras que eram na verdade brejos, os dinamarqueses as

transformaram em pastagens e aperfeiçoaram raças de animais. Assim, o povo dinamarquês é o mais civilizado, contente, rico e sossegado do mundo. Além disso, Lobato explica que o “mau tempo” induziu os dinamarqueses a criarem o hábito da leitura e que, devido a isso, eles são os maiores consumidores de livros do mundo. Nesse excerto, nota-se que Lobato enfatiza a importância do hábito da leitura para o desenvolvimento de um povo.

A Dinamarca foi o último país visitado pela turma do Sítio em sua viagem geográfica pelo planeta. Desse país regressaram para o Brasil e quando chegaram ao Sítio descobriram que o Rabicó estava tão muito bem de saúde, e era o compadre Teodorico que estava com saudades de todos e, para apressar a volta deles, resolveu pregar-lhes essa peça.

5.1.2 – O POÇO DO VISCONDE



Figura 18 - O petróleo jorrando no Sítio do Picapau Amarelo. (Ilustração de Maurício Loyola)

5.1.2.1 – COMENTÁRIOS GERAIS SOBRE O POÇO DO VISCONDE

O poço do Visconde, escrito em 1937, no ano de início do Estado Novo, é um livro utópico e quase um panfleto elaborado por Lobato para convencer as crianças de que o Brasil precisava ser auto-suficiente em petróleo, a fim de reverter o seu subdesenvolvimento. Nessa história ficcional, o petróleo foi descoberto em 1938 e gerou todas as riquezas que Lobato almejava para o país. Um ano depois, no universo real, jorrou o primeiro poço de petróleo no Recôncavo Baiano, próximo à Salvador, na Bahia, confirmando oficialmente a presença desse precioso líquido no subsolo nacional. Porém, a exploração de petróleo no Brasil não trouxe para a realidade nacional as riquezas que Lobato almejava para o país, implantadas de forma imaginária no Sítio do Picapau Amarelo.

O caráter didático de *O poço do Visconde* pode ser verificado no subtítulo: *Geologia para crianças* e no início da história, quando Visconde começa a dar aulas de Geologia à turma, depois que Pedrinho tem a idéia de abrir um poço de petróleo no Sítio. A influência das idéias escolanovistas também pode ser constatada nessa história, especialmente porque Lobato escreveu sobre temas de grande complexidade ligados à geologia de maneira simples e direta, respeitando o nível cognitivo das crianças.

No *Poço do Visconde*, Lobato prioriza o ensino da Geografia Física, a qual incorpora a Geologia, ao passo que, na *Geografia de Dona Benta*, o escritor prioriza o ensino das Geografias Humana, Econômica e também Cultural. Compreendemos, assim, que o escritor enfatiza em sua obra infantil a idéia da dicotomia existente na ciência geográfica, entendida ao mesmo tempo como uma ciência natural, por meio da Geografia Física, e como uma ciência social, por meio da Geografia Humana, Econômica e Cultural, entre outras. Em ambas as histórias, e também em *A Chave do Tamanho* (próxima história a ser analisada), a Geopolítica se faz presente, uma vez que:

os estudos de Geopolítica se expandem não só na procura de explicação da relação entre estados, na disputa internacional por espaço, como também na área interna, na análise de políticas e programas governamentais e até quando se analisa

a disputa de espaços de poder entre as várias classes sociais ou entre nações dentro de um Estado. (ANDRADE, 1993, p. 22)

No *Poço do Visconde*, está mais enfatizada a vertente otimista de progresso apregoada por Lobato. Muitas vezes, esse otimismo é classificado por Vasconcellos (1982, p. 111) como ingênuo, uma vez que para o escritor a exploração do petróleo e o crescimento industrial resolveriam automaticamente todos os problemas do país. Ademais, a visão liberal de sociedade e de economia de Lobato, suas concepções evolucionistas ancoradas em Spencer e positivistas de ordem e progresso também estão evidenciadas nessa história, assim como algumas concepções fordistas e as soluções idealistas que ele indicou para o país.

5.1.2.2 – ANÁLISE DO DISCURSO GEOGRÁFICO DE O POÇO DO VISCONDE

A primeira aula de Geologia ministrada por Visconde é sobre a história geológica do planeta. Nessa aula, Lobato, por meio desse personagem, explica às crianças como se processou a formação da crosta terrestre e os tipos de rochas (ígneas, sedimentares e metamórficas) que a compõe. O escritor também explana sobre a origem dos oceanos e rios e os processos de transformação das rochas (erosão, pressão, cimentação e metamorfismo). Essas explicações, geralmente complexas para as crianças, foram realizadas nessa história de maneira simples e com exemplos ilustrativos.

No entanto, ainda que Lobato, mesmo sendo bacharel em Direito, tenha mostrado entender de Geologia, ele faz algumas explicações errôneas e simplistas no livro, como por exemplo, afirmar que a vida nos pólos está extinta e que a vida no subsolo só existe até onde moram as minhocas. Nos pólos há presença de vida animal, inclusive a humana, e estudos sobre a biodiversidade subterrânea, elaborados pelo PNUMA (Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente), indicam a presença de vida há centenas de metros no subsolo, porém, ainda não catalogadas pela

ciência. Como sabemos, quando Lobato escreveu *O poço do Visconde*, a Geologia e a Geografia estavam formando um campo disciplinar no Brasil e o conhecimento relativo a tais ciências configurava essa situação. A história infantil em análise reflete essa fase de transição.

Nessa primeira aula, assim como nas demais, todos os personagens do Sítio participaram com interesse em aprender as lições do Visconde, exceto Tia Nastácia, que dormira profundamente, alegando não entender nada do que estava sendo explicado. Com essa atitude de Tia Nastácia, Lobato demonstra sua concepção darwinista social de que o povo brasileiro era, em parte, responsável pelo atraso do país por ser avesso ao moderno e ao progresso. Na contramão dessa reação de Tia Nastácia, está o comportamento das crianças e de Dona Benta que participaram ativamente das aulas do Visconde, cientes da importância do petróleo para o Brasil.

Nos dias seguintes, as aulas geológicas do Visconde foram sobre o surgimento das primeiras formas de vida no planeta, da vida humana e dos fósseis. Dessa aula, Lobato parte para as explicações sobre o petróleo, explanando sobre seu processo de formação, ocorrido a partir da decomposição dos fósseis hidrocarbonetos, localizados em terrenos marinhos sedimentares. Esses fósseis, segundo o escritor, sofrem a ação da decomposição e da pressão das camadas de sedimentos onde se localizam para formar o petróleo. As explicações dadas por Lobato sobre esse processo estão de acordo com o texto sobre a formação do petróleo, elaborado pelo geólogo Popp (1988, p. 248), revelando que Lobato conhecia de maneira substancial a geologia do petróleo. De acordo com Cavaleiro (1955b), Lobato, quando se interessou em explorar petróleo no Brasil, realizou profundos estudos sobre a formação desse combustível fóssil e também sobre as técnicas geológicas e geofísicas empregadas para sua prospecção e exploração. Esses estudos do escritor embasaram a elaboração de *O poço do Visconde* e foram transmitidos às crianças em uma linguagem adequada ao nível cognitivo delas.

Dando prosseguimento às aulas, Lobato comenta que no Brasil há terrenos sedimentares com evidências de petróleo, como no Pantanal, considerada por ele uma das regiões mais petrolíferas do mundo.

— As jazidas de petróleo mais importantes que o homem conhece encontram-se, como já contei, perto das costas e nos extintos mares interiores, ou mediterrâneos, como foi o nosso Mar de Xaraés³⁷. (LOBATO, 1982d, p. 276)

Páginas adiante ele também afirma que Amazonas, Pará, São Paulo, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Mato Grosso e Goiás, além de Alagoas e Maranhão e os demais estados nordestinos em sua porção costeira, abrigavam prováveis reservas de petróleo em quantidade suficiente “para abastecer o mundo inteiro durante séculos” (p. 281). Essas suposições de Lobato da existência de petróleo nesses estados se confirmaram em sua maioria, porém, a afirmação de que o petróleo existente no subsolo desses estados poderia abastecer o mundo todo estava equivocada. De acordo com informações da Petrobras, somente em 2006 o Brasil tornou-se auto-suficiente em petróleo e, antes dessa data, o país precisava importar cerca de 15% do petróleo para suprir sua demanda interna. Esse tipo de suposição de Lobato deriva de seu otimismo ingênuo, presente em muitos momentos na condução dessa história, que vislumbrava na exploração do petróleo a possibilidade ímpar de o Brasil alcançar seu desenvolvimento econômico e resolver automaticamente todos os seus demais problemas.

Lobato, por meio do Visconde, também comenta que para explorar os depósitos de petróleo em um terreno é preciso localizar as anticlinalis que se formam a partir do enrugamento das rochas sedimentares. Segundo o escritor, nas encostas das anticlinalis, as reservas de petróleo encontram condições de se acumular, podendo ser perfuradas naturalmente pela erosão ou pelo ser humano por meio de máquinas. Essa explicação de Lobato também está correta, pois de acordo com Popp (1988, p. 250) “a tendência do petróleo é situar-se na porção média desse tipo de dobramento, onde a água ocupa a parte inferior e o gás, a parte superior.”

Seguindo essas explicações sobre a localização de depósitos petrolíferos, Lobato comenta a proeza dos norte-americanos, que já possuíam mais de 900 mil poços de petróleo perfurados por máquinas, em

³⁷ Mar de Xaraés é uma denominação do Pantanal, comum em lendas indígenas e nos primeiros mapas que representaram essa porção de nosso território.

oposição ao Brasil com seus cerca de 60 poços, dos quais nenhum havia ainda jorrado petróleo. O escritor prossegue esclarecendo às crianças que países vizinhos ao nosso exploram petróleo e que o Brasil, apesar das evidências geológicas da existência desse combustível fóssil em seu território, não o explora porque foi convencido pelas companhias estrangeiras que nos vendem petróleo (em sua maioria norte-americanas) de que esse recurso não existe em nosso país.

Essas explicações de Lobato acerca das manobras comerciais e políticas do capital internacional, que não intencionavam a autonomia do Brasil, endossam seu compromisso de falar a verdade às crianças e desenvolver nelas uma consciência crítica sobre os problemas brasileiros. Ainda sobre as conseqüências dessa manobra, Lobato esclarece que “a cada ano o Brasil gasta mais de meio milhão de contos na compra do petróleo que as companhias espertalhonas nos vendem.” (p. 282)

Lobato continua suas explanações afirmando que “o Brasil poderá suceder os Estados Unidos na produção de petróleo” (p. 285), desde que comece a perfurar poços por todo o país. Esse é um dos momentos, dos muitos de toda a narrativa, em que Lobato mostra sua plena convicção da existência de petróleo no subsolo nacional e que a sua extração traria o progresso ao país. Uma das razões que ele aponta para isso é a possibilidade de o Brasil importar petróleo para os Estados Unidos, o maior consumidor mundial desse produto, cujas reservas conhecidas de petróleo na década de 1930 estavam se exaurindo devido à intensa exploração. Por isso, na opinião de Lobato, os Estados Unidos precisariam, em pouco tempo, importar o petróleo brasileiro, assim como importavam nosso café e nossa borracha. E discorre sobre o seu projeto de construir um novo Brasil que, ao alcançar o desenvolvimento econômico, erradicaria a miséria de sua população, tornando-a capaz de fazer o país progredir.

[...] No dia em que tal acontecer e o Brasil passar de comprador a vendedor de petróleo, então deixaremos de ver essa coisa tristíssima de hoje – milhões de brasileiros descalços, analfabetos, andrajosos – na miséria. O Brasil tem todos os elementos para tornar-se um país riquíssimo – mas riquíssimo de verdade, e não, como hoje, apenas rico de ‘possibilidades’ – ou de ‘garganta’. (LOBATO, 1982d, p. 285)

O escritor prossegue sua narrativa afirmando que o Brasil, além de exportar, haveria de queimar petróleo “em quantidades tremendas, para matar a nossa maior inimiga, que é a Distância.” (p. 285). Nesse momento da história, Lobato comenta sobre uma das metas da política de integração territorial apregoada por ele e pela sua classe social, que pretendia servir ao país vias de transporte eficientes. Esse discurso também é verificado em Oliveira Vianna, ideólogo que influenciou o pensamento de Lobato. Porém, o escritor não conscientiza as crianças acerca das conseqüências trazidas pela queima excessiva de petróleo ao equilíbrio climático do planeta.

E dá seqüência à narrativa expondo sua visão do mundo de industrial progressista, enumerando as possibilidades de os brasileiros evoluírem pela exploração do petróleo e do ferro e pelo aumento da eficiência do transporte.

[...] o petróleo aumenta a eficiência do homem, em matéria de velocidade – o petróleo conjugado ao ferro. Por isso vivo dizendo que sem produzir ferro e tirar e queimar petróleo em grandes quantidades, como os Estados Unidos, o Brasil não ganhará impulso. [...] O brasileiro está com a sua eficiência muito reduzida porque quase que só dispõe da força dos seus músculos, dos do boi e do cavalo. Por toda esta vastidão de território o meio de transporte mais comum é ainda o carro de boi e as tropas de burros. Ora, tudo na vida é transporte, logo, enquanto não aumentarmos a nossa eficiência por meio de máquinas, não resolveremos o nosso problema do transporte rápido e barato; e, pois, permaneceremos um país encarangado. (LOBATO, 1982d, p. 287)

Narizinho argumenta que muitos brasileiros não pensam dessa maneira, pois acreditam que a única maneira de melhorar a eficiência do Brasil é por meio de uma revolução que implante uma nova forma de governo. Lobato, por meio do Visconde, rebate veementemente as afirmações da personagem dizendo que a revolução seria paliativa e o país precisava “aumentar a comida da gamela” para ninguém passar fome, fato que só seria possível aumentando a eficiência do trabalhador brasileiro. Para isso, era preciso explorar o ferro a fim de produzir máquinas e também explorar petróleo a fim de produzir energia para promover o funcionamento

das máquinas. Essa hipótese levantada por Lobato de que o aumento da renda nacional resolveria o problema da fome já mostrou ser ineficiente em diferentes políticas econômicas implantadas no Brasil. Na verdade, para resolver o problema da fome, é preciso melhorar a distribuição de renda no país que, de acordo com o Relatório de Desenvolvimento Humano (2007), elaborado pelo PNUD (Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento), apresenta um dos maiores índices mundiais de concentração.

Depois dessas aulas teóricas sobre petróleo e de comentários sobre todas as vantagens que sua exploração traria ao Brasil, as crianças do Sítio partiram para os trabalhos de campo, a fim de continuar aprendendo Geologia com o Visconde. Essa metodologia de ensino empregada por Lobato, bastante adequada aos estudos geográficos, deriva da influência escolanovista que tinha como um dos lemas “aprender fazendo”. As próprias crianças do Sítio, que gozavam de grande autonomia, exigiram que Visconde ministrasse suas aulas de forma prática, pois para Pedrinho “é fazendo que o homem aprende, não é lendo, nem ouvindo discursos. Eu quero ciência aplicada...” (p. 289)

Diante dessa exigência, acompanhados do geólogo Visconde, as crianças e Emília foram verificar as rochas afloradas no Sítio para saber se estavam em cima de uma anticlinal. Para isso, escolheram um barranco onde Visconde observou a existência de camadas de rochas sedimentares de depósitos marinhos diferentes superpostas (pedregulho cimentados com calcário formando um conglomerado, arenito e argila) e depositadas horizontalmente, mas com uma intrusão vertical de rocha vulcânica. Visconde também constatou que essas camadas, com exceção da intrusão, estavam inclinadas em ascensão devido à pressão que sofreram ao longo do tempo. Depois, eles seguiram até um corte na estrada, distante três quilômetros do barranco, para verificar se as camadas de rocha eram as mesmas do barranco do Sítio e se estavam com a direção mudada, indicativo da existência de uma anticlinal erodida.

Quando constataram isso, Pedrinho se entusiasmou dizendo finalmente entender porque as rochas são livros que contam a história da Terra e mostrou-se satisfeito em aprender esse fato. Com esses comentários

do personagem, Lobato, adepto das idéias liberais, mostra a importância do conhecimento científico e da educação para o desenvolvimento de um povo, sempre enfatizados em sua literatura infantil. Visconde, então, explica a importância da Geofísica para os petroleiros, pois seus estudos permitem perfurar os poços com maior margem de acerto. Para o escritor, Alagoas, por ser o primeiro estado brasileiro a investir nesses estudos, perfuraria o primeiro poço de petróleo do país. Esse prognóstico de Lobato não se confirmou na realidade, pois o primeiro poço de petróleo produtivo do país foi perfurado no Recôncavo Baiano, próximo a Salvador, na Bahia, área costeira do país.

Após terem verificado que o terreno do Sítio era composto de rochas sedimentares e de estar situado sobre uma anticlinal erodida, Visconde informa às crianças as outras condições para saber se um terreno é petrolífero.

[Precisamos saber] se há camadas porosas, capazes de armazenar o petróleo. E se há camadas impermeáveis entalando essas camadas porosas. E se não há muita intrusão de rochas eruptivas, porque estas pestes, quando se introduzem numa camada portadora de petróleo, é para escangalhar tudo, destruir tudo com o seu calor brutal. E se há pela superfície algum sinal qualquer de petróleo, como xisto ou arenito betuminoso. E a idade do terreno [que deve ser do Terciário, onde estão localizados os maiores campos petrolíferos do mundo] (LOBATO, 1982d, p. 295)

Finalmente, depois das aulas teóricas e práticas sobre Geologia, Pedrinho tomou a decisão de perfurar um poço de petróleo no Sítio, contrariando o Visconde, para quem ainda era preciso concluir os estudos geológicos e geofísicos do terreno. Essa atitude de Pedrinho revela que Lobato, além de valorizar o conhecimento científico, também possuía senso prático empresarial que o impulsionava a realizações concretas.

Depois dessa decisão, Pedrinho informa que, “segundo as teorias do Visconde; se furarmos bem no alto do anticlinal, sai gás, se furarmos nas encostas, sai petróleo; e se furarmos muito embaixo, no pé das encostas, sai água salgada.” (p. 298). Feito essas considerações e o estaqueamento do terreno na área a ser perfurada, tudo o mais foi resolvido

com o poder do faz-de-conta de Emília, como o dinheiro para a compra de sondas, máquinas, acessórios (que foram importados dos Estados Unidos) e para a construção das casas dos operários.

Com essa solução idealista, Lobato resolveu na ficção os problemas que enfrentou na prática e, com isso, não transmitiu para as crianças as suas dificuldades reais como empresário do petróleo. Ao contrário, para convencê-las da importância do petróleo, o escritor opta por mostrar apenas os aspectos positivos do processo da extração do petróleo.

Diante da carência de mão-de-obra especializada, a turma do Sítio contrata, também pelo poder do faz-de-conta, um técnico americano para explorar petróleo, o Mr. Kalamazoo, descrito de forma estereotipada por Lobato, como um norte-americano “corado, de sapatos grossos e a mascar chiclete” (p. 303). Quindim, que era o intérprete do americano, levanta a desconfiança de que Mr. Kalamazoo poderia ser um sabotador implantado no Sítio pelos trustes internacionais. Essa era uma das críticas que Lobato fazia aos trustes que, na realidade, realizavam suas manobras para impedir a auto-suficiência do Brasil em petróleo.

Narizinho ficou encarregada de providenciar as casas dos operários “muito bonitas e higiênicas, tão bonitas que Pedrinho achou demais.”

— Demais, não! — protestou ela. — Quanto melhor acomodarmos nossos homens, melhor eles trabalham. Não concordo com o sistema de tratar os operários como se fossem pedras insensíveis. As casinhas têm de tudo dentro — até geladeira e rádio... (LOBATO, 1982d, p. 299)

Essa providência tomada por Narizinho revela que as concepções fordistas influenciaram a visão do mundo de Lobato para quem a eficiência dos funcionários melhoraria se lhes fossem proporcionado um bom padrão de vida.

Convém salientar que, nessa história, Narizinho é representada como uma personagem inteligente, esperta e astuta que “faz cálculos de cabeça” e se sobressai como uma excelente administradora comercial da Companhia Donabentense de Petróleo, resolvendo com

destreza assuntos como comercialização do petróleo, política de preços, práticas comerciais, operações financeiras etc. Essa característica empreendedora de Narizinho revela a concepção que Lobato construiu sobre a mulher em suas histórias, derivada da influência de Nietzsche, e também demonstra a pretensão de Lobato em formar uma elite esclarecida no país, independente do gênero.

O primeiro poço de petróleo do Sítio foi batizado de Caraminguá n. 1, em homenagem ao ribeirão que corria pelas terras do Sítio. Com a sua construção, a paisagem do Sítio começou a mudar, conforme comentou Tia Nastácia.

— Nossa senhora! – exclamou tia Nastácia ao ver a torre de perto. – Quanto ferro! Neste andar Seu Pedrinho muda o “semblante” do sítio, Sinhá. A coisa já está ficando que a gente não conhece mais nada. Virando uma cidadinha estrangeira, com essas casas de operários e ‘bangalão’ do Mister. [...] (LOBATO, 1982d, p. 307)

Depois de explicações sobre as técnicas empregadas na exploração do petróleo e de enfrentar alguns problemas, como a existência de um aquífero e de uma camada de diabase, além de sofrer uma sabotagem do registro necessário para domar o poço, que foi resolvido pela força do Quindim, finalmente o Caraminguá n. 1 jorrou petróleo no Sítio.

Era o petróleo, afinal! Era o jorro de petróleo salvador do Brasil, que se levantava numa coluna magnífica até quarenta metros para o céu [vinda] [...] do Caraminguá n.1, o primeiro poço de petróleo no Brasil [...] que iria mudar os destinos de um país, arrancando-o da sua eterna anemia econômica para lançá-lo na larga Avenida do Progresso Sem Fim. (LOBATO, 1982d, p. 322)

Assim que o petróleo foi descoberto no Sítio, Pedrinho noticiou a todos os jornais do Brasil sobre esse acontecimento, fato que foi comemorado pelas crianças de todo o país, que possuíam uma mentalidade aberta ao novo e ao progresso. Porém, “as gentes grandes, marmanjões pretensiosos riram-se das crianças” (p. 324), dizendo que a descoberta do

petróleo no Brasil era uma das muitas maluquices do Sítio da Dona Benta, sobre o qual o tal Lobato vivia contando histórias.

Duvidando da existência de petróleo no país, um jornalista foi enviado ao Sítio por um jornal do Rio de Janeiro para se certificar de que esse acontecimento não era boato. Depois de levar um banho de óleo, esse jornalista voltou para o seu jornal com a confirmação da notícia e o pedido de Dona Benta para que ele escrevesse no jornal sobre a sua felicidade em ser avó de duas crianças que deram ao Brasil “o elemento básico para tornar-se uma nação rica e poderosa” (p. 327). Nesse episódio da narrativa, Lobato critica a imprensa que, em conluio com os trustes, tentavam convencer a população da inexistência de petróleo em terras brasileiras. Essa situação, assim como outras colocadas na história, partiu de experiências reais enfrentadas por Lobato como empresário do petróleo. Isso demonstra que ele não dissociou o cidadão do escritor e trouxe para o universo literário a sua vivência no plano social.

Depois que os jornais noticiaram a descoberta do petróleo e o enriquecimento de Dona Benta, muitos empresários fizeram propostas para comprar o Sítio ou as terras vizinhas a ele, a fim de também explorar petróleo, supervalorizando essas terras do dia para a noite. Dona Benta não quis vender seu Sítio “cheio de velhas árvores, de recordações agradáveis” (p. 327), mas o Coronel Teodorico, o Elias Turco da Venda e o Chico Pirambóia, “um caboclo opilado que mal tirava de suas terras o necessário para não morrer de fome” (p. 328), venderam. Esses personagens fizeram um mau negócio, já que as suas terras tinham a mesma formação geológica do Sítio de Dona Benta e, provavelmente, eles poderiam explorar petróleo de seu subsolo e ganhar muito mais dinheiro com essa exploração do que com a venda delas. Nesse momento da história, Lobato tece uma crítica à ausência de empreendedorismo dos habitantes do campo, espaço associado ao atraso do país, sejam representantes das classes dominantes, sejam das classes menos favorecidas. Coronel Teodorico, em um diálogo com Dona Benta, confirma essa mentalidade.

— Eu a ser verdadeiro, comadre, nem entendo, nem acredito em nada dessas histórias. Sou homem da roça, como meu pai

e meu avô, criadores de porco e plantadores de milho. De ciência não pesco um xis – nem acredito. Minha fazenda não valia mais de setenta mil cruzeiros. Peguei por ela um milhão e duzentos mil. [...]

— Compadre – disse Dona Benta – o seu mal sempre foi a falta de estudos. Se os tivesse, ou se freqüentasse aqui os nossos serões para ouvir as conversas geológicas do Senhor Visconde, juro que não venderia a fazenda nem por 10 milhões. Aquilo vale ouro, compadre. [...] (LOBATO, 1982d, p. 331)

Lobato conduz Coronel Teodorico, que se acha muito esperto, a derrocada, deixando-o pobre no final da história. Depois de vender seu sítio por um preço inferior ao que valia, esse personagem vai para o Rio de Janeiro empregar seu dinheiro em negócios fáceis e de lucro rápido, perdendo-o rapidamente. Com esse desfecho, Lobato denuncia a mentalidade acanhada da elite rural brasileira (classe dominante), que anseia por obter vantagens financeiras sem esforço empreendedor.

Chico Pirambóia, que também vendera suas terras e não acreditava no tal “criosene”, teve seu dinheiro da venda roubado, pois não seguiu o conselho de Dona Benta de guardá-lo em um banco. Com o desfecho de mais esse personagem, Lobato também criticou a mentalidade da parcela menos favorecida da população brasileira. Porém, mostrou ter esperanças de que essa parcela, mais do que a elite rural de mentalidade acanhada, poderia reverter sua condição de vida caso se rendesse aos benefícios do progresso, advindo da exploração de petróleo. Essa concepção se revela no destino do personagem Chico Pirambóia que, no final da história, tornou-se funcionário de uma companhia de petróleo próxima ao Sítio e também aprendeu a observar no terreno evidências indicativas da existência de petróleo, querendo ele mesmo comprar terras para explorar esse combustível fóssil.

Depois que as companhias petrolíferas começaram a extrair petróleo, a pacata vila vizinha ao Sítio transformou-se com rapidez vertiginosa, modificando o modo de vida tranquilo de seus moradores. No excerto a seguir, Lobato comenta sobre como ocorreram essas transformações e salienta o lado negativo do progresso, que introduziu a desordem e a mudança dos costumes.

O preço das casas e terrenos subiu a galope. [...] Casas novas, bonitas, começaram a erguer-se nos terrenos vagos. Vinha gente de fora aos bandos [...] Surgiram casas de sorvete, um cinema, dois três, dez bares. Depois, um cabaré com umas francesas roucas, onde às vezes rebentavam brigas medonhas. [E dona Benta diz] [...] logo teremos aqui uma cidade à moda americana, movimentadíssima, que mudará tudo – os costumes e as gentes. (LOBATO, 1982d, p. 328; p. 332)

Lobato, por meio de Dona Benta, prossegue a narrativa afirmando que o petróleo também mudou a mentalidade das pessoas, pois trouxe a cultura de massas para o Sítio, a qual foi valorizada por Lobato nessa história. Além do cinema, ele mudou "velhos conhecimentos, os velhos hábitos, as velhas tradições – tudo isso tinha de desaparecer diante da americanização que a indústria traz." (p. 332). Essa valorização que Lobato concede aos Estados Unidos também é compartilhada por Oliveira Vianna.

Lobato utiliza *O poço do Visconde*, mais uma vez, como um instrumento de denúncia, mostrando a realidade dos fatos para as crianças, ao revelar-lhes as manobras do capitalismo. Em um excerto da narrativa, Mr. Kalamazoo, quando descobre que as companhias começaram seus estudos geofísicos para explorar petróleo, alertou Dona Benta de que ela poderia estar sendo vítima de pirataria do petróleo. Dessa forma, a proprietária do Sítio resolveu abrir mais quatro poços de petróleo nos lugares onde as companhias piratas estavam montando seus poços para roubar o petróleo do Sítio.

Com tanto petróleo, a proprietária da Companhia Donabentense de Petróleo resolveu vender esse recurso um pouco mais barato às refinarias do Rio de Janeiro, a fim de ajudar o Brasil, obtendo, com isso, lucros astronômicos. Certa de que não queria mudar seu modo de vida simples e de que o dinheiro não deveria ser gasto de forma egoísta somente com os habitantes do Sítio, Dona Benta resolveu empregá-lo em obras públicas e ajudar o povo da roça que, para ela, era "tão miserável, sem cultura nenhuma, sem resistência, largado em pleno abandono no mato, corroído de doenças tão feias e dolorosas" (p. 342). Com isso, Dona Benta mostrou ser uma empresária moderna, patriota e com consciência social,

representando a idealização da elite esclarecida e de boas intenções sociais que Lobato almejava para o Brasil.

Diante dessa decisão de Dona Benta, os personagens do Sítio começaram a dar sugestões para resolver os problemas sociais do país. Pedrinho propõe a Dona Benta que o dinheiro da venda do petróleo fosse empregado para construir muitas estradas de rodagem no Brasil, idéia que fazia parte do projeto de integração nacional pelas vias de transporte rodoviárias, apregoado por Lobato. Visconde planeja construir casas de ciências para aproveitar meninos com vocação para altos estudos e também universidades. Narizinho propôs construir escolas para dar instrução ao povo da roça e hospitais para a “caboclada bronca”. Ela sugere, ainda, um programa habitacional:

[...] com casas decentes, com higiene e coisas modernas, que lhes sejam vendidas a prestações bem baixinhas. É uma vergonha para nossa terra como moram as gentes da roça – em casebres de sapé e barro, imundíssimos, sem mobília, sem nada lá dentro. Qualquer toca de bicho, qualquer ninho de João-de-barro, vale mais que um casebre de caboclo. (LOBATO, 1982d, p. 343)

Depois da descoberta do petróleo no Sítio, muitos estados brasileiros começaram a formar companhias para explorar petróleo. Lobato, no universo ficcional, enumera todos os lugares do país onde estavam sendo feitas, no universo real, perfurações para extrair petróleo do subsolo brasileiro. Na ficção, essas perfurações resultaram em poços de petróleo bastante produtivos. Dessa forma, o escritor revela novamente sua expectativa de progresso para o país e enfatiza a importância dos transportes.

O Brasil, que não tinha petróleo, que estava oficialmente proibido de ter petróleo, passou a ser o maior produtor de petróleo do mundo. Houve logo super-produção. [...] O mercado interno, que até então se abastecia com petróleo comprado no estrangeiro, passou a ser fornecido inteiramente com o petróleo nacional. A gasolina caiu de preço. [...] O país entrou a prosperar dum modo maravilhoso. Todo mundo compreendeu que o nosso emperramento antigo provinha da falta de circulação. Nada circulava no Brasil,

porque não havia transporte e o transporte é tudo para um país de grande território. [...] O petróleo produzido no Brasil, porém, não ficou por muito tempo limitado ao consumo interno [...], [com exportações] que nunca mais pararam de crescer. (LOBATO, 1982d, p. 346)

Os benefícios trazidos pela descoberta do petróleo transformaram ainda mais a vila próxima ao Sítio, a ponto de transformá-la em uma cidadezinha evoluída, dispondo de ruas pavimentadas, comércio e de todos os benefícios que os habitantes do Sítio haviam planejado trazer para a população, como escolas, hospitais etc. Até Tia Nastácia se rendeu a esses benefícios. Ela ficou contente com o fogão a gás que substituiu o fogão a lenha de sua cozinha, com a geladeira e com os passeios de *trailer* nas estradas pavimentadas que davam acesso ao Sítio. Narizinho comenta com Dona Benta que Tia Nastácia é também um milagre do petróleo, pois “veja como está alegre, contente da vida e remoçada. Até parece uma negra americana do cinema, das sabidas” (p. 350)

Cabe lembrar que essas soluções indicadas por Lobato em *O Poço do Visconde* se enquadram dentro daquelas categorias de soluções idealistas, por vezes utópicas, que Lobato apregoou para o Brasil.

Dona Benta, com sua mentalidade empreendedora, também comprou mais terras ao redor do Sítio para abrir novos poços de petróleo, como o Quindim n. 1, aberto no sítio da Nhá Veva, que rendeu a maior produção de todos. Para comemorar a abertura desse poço, Dona Benta resolveu dar uma festa com muita comida e presentes, convidando todos seus conhecidos e o povo da roça a participar dessa festa. Essa ação de Dona Benta é reveladora das atitudes paternalistas com que os latifundiários do interior tratavam o povo da roça e que sobreviveram no Brasil moderno idealizado por Lobato no pós-descoberta do petróleo.

Na festa, Dona Benta foi elogiada por ser um modelo de empresária, pela sua sabedoria e nobreza de caráter. Tia Nastácia, em uma atitude servil, beijou-lhe as mãos e Pedrinho prometeu erguer-lhe uma estátua de mármore no Sítio. Já no discurso do Visconde, percebe-se a concepção de ciência positivista de Lobato, que conduz a resultados práticos.

[A Geologia] é uma ciência que conduz a resultados práticos, positivos, de grandes reflexos econômicos. [...] saber que em tal ou tal terreno existem condições para o acúmulo de petróleo, isso sim, enriquece. Pelo menos enriqueceu Dona Benta. Se não fosse a nossa mania geológica [...] não estaríamos hoje nadando em dinheiro e fazendo a felicidade deste pobre povo, que até aqui viveu descalço, analfabeto e na maior penúria. (LOBATO, 1982d, p. 357)

Visconde conclui seu discurso dizendo que é no subsolo que está a maior riqueza de um país, capaz de torná-lo independente, conforme descrito no excerto a seguir, extraído do final da história.

Pendurado na torre do Caraminguá n. 1 estava um letreiro que dizia:
Salve!Salve!Salve!
Deste abençoado poço – Caraminguá n. 1, a 9 de julho de 1938 saiu, num jato de petróleo, a independência econômica do Brasil. (LOBATO, 1982d, p. 360)

5.1.3 - A CHAVE DO TAMANHO



Figura 19 – A civilização de *Pail City*, uma nova forma de explorar a natureza. (Ilustração de Mauricio Loyola)

5.1.3.1 – COMENTÁRIOS GERAIS SOBRE A CHAVE DO TAMANHO

A Chave do Tamanho (1942) foi escrita em plena Segunda Guerra Mundial, período no qual vigorou o pessimismo de Lobato em relação ao progresso, a humanidade e a civilização industrial, que fizeram parte do discurso geográfico que o escritor produziu em sua literatura infantil. Esse pessimismo é uma outra vertente do pensamento de Lobato, mais marcante nessa história, embora nela também seja possível detectar um discurso otimista em relação às crianças e a capacidade delas de adaptação e de construir um mundo melhor.

Em *A Chave do Tamanho*, Lobato amplia sua escala de análise e passa a criticar os países desenvolvidos que, ao invés de utilizarem os benefícios da industrialização para viver melhor e praticar o bem, utilizaram-nos para o mal, para a morte e para a destruição. Sendo assim, nessa história, Lobato conclui sobre a ambigüidade do progresso que facilitou a vida do ser humano, mas não melhorou seu comportamento. Isso fica evidente quando Lobato questiona a superioridade do ser humano em relação aos outros seres vivos e, em contraposição, elogia a organização social dos insetos afirmando que, apesar do pequeno tamanho, eles criaram maneiras racionais de viver sem destruir uns aos outros aleatoriamente, como fazem os seres humanos.

Decepcionado com os horrores da Segunda Guerra Mundial e com os rumos da civilização industrial e do progresso, Lobato apregoa nessa narrativa, ainda que de maneira utópica e com um discurso evolucionista ancorado em Spencer, a idéia de volta a uma civilização natural, formada por seres humanos reduzidos a tamanhos de insetos. Sendo assim, a Geografia que Lobato transmitiu às crianças em *A Chave do Tamanho* está na idéia de que, com o tamanho reduzido, o ser humano poderia encontrar uma nova maneira de se relacionar com a natureza e em sociedade, descartando guerras, transformando e organizando o espaço de forma racional e optando pela democracia como forma de governo. Para mostrar a aplicação desses pressupostos, Lobato criou uma cidade modelo chamada *Pail City* onde o ser humano adaptou-se ao meio usando sua inteligência e os recursos de que dispunha. Também está representada nesta história a Geopolítica, pois o

escritor retratou a Segunda Guerra Mundial, conflito que culminou em uma reorganização política e econômica do espaço geográfico mundial.

Além disso, *A Chave do Tamanho*, como as demais histórias infantis de Lobato analisadas nesta pesquisa, apresenta as principais idéias da Escola Nova, como o “aprender fazendo” e a criança como centro no processo ensino-aprendizagem. Lobato também priorizou, nessa narrativa, o ensino das ciências e de suas metodologias, embora tenha criticado o mau uso que a humanidade faz das ciências em geral. Vasconcellos (1982, p. 84) comenta sobre como a ciência foi aplicada por Lobato em *A Chave do Tamanho*:

[...] [esta história] está cheia de reflexões sobre aspectos de metodologia científica (sobre dedução, indução, inferência, hipótese, experimentação, possibilidade de serem tiradas conclusões válidas a partir de indícios etc.), o que é explicável num autor que atribuía tão grande importância à Ciência, como adversária da religião, no conhecimento da realidade e na ‘condução racional’ da sociedade.

5.1.3.2 – ANÁLISE DO DISCURSO GEOGRÁFICO DE A CHAVE DO TAMANHO

Nas páginas iniciais de *A Chave do Tamanho*, Lobato, por meio de Dona Benta, comenta sobre a Segunda Guerra Mundial.

[...] Pedrinho desdobrava o jornal e lia os enormes títulos e subtítulos da guerra.

— Novo bombardeio em Londres, vovó. Centenas de aviões voaram sobre a cidade. Um colosso de bombas. Quarteirões inteiros destruídos. Inúmeros incêndios. Mortos à beça.

O rosto de Dona Benta sombreou. Sempre que punha o pensamento na guerra ficava tão triste que Narzinho corria a sentar-se em seu colo para animá-la.

— Não fique assim vovó. A coisa foi em Londres, muito longe daqui.

— Não há tal, minha filha. A humanidade forma um corpo só. Cada país é um membro desse corpo, como cada dedo, cada unha, cada mão, cada braço ou perna faz parte do nosso corpo. Uma bomba que cai numa casa de Londres e mata uma vovó de lá, como eu, e fere uma netinha como você ou deixa aleijado um Pedrinho de lá, me dói tanto como se caísse aqui. É uma perversidade tão monstruosa, isso de bombardear inocentes, que tenho medo de não suportar por muito tempo o

horror desta guerra. Vem-me vontade de morrer. Desde que a imensa desgraça começou não faço outra coisa senão pensar no sofrimento de tantos milhões de inocentes. Meu coração anda cheio da dor de todas as avós e mães distantes, que choram a matança de seus pobres filhos e netinhos. Aquela tristeza de Dona Benta andava a anoitecer o Sítio do Picapau, outrora tão alegre e feliz. (LOBATO, 1982e, p. 262)

Nesse excerto, nos deparamos com o profundo pessimismo e tristeza de Lobato em relação à guerra e às conseqüências globais que esse conflito trouxe à humanidade. Essa visão do mundo pessimista de Lobato pode ser fruto da influência positivista comteana, que apregoava idéias pacifistas ao invés de revoluções, concepção diferente dos darwinistas sociais, os quais apregoavam a idéia de conflito. Há, ainda, a hipótese de Lobato, ao construir esse excerto, ter compartilhado das idéias possibilistas de que deveria haver consensualidade ao invés de conflito nas relações sociais. Outro aspecto marcante desse excerto é a concepção organicista spenceriana que percebe a sociedade como um organismo com partes separadas, porém, unidas de forma coesa.

Diante da tristeza de Dona Benta, Emília planeja a maior reinação de todos os tempos: acabar com a guerra. Convicta disso, ela cheira o superpó³⁸, que estava sendo fabricado pelo Visconde, e vai até a Casa das Chaves no fim do mundo, onde existiam chaves que regulavam todas as coisas, com a intenção de desligar a chave da guerra. Chegando lá, verificou que não existiam indicações sobre a função de cada uma das chaves e optou, utilizando o método experimental de tentativa e erro, por baixar uma das chaves aleatoriamente. Ao aplicar esse método, Emília, sem saber, ao invés de acabar com a guerra, reduziu o tamanho da humanidade.

A redução do tamanho da humanidade foi o recurso utilizado por Lobato para propor uma recondução da sociedade industrial. Ao ser reduzida, todas as conquistas industriais e tecnológicas da humanidade deixariam de ter valor, inclusive as armas criadas para fazer guerras. Com isso, a humanidade precisaria encontrar formas alternativas de uso de

³⁸ O superpó, assim como o pó de pirlimpimpim e o poder do faz-de-conta de Emília, são recursos fantásticos utilizados por Lobato em sua obra infantil para resolver situações e tornar possíveis as aventuras dos personagens do Sítio.

tecnologias e novas maneiras de se relacionar com a natureza e em sociedade. Portanto, a redução do tamanho da humanidade provocaria uma revisão das idéias existentes, que não teriam mais utilidade na Ordem Nova. Por exemplo, “a ‘idéia-de-leão era a dum terrível e perigosíssimo animal, comedor de gente; e a ‘idéia-de-pinto’ era a dum bichinho inofensivo. Agora é o contrário.” (p. 265)

A redução do tamanho também traz um aspecto simbólico para as crianças, as quais vêm o mundo em uma perspectiva diferente dos adultos, já que a estatura delas é menor. Sendo assim, as crianças, a quem Lobato dirigiu sua mensagem de otimismo e sua esperança de um mundo melhor, se identificam com essa história, na qual o tamanho é suprimido. Esse recurso de redução do tamanho está presente em outras histórias infantis, como *Alice no País das Maravilhas*, a qual foi citada por Lobato, por meio de Emília.

Eu é que diminuí. Fiquei pequeníssima; e, como estou pequeníssima, todas as coisas me parecem tremendamente grandes. Aconteceu-me o que às vezes acontecia a Alice no País das Maravilhas. Ora ficava enorme a ponto de não caber em casas, ora ficava do tamanho dum mosquito. Eu fiquei pequenininha [como as crianças]. (LOBATO, 1982e, p. 264)

Nessa constatação de Emília, percebemos que até ela não escapou às concepções evolucionistas de Lobato. Essa personagem que, a princípio era uma boneca de pano e não pertencia à humanidade, evoluiu e virou gente, de acordo com suas próprias palavras. “De simples bruxa de pano, fui evoluindo, virei gatinha e hoje sou o cérebro e a cabeça do Visconde [...]” (p. 305). Por isso, Emília também teve seu tamanho reduzido, assim como os seres humanos.

Após perceber o que tinha feito, Emília tentou erguer a chave do tamanho, mas não teve forças para isso. Então, cheirou o superpó para regressar ao Sítio. Quando chegou lá, quase foi devorada pelo pinto sura, um grande perigo para quem tinha o tamanho de um inseto, e foi obrigada a cheirar o superpó novamente, indo parar em um jardim. Nesse jardim, Emília desenvolveu suas primeiras estratégias para se adaptar à vida no “mundo

dos bichinhos”, enfrentando dificuldades, como a aspereza do solo e a força do vento.

Ao observar a vida no jardim a fim de encontrar um meio de transporte para se locomover, Emília realiza um discurso de valorização dos insetos, lembrando o que Visconde Ihe disse sobre os besouros “o futuro Rei da Criação ia ser o besouro, depois que o rei atual, o Homem, totalmente se destruísse na horrenda guerra que andava guerreando.” (p. 270). Essa valorização dos animais e de seu modo de se adaptar à natureza é constante em *A Chave do Tamanho* e revela a descrença de Lobato no ser humano, o qual se considerava superior na escala dos seres vivos, embora promovesse guerras para se destruir. No entanto, ao mesmo tempo em que Lobato critica a humanidade, admite ter “tanta fé na humanidade futura, isto é, na humanidade de daqui por diante – a humanidade pequenina. Com a nossa inteligência, poderemos operar maravilhas ainda maiores que as dos insetos.” (p. 285). Além de depositar suas esperanças de um mundo melhor nas crianças (a humanidade pequenina), Lobato demonstrou, na construção desse excerto, a concepção lablachiana de que o ser humano era repleto de possibilidades para adaptar o meio às suas necessidades.

Sentada no jardim, Emília pôs-se a filosofar sobre o “mundo biológico”, que é o mundo dos animais, em contraposição ao mundo humano. Essa forma de Lobato denominar o mundo dos animais está equivocada, pois os seres humanos também pertencem ao mundo biológico, que é o mundo onde se desenvolvem diferentes formas de vida. Com isso, Lobato demonstra uma contradição em seu modo de pensar, pois, ao mesmo tempo em que critica o ser humano por se sentir superior aos outros animais, ele projeta a vida humana dissociada da natureza.

— Que mundo este, santo Deus! — murmurou, muito atenta a tudo quanto se passava em redor. É o tal ‘mundo biológico’ de que tanto o Visconde falava, bem diferente do ‘mundo humano’. Diz ele que aqui quem governa não é nenhum governo com soldados, juizes e cadeias. Quem governa é uma invisível Lei Natural. E que Lei Natural é essa? Simplesmente a *Lei De Quem Pode Mais*. Ninguém neste mundinho procura saber se o outro tem ou não razão. Não existe a palavra justiça. A Natureza só quer saber uma coisa: quem pode mais. O que pode mais tem o que quer, até o momento em que apareça outro que possa ainda mais e Ihe tome tudo. E por

que essa maldade? O Visconde diz que é por causa duma tal Seleção Natural, a coisa mais sem coração do mundo, mas que *sempre acerta*, pois obriga todas as criaturas a irem se aperfeiçoando. ‘Ah, você está parado, não se aperfeiçoa, não é?’ diz a Seleção para um bichinho bobo. ‘Pois então leve a breca.’ E para não levar a breca, o bichinho trata de inventar toda sorte de defesas e astúcias.

[...] — A vida é uma caçada contínua — filosofou Emília. [...] (LOBATO, 1982e, p. 272)

Nesse excerto, Lobato também menciona a Seleção Natural, elaborada por Darwin. Esse conceito, assim como outros, foi adaptado por Spencer em suas análises da sociedade, constituindo o evolucionismo social, que influenciou a visão do mundo de Lobato. A conclusão de Emília de que “a vida é uma caçada contínua” (p. 272), e outras como “o mundo é um come-come danado” ou “os fracos devem agir como os fortes para se dar bem no mundo e os fins justificam os meios para isso”, mostram as concepções darwinistas sociais de Lobato. O escritor, por ter transmitido essas concepções às crianças, foi criticado por alguns setores da sociedade, os quais diziam que Lobato comprometia a formação moral delas.

Usando de sua inteligência para se adaptar ao novo meio no qual estava vivendo, Emília continuou seguindo seu trajeto para chegar ao Sítio, deslocando-se em animais, defendendo-se de insetos perigosos e buscando água e alimentos (mel e ovos de beija-flor) para sobreviver. Nesse trajeto, levada por uma mutuca – um meio de transporte eficiente na Ordem Nova – Emília chegou ao jardim da casa do Major Apolinário, “a burrice em pessoa” (p. 279). Esse personagem representa um típico chefe político de cidade do interior, cuja ineficiência administrativa e descaso pela população foram amplamente criticados por Lobato. Major Apolinário, sua esposa Dona Nonoca e a empregada negra estavam desesperados com a redução do tamanho e, devido à mentalidade ignorante, não conseguiam se adaptar à nova situação. Então, Emília explica.

— Chorar não adianta, Dona Nonoca. O que temos de fazer é nos *adaptar*.

Dona Nonoca não entendeu essa palavra tão científica. Emília explicou-se.

— Adaptar-se quer dizer ajeitar-se às situações. Ou fazemos isso, ou levamos a breca. Estamos em pleno mundo biológico, onde o que vale é a força ou a esperteza. A senhora até teve muita sorte de que nenhum passarinho ou gato a visse. (LOBATO, 1982e, p. 277)

Nesse excerto também percebemos o pensamento de Lobato forjado pelas concepções darwinistas sociais, que valorizam a esperteza e a astúcia, atributos que não eram encontrados em muitos chefes políticos do interior do Brasil. Por não abandonar as velhas idéias e por apresentar uma lerdeza para se adaptar às novas condições de vida, Major Apolinário, sua esposa e a empregada não sobreviveram à redução do tamanho, pois foram engolidos pelo gato da família, o Manchinha. Ao destruir esses personagens, Lobato demonstra que na sociedade ideal criada por ele em *A Chave do Tamanho* não haveria lugar para pessoas com essas características. Prova disso, é que Lobato salvou da morte as crianças filhas do casal que, por possuir uma mentalidade aberta ao novo, poderiam sobreviver na Ordem Nova.

Essas crianças passaram a acompanhar Emília em sua viagem até o Sítio, sem saber da morte dos pais, pois ela contou-lhes outra história sobre o sumiço deles, justificando que, “muitas vezes a coisa boa é a mentira” (p. 280), em uma de suas manifestações de moral alternativa encontradas também em outras situações da história. Com a atitude de Emília em cuidar das crianças do Major Apolinário, Lobato, que construiu essa personagem com características comportamentais ambíguas, valorizou sua capacidade de grandes realizações humanas.

Emília sempre teve fama de não possuir coração. Mentira. Tinha sim. Está claro que não era nenhum coração de banana como o de tanta gente. Era um coraçãozinho sério, que ‘pensava que nem uma cabeça’. Podendo deixar ali as duas crianças, já que a situação do mundo era a de um geral ‘salve-se quem puder’, não as deixou. Heroicamente, resolveu salvá-las. (LOBATO, 1982e, p. 279)

Agora, com duas crianças sob sua responsabilidade, Emília buscou alternativas para sobreviver, por meio da estratégia do disfarce,

enrolando-se em um chumaço de algodão encontrado na casa do major Apolinário. Essa estratégia surgiu da lembrança de uma história contada por Tia Nastácia, na qual um macaco se besuntou de mel para livrar-se de uma onça. Nesse episódio, Lobato deu importância à cultura popular brasileira, muitas vezes, em outras narrativas, alvo de sua crítica.

Emília, mostrando a visão darwinista social de Lobato, comenta que, na fase de adaptação ao novo tamanho, a esperteza está em importância para os seres humanos como o mimetismo está para os animais. “Esses fingimentos são as armas de tais insetos. É a defesa do fraco contra o forte – mas do fraco esperto! [...] nós três estamos usando um recurso do mimetismo, o ‘chumacismo’.” (p. 288)

Depois de viver aventuras com as crianças do major Apolinário, Emília encontrou o Visconde que, por ser um sabugo de milho, não havia sido reduzido de tamanho. Visconde estava indo verificar, na vila próxima ao Sítio, se o fenômeno da redução do tamanho também havia atingido seus habitantes. Depois que soube quem foi a autora da reinação, ele repreendeu Emília por ter destruído a civilização humana. Porém, ela não se comoveu com os comentários de Visconde e sustentou o que tinha feito, alegando que a civilização clássica já estava promovendo o seu próprio fim, pois só sabia fazer guerra e matar.

[...] Eu acabei com o Tamanho entre os homens e fiz muito bem. Um dia a humanidade nova me há de agradecer o presente, depois que a raça nova de ‘homitos’ se adaptar.

O Visconde suspirou.

— *Adaptar-se!* Você usa das palavras da ciência mas não sabe. Repete-as como papagaio. Isso de adaptação é certo, mas é coisa de milhares de milhões de anos, Emília. Pensa então que do dia para a noite essa enorme população humana, que você apequenou e está nos maiores apuros, vai ter tempo de adaptar-se? Morre tudo antes disso, como peixe fora d’água – e adeus *Homo sapiens!*

— *Homo sapiens* duma figa! Morrem muitos, bem sei. Morrem milhões, mas basta que fique um casal de Adão e Eva para que tudo recomece. O mundo já andava muito cheio de gente. A verdadeira causa das guerras estava nisso – gente demais, como Dona Benta vivia dizendo. O que eu fiz foi uma limpeza. Aliviei o mundo. A vida agora vai começar de novo – e muito mais interessante. Acabaram-se os canhões, e tanques, e pólvoras, e bombas incendiárias. Vamos ter coisas muito superiores – besouros para voar, tropas de formiga para o

transporte de cargas, o problema da alimentação resolvido, porque com uma isca de qualquer coisa um estômago se enche, etcoetera e tal. (LOBATO, 1982e, p. 297)

Nesse excerto, Lobato expõe de maneira simplista a causa das guerras, associando-a ao excesso de população no planeta. Essa explicação não se aproxima da interpretação real das causas desses conflitos, que podem ocorrer pela conquista de territórios, por questões étnicas, religiosas, econômicas, entre outras. Nota-se, também, nesse excerto a mudança da visão do mundo de Lobato, verificada na sua idéia de resolver o problema dos transportes utilizando-se da força dos insetos e não mais da energia do petróleo, como ele enfatizou em *O poço do Visconde* e em *Geografia de Dona Benta*.

Emília prossegue dizendo ao Visconde, convencido dos argumentos dela, que era fácil voltar o tamanho da humanidade. Porém, era preciso avaliar se essa seria a melhor solução ou se a solução ideal seria adaptar-se e criar uma nova civilização sem o tamanho, que era a causa da estupidez humana. Dessa forma, Visconde conclui que "[...] com a sua inteligência os homens pequeninhos poderiam dominar os insetos, utilizar-se de milhares deles para mil coisas e construir uma nova civilização muitíssimo mais interessante que a velha." (p. 299)

Para ir até o Sítio, Emília resolve viajar dentro da cartola do Visconde e argumenta.

— Eu viajarei muito bem dentro da sua cartola, Visconde. Basta que me abra uma janelinha.

O Visconde [...] abriu no papelão da cartola uma janelinha de 3 por 3 milímetros.

— Maior, Visconde. Faça uma janelinha de 3 por 9. [...]

— O Visconde abriu um janelão de 3 por 10. — Antes maior do que menor. Assim ninguém brigará em cima da minha cabeça por falta de espaço vital. (LOBATO, 1982e, p. 299)

Nesse excerto, Lobato faz uma referência ao termo espaço vital utilizado por Ratzel, cujo entendimento era o de que os povos deveriam

expandir seus territórios para alcançar a civilização e para subsistirem, justificando o imperialismo alemão no contexto do século XIX.

Porém, antes de ir para o Sítio, Emília solicitou que o Visconde procurasse nos ninhos de beija-flores pelas crianças do major Apolinário que ela havia deixado à mercê de uma chuva, em um momento de “salve-se quem puder” (p. 291). Com essa atitude, Emília mostrou uma reação diferente daquela que teve quando resolveu trazer as crianças consigo. Esse individualismo exacerbado de Emília é influência de Nietzsche, porém, Lobato não a criticou por ter agido dessa maneira com as crianças, nem por exercer mando ditatorial sobre o Visconde que, em *A Chave do Tamanho*, passou a ser, literalmente, comandado por ela de dentro de sua cartola, a qual se transformou no “Sítio da Emília”.

Apesar de transformado no maior gigante do mundo, o Visconde, pela força do hábito, obedecia à Emília do mesmo modo que antigamente. E ela agora se tornara seu verdadeiro cérebro, a manobradora da sua vontade. Parecia incrível que aquele piolhinho de gente, lá dentro da cartola, o conduzia para onde queria. (LOBATO, 1982e, p. 303)

No caminho até o Sítio, Emília e Visconde resolveram entrar na casa do Coronel Teodorico. Encontraram-no sem entender o que estava acontecendo e, embora Emília tenha tentado convencê-lo dos benefícios da vida pequenina, ele não admitia as mudanças que essa vida traria, como a inutilidade do dinheiro, de grande importância para o Coronel. Esse personagem, assim como o major Apolinário, foi bastante ridicularizado na história por sua ignorância e dificuldade de adaptação.

Chegando ao Sítio, encontraram todos os moradores em cima da cômoda do quarto de Dona Benta, onde a Ordem Nova já estava sendo construída pelas crianças. Tia Nastácia era a única inconformada com essa ordem e se recusava veementemente a se adaptar, assim como, Coronel Teodorico e o Major Apolinário. Com isso, Lobato demonstra a sua concepção de que o povo também era, ao lado da elite política tradicional do país, avesso às mudanças.

Dona Benta, que duvidava da possibilidade de o ser humano subsistir na Ordem Nova, foi conversar com Visconde sobre suas

apreensões. O sábio, porém, admitiu que o ser humano poderia criar uma civilização muito mais interessante e feliz do que a “civilização tamanhuda”, como diz a Emília, e que “a geração adulta de hoje vai sofrer, está claro, porque anda muito presa às idéias tamanhudas; as crianças já sofrerão menos, por que aceitam melhor as novidades” (p. 312). Nessa mensagem de Visconde, reside o otimismo de Lobato que deposita sua esperança de as crianças mudarem o mundo por meio da capacidade inventiva que elas têm de se adaptar e de assimilar o novo.

Depois de contar a todos sobre suas façanhas, Emília pediu ao Visconde para fabricar mais superpó, pois pretendia viajar pelo mundo a fim de verificar como a humanidade estava reagindo à redução do tamanho. Depois dessa viagem, Emília, de quem dependia a sorte da espécie humana, pretendia voltar ao Sítio e realizar um plebiscito para decidir se o tamanho da humanidade deveria ser restaurado ou não. Essa atitude de Emília revela a contradição da personagem que, em toda a história, exerceu mando ditatorial sobre o Visconde, mas que pretendia “consultar a opinião das gentes e só fazer o que a maioria quiser” (p. 315) para resolver o problema do tamanho, valorizando, com isso, a democracia como forma de condução social.

A primeira visita que Emília e Visconde fizeram, durante a viagem com o superpó, foi à Alemanha, país do Eixo que vinha causando a morte de civis inocentes e judeus na Europa e em todo o mundo. Dirigiram-se à Berlim e, no caminho, Visconde pôs-se a filosofar sobre o caráter nacional alemão, criticando-o com ironia.

— Essa gente, que era a mais terrível e belicosa do mundo e estava empenhada numa guerra para a conquista do planeta, ainda é mentalmente a mesma – quero dizer, ainda sente e pensa da mesma maneira. E ainda sabe tudo quanto aprendeu. Os químicos sabem fazer prodígios com a combinação dos átomos. Os físicos e mecânicos sabem todos os segredos da matéria. Os militares sabem todos os segredos da arte de matar. Mas, como perderam o tamanho, já não podem coisa nenhuma. Sabem, mas não *podem*. Que coisa terrível para eles! (LOBATO, 1982e, p. 319)

Nesse excerto, Lobato também esclarece que o mau uso da ciência realizado pelos cientistas alemães não subsistirá na Ordem Nova.

Nessa Ordem Nova, os cientistas deverão utilizar a ciência de forma racional empregando-a para beneficiar a humanidade pequenina.

Na Alemanha, Emília e Visconde foram até o palácio do governo procurar por Hitler “o homem mais poderoso que jamais existiu” (p. 320), encontrado por eles reduzido ao tamanho de quatro centímetros de altura. Nesse momento, Lobato enfatiza ainda mais que o tamanho era a causa da prepotência do ser humano e critica Hitler que, ao conversar com Emília, se encolheu de medo revelando sua fragilidade. Emília então contou a Hitler que ela tinha acabado com o tamanho da humanidade e só o restituiria novamente:

[...] se tiver a certeza de que Vossa Excelência vai fazer a paz, e botar fora todas as horrendas armas que andou amontoando, e desse momento em diante viverá na mesma paz e harmonia com o mundo em que vivem as formigas e as abelhas. Se o Tamanho voltar e tudo ficar como estava, quero vida nova, sem guerras, sem ódios, sem matanças, sem armas, está entendendo? (LOBATO, 1982e, p. 322)

Depois dessa conversa com Hitler, Visconde e Emília viajaram para outros lugares do mundo, como o Japão, que também fazia parte dos países do Eixo, a fim de averiguar as conseqüências da redução do tamanho naquele país. Depois, seguiram para a Rússia onde vislumbraram uma tragédia, pois o frio intenso daquele país havia congelado e matado “milhões de homens que os Ditadores tinham remetido para o gelo” (p. 322). Nas visitas a esses países, Lobato continua criticando os dirigentes pelas guerras que protagonizaram e pelo modelo de progresso que adotaram. Dos países do Eixo que comandavam a Segunda Guerra, somente a Itália fascista não foi visitada por Visconde e Emília.

Após a visita à Europa, eles seguiram para a Califórnia, nos Estados Unidos, onde encontraram um modelo de civilização que estava se formando em um balde: *Pail City* (Cidade do Balde) sob o comando de um antropólogo, o Dr. Barnes. Esse antropólogo, detentor de considerável conhecimento científico, já havia deduzido a redução do tamanho da

humanidade, embora se mostrasse surpreso por não conhecer nenhuma teoria evolucionista que previsse a redução instantânea da espécie humana.

Ciente dessa transformação, rapidamente Dr. Barnes adaptou-se a ela e tratou de conduzir um núcleo de pessoas a desenvolver soluções para sobreviver, como encontrar proteína na carne das minhocas, construir abrigos e roupas, domesticar insetos etc. É interessante salientar que, para implantar essa cidade ideal, Lobato escolheu os Estados Unidos, país que ele admirava apesar de promover mortes e destruição na Segunda Guerra Mundial, assim como a Alemanha e o Japão. Além disso, a condução de *Pail City* por um antropólogo representa o projeto de condução da sociedade por uma elite esclarecida, apregoado por Lobato em outras histórias infantis. Sendo assim, a adaptação das pessoas à Ordem Nova e a condução da sociedade por um intelectual fizeram da vida em *Pail City*

[...] um encanto. Ninguém tinha pressa de nada. Iam construindo coisas por prazer e não por necessidade, como no tempo tamanhudo, em que os homens que não morriam no trabalho morriam de fome e miséria. Aquele jardim imenso dava-lhes de graça tudo quanto era necessário à vida – ar, água, alimento e materiais de construção. (LOBATO, 1982e, p. 331)

Nesse excerto, Lobato, ao mesmo tempo em que critica o modo de vida imposto pela civilização industrial, idealiza uma nova sociedade vivendo em harmonia com a natureza. Quando Visconde argumenta sobre as vantagens da criação de minhocas como alimento básico de *Pail City*, também percebemos a proposta de uma forma mais racional de exploração da natureza para obter a sobrevivência da humanidade reduzida.

Para a carne, antigamente, os homens tinham de promover a criação de bois, carneiros, porcos e aves, indústria que exigia grandes pastagens, além da plantação de muitas roças de milho, aveia, mandioca, alfafa etc. E havia a trabalhadeira de prender aqueles animais, engordá-los, levá-los ao matadouro [...] Agora não. A carne já sai por si mesma do seio da terra, sem couro e sem osso e na maior abundância. (LOBATO, 1982e, p. 323)

No excerto a seguir, Lobato também sugere um material para fazer construções em *Pail City*, produzido a partir do reaproveitamento de papel jornal encontrado no jardim, ao invés de madeira ou tijolos.

— Massa de papel. Deixamos pedaços de papel dentro da água até que fiquem quase desfeitos. Depois amassamos aquilo com resina, como se amassa o trigo para o pão. Obtemos uma substância ótima para mil coisas – uma excelente matéria plástica. É mais ou menos o que usam as vespas para a construção dos seus ninhos. (LOBATO, 1982e, p. 326)

Dr. Barnes era explicitamente contrário à volta do tamanho da humanidade. No entender dele, a humanidade reduzida poderia resultar em uma civilização muito mais agradável que a velha, sem os horrores da desigualdade social, da fome e das inúteis complicações criadas pelos inventos mecânicos.

— Tudo naquela civilização era um produto do ferro, continuou o sábio, e o ferro era filho do fogo. Felizmente, estamos livres do fogo e do seu filho o ferro e das mil reações que os dois faziam no mundo, como as grandes guerras em que tudo era ferro e fogo. Estamos livres até da tremenda multiplicação dos homens sobre o planeta.

— Como?

— Foi o fogo que permitiu aos homens viverem em todos os climas e não apenas nos que lhes convinham naturalmente. Sem o fogo o homem só viveria nas zonas temperadas, as boas, e nunca nas zonas frias. E portanto haveria menos gente na terra – outra enorme vantagem tanto para o próprio homem quanto para os animais. E há ainda outro aspecto muito importante do fogo: os seus efeitos na alimentação humana. Graças ao fogo o homem pôde tornar comestíveis muitas coisas que não eram, e isso aumentou a população humana no planeta, porque aumentou enormemente as possibilidades de alimentação. De modo que do fogo veio o calamitoso aumento da população humana, não só permitindo a invasão das regiões frias, como também transformando em comestíveis coisas que não eram naturalmente comestíveis. Quanto mais espaço vital e mais comida, mais gente. E veio o tal ferro que ia levando a humanidade ao mais desastroso fim.

[...]

— Estou convencido de que a desgraça da velha civilização veio das conseqüências sociais do fogo. (LOBATO, 1982e, p. 328)

Nesse excerto, podemos perceber a visão do mundo contraditória de Lobato sobre o progresso. O ferro, produto do fogo, que era um dos elementos estimuladores do progresso almejado por Lobato, nesse excerto é visto como a causa da destruição da civilização industrial. O fogo, por sua vez, foi o grande responsável pelo aumento da população que novamente foi considerado, pelo escritor, como causa das guerras. Nota-se, nesse excerto, o uso do conceito de espaço vital utilizado por Ratzel.

Dr. Barnes esclarece que sempre teve uma visão pessimista da civilização industrial, pois como norte-americano percebia que as máquinas estavam levando a sua civilização à pressa e à destruição. Lobato, então, critica os Estados Unidos por ser “a terra mais atormentada pelas reinações do fogo e do ferro.” (p. 328). E conclui que “livres do fogo, nós vamos agora construir uma civilização muito mais natural e vantajosa para nós mesmos – sem guerras, sem máquinas, sem aquele desvario das invenções que nos iam levando para o bebeléu.” (p. 329).

No entanto, Lobato demonstra que essa civilização deveria preservar “a nossa bela ciência na cabeça” (p. 329) ou registrada em papirinhos feitos com folhas secas, ao invés dos livros. Aqui, vemos a concepção de Lobato de que a ciência deveria continuar a ter importância na nova humanidade, porém, recriada, sem servir de forma negativa aos propósitos exclusivos do progresso.

Emília deixou *Pail City* certa de que iria sabotar o plebiscito no Sítio para manter a humanidade reduzida. Antes, porém, ela e Visconde foram a Washington para ver o presidente americano. Chegando lá, encontraram os governantes norte-americanos em reunião comentando sobre a inutilidade do governo “que era o mais poderoso do mundo, está hoje nu, com frio, sem sequer uma tanga para os rins, sem sombra de povo, sem força, sem a menor idéia na cabeça.” (p. 332)

Emília dialoga com o presidente norte-americano, mostrando-lhe as possibilidades da nova civilização. Depois, ela pede ao Visconde para ajudar o homem que governa o país mais poderoso do mundo a sobreviver à redução do tamanho, trazendo-lhe alimentos e uma cesta de povo, pois “não posso compreender um governo do povo, pelo povo e para o povo, sem povo nenhum.” (p. 334). Colocações como essa deixam transparecer que, embora

Lobato criticasse o modelo de progresso adotado pelos Estados Unidos, ele continuava valorizando a democracia norte-americana, como governo representativo do povo.

De Washington, Emília e Visconde voltaram para o Sítio a fim de realizar o plebiscito. Emília, que era entusiasta da idéia de manter a humanidade reduzida, perdeu na votação devido aos votos dos adultos que “eram conservadores, com idéias emperradas na cabeça” (p. 336). Já as crianças e sua flexibilidade para abandonar velhas idéias e se adaptar a situações novas votaram a favor da manutenção do tamanho reduzido da humanidade. Diante da decisão do plebiscito, Emília cheirou o superpó e voltou à Casa das Chaves com o Visconde, o qual deixou a chave do tamanho na posição que estava anteriormente. Com isso, “o fenômeno que se operou foi o reverso do apequenamento – foi um instantâneo engrandecimento.” (p. 338).

Com esse desfecho da história, Lobato demonstra que a sua proposta de construção de uma sociedade ideal se dá no plano da fantasia e não da realidade. Vasconcellos (1982, p. 144) analisa esse desfecho interpretando-o como “[...] signo da tensão entre os valores passados por Lobato e os dominantes: Lobato ataca estes, mas acaba ficando preso pela problemática subjacente a eles, não conseguindo formular uma nova colocação dos problemas.”

Essa análise nos leva a crer que Lobato, embora fosse um intelectual contestador da ordem vigente, não pretendia uma mudança total da sociedade e do progresso. Sendo assim, ele não apontou um caminho para resolver os problemas em sua essência, mas escapou para a fantasia, propondo soluções idealistas para isso. No entanto, essa proposição não menospreza o valor ideológico de *A Chave do Tamanho*, história que retrata, entre outros aspectos, os rumos do Brasil e do mundo no contexto da década de 1940.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Monteiro Lobato foi a minha primeira paixão literária brasileira. As aventuras do Sítio do Picapau Amarelo me empolgaram assim que comecei a ler em português, pouco depois de chegar ao Brasil, aos dez anos de idade. Eu já tinha lido muitos livros para crianças, em russo e em alemão, de autores importantes – mas Monteiro Lobato foi um impacto todo especial.

Era diferente de tudo o que eu conhecia – e virei fã dele para todo o sempre, desde a criança que eu era quando aportei por aqui até hoje, mais de setenta anos depois [...] (TATIANA BELINKY, 2005, p. 27)

Ao nosso entender, o “impacto todo especial” da obra infantil lobatiana, que impressionou Tatiana Belinky, não se circunscreve apenas às lembranças saudosas que as aventuras e brincadeiras dos personagens do Sítio do Picapau Amarelo suscitam em gerações de brasileiros que leram essa obra tornando-se também “fãs de Lobato”. Esse impacto ocorreu, essencialmente, na influência que a visão do mundo desse escritor causou em muitos leitores, sendo que a análise dessa visão do mundo no tocante à perspectiva geográfica norteou o objetivo principal desta dissertação.

Assim, acreditamos que, ao procedermos a essa análise, alcançamos o objetivo proposto desta dissertação, contribuindo, com isso, para incrementar os estudos sobre o pensamento geográfico brasileiro e também para proporcionar embasamento teórico a educadores que pretendem trabalhar com a obra literária infantil de Monteiro Lobato, em suas aulas de Geografia.

Além disso, reconhecemos concretizado o objetivo desta pesquisa de chamar a atenção dos geógrafos para um escritor que utilizou a literatura infantil a fim de, entre outros aspectos, transmitir uma concepção de Geografia às crianças brasileiras. Algumas conclusões já foram explicitadas no decorrer de nossas análises no que se refere a essa concepção do escritor, porém, achamos pertinente recapitulá-las aqui.

Consciente de que os adultos falharam na gestão do território nacional, Lobato depositou nas crianças a esperança de progresso para o Brasil. Sendo assim, direcionou a esse público seu projeto elitista de educar

uma classe dominante que pudesse governar a nação com maior competência.

Com o intuito de formar essa elite esclarecida, Lobato valorizou, em suas histórias infantis, as ciências e a formação de uma mentalidade crítica nas crianças. Em contraposição, ele combateu o obscurantismo das elites agrária e industrial e da parcela menos favorecida da população brasileira, além da educação católica e da moral tradicional que, na opinião dele, tinham papel preponderante na manutenção do subdesenvolvimento do país.

Na ciência geográfica, Lobato buscou subsídios ideológicos para propor seu projeto de reconstrução do espaço geográfico brasileiro por meio da industrialização, da eficiência do trabalho, do investimento na educação e na construção de vias de transporte e da exploração dos recursos energéticos presentes no território nacional. Esse projeto estava em consonância com as pretensões da burguesia industrial, classe social a qual Lobato pertencia e que formou a sua visão do mundo, expressa em sua literatura infantil.

Essa visão do mundo, por sua vez, reproduziu as teorias científicas e idéias vigentes nos países europeus e nos Estados Unidos. Entre elas, destacam-se os Positivismos de Comte, com as idéias sobre ordem e progresso, e de Spencer, com o evolucionismo social; as teorias racistas de Gustave Le Bon e Oliveira Vianna; as idéias de Nietzsche, filósofo diferencial na formação materialista/positivista de Lobato e Henry Ford com seu discurso liberal e idéias sobre a eficiência do trabalho.

Entre essa diversidade de correntes de pensamento, o Positivismo sistematizou a Geografia, tanto na vertente determinista elaborada por Ratzel, na qual Lobato forjou, em essência, sua concepção de Geografia, quanto em sua abordagem possibilista que, eventualmente, encontra-se em sua literatura infantil.

Além disso, as idéias escolanovistas, que conduziram à renovação educacional do país, ocorrida na Primeira República, orientaram a produção das histórias infantis de Lobato, especialmente, as que apresentam um caráter pedagógico e que foram, parcialmente, analisadas na presente pesquisa. Essas idéias estão evidenciadas nessas histórias, sobretudo, no

didatismo, no emprego de imagens e na concepção de que a criança deveria ser a figura central no processo ensino-aprendizagem. Já a influência das idéias escolanovistas na Geografia que Lobato transmitiu às crianças está presente, principalmente, na construção de um texto simples que não contemplou ufanismos e nem discursos patrióticos, na inserção de trabalhos de campo para observação dos fenômenos geográficos e na interdisciplinaridade, por exemplo, com a História, para explicar o processo de transformação do espaço geográfico brasileiro.

Essa profusão de teorias científicas e idéias existentes no Brasil nas primeiras décadas do século XX conduziram Lobato, entre outros intelectuais de sua época, a elaborar uma visão do mundo contraditória sobre a realidade, sem, contudo, romper ideologicamente com a classe social a qual pertencia. Sendo assim, o escritor, ao mesmo tempo em que analisava com profundo pessimismo o Brasil e o seu povo, previa que o nosso país alcançaria pleno desenvolvimento econômico se investisse na industrialização e na exploração do petróleo. Na visão otimista e ingênua de Lobato, em consequência desse desenvolvimento, o país resolveria automaticamente todos os seus problemas, inclusive a miséria e a ignorância.

Embasado ainda nessa visão do mundo otimista, Lobato propôs soluções idealistas para o país, as quais não consideraram a atuação de nossa estrutura política e histórica na configuração do subdesenvolvimento brasileiro e os planos das grandes potências mundiais para o Brasil na economia global. Já a visão do mundo pessimista do escritor incidiu, especialmente, sobre a parcela menos favorecida da população brasileira, a qual ele creditava, com os fatores de natureza econômica, a causa do subdesenvolvimento do país. Contudo, diante de seu propósito de criar uma identidade nacional, Lobato introduziu o povo brasileiro, representado pelos personagens negros, em sua literatura infantil, valorizando-o pelo viés cultural, sobretudo, do folclore, embora, contraditoriamente criticasse a cultura popular em suas histórias.

O pessimismo de Lobato em relação ao povo brasileiro derivou da influência das teorias racistas em sua visão do mundo. Essa influência também caracterizou as interpretações preconceituosas dos negros presentes em sua obra infantil, que conferem a esse escritor uma reputação

racista para a contemporaneidade. Porém, nos reportando ao contexto histórico vivido por Lobato, colocaríamos no mesmo índice de racista a maioria dos autores e dos cientistas que, pautados nessas teorias, interpretaram o Brasil associando a “má qualidade” do povo brasileiro ao atraso material do país.

Atualmente, o racismo contra os negros e mestiços não se justifica mais pelos pressupostos dessas teorias, como na época de Lobato. Porém, infelizmente, ainda não estamos livres dessa herança que fez desses integrantes de nossa população vítimas de um preconceito secular, embora algumas providências venham sendo adotadas, sobretudo nos aspectos educacionais e legais, para reverter esse quadro e reparar os danos causados aos povos negros e seus descendentes. Nesse sentido, a obra infantil de Lobato deve ser entendida como testemunho de uma fase histórica de nosso país, na qual esse preconceito era transmitido às crianças, elaborando suas concepções a respeito de nossa formação pluriétnica e cultural.

Nesse raciocínio, entendemos o tratamento dado pelo escritor às questões ambientais presentes nas histórias infantis analisadas ao longo desta pesquisa. Como representante de seu tempo, Lobato entendia os recursos da natureza pela ótica utilitarista e, por isso, não se esmerou em formar uma consciência ambiental nas crianças brasileiras. Logo, essas histórias de Lobato servem de contraponto para conhecermos as mensagens ideológicas acerca das atitudes em relação ao meio ambiente, transmitidas às crianças no contexto desenvolvimentista nos anos iniciais do século XX. Assim, pudemos verificar que essas mensagens estão em desacordo com a atual e urgente necessidade de preservação do meio ambiente, sendo a educação ambiental direcionada às crianças um dos caminhos para alcançar esse propósito.

Por todas as razões expostas, concluímos que definir Monteiro Lobato é tarefa de grande complexidade. Provido de intensa versatilidade intelectual, ele discorreu sobre várias questões geográficas e nacionais com propriedade, algumas ainda conservadas em atualidade no contexto socioeconômico em que vivemos, outras já tornadas obsoletas, como as

interpretações do povo brasileiro e a ausência de educação ambiental em suas histórias, explicitadas anteriormente.

Sendo assim, compreendemos que as histórias infantis de Lobato constituem ricos objetos de estudo do pensamento geográfico brasileiro, pois mostram a concepção de Geografia que Lobato transmitiu às crianças nas primeiras décadas do século XX e que, em menor proporção, ainda vêm sendo transmitidas na atualidade. Reconhecemos também na produção literária de Lobato direcionada aos adultos essa mesma riqueza, certos de que sua análise também poderia contribuir para enriquecer ainda mais a História do Pensamento Geográfico Brasileiro.

7. REFERÊNCIAS DE MONTEIRO LOBATO

LOBATO, Monteiro. **A barca de Gleyre**. São Paulo: Brasiliense, 1956. V.1,2.

_____. **Mundo da lua e miscelânea**. São Paulo: Brasiliense, 1948a. T1.

_____. **Urupês**. São Paulo: Brasiliense, 1957.

_____. A Negrinha. In: **Urupês**. São Paulo: Brasiliense, 1957.

_____. **Reinações de Narizinho**. São Paulo: Brasiliense, 1982a.

_____. **O Saci**. São Paulo: Brasiliense, 1982b.

_____. **Geografia de Dona Benta**. São Paulo: Brasiliense, 1982c.

_____. **O poço do Visconde**. São Paulo: Brasiliense, 1982d.

_____. **A chave do tamanho**. São Paulo: Brasiliense, 1982e.

_____. **Histórias de Tia Nastácia**. São Paulo: Brasiliense, 1982f.

REFERÊNCIAS CITADAS

AB´SÁBER, Aziz; BERNARDES, Nilo. **Vale do Paraíba, Serra da Mantiqueira e arredores de São Paulo**. Rio de Janeiro: Conselho Nacional de Geografia, 1958. p. 99-118.

ANDRADE, Manuel Correia de. **Caminhos e descaminhos da Geografia**. Campinas, SP: Papyrus, 1993. 85p.

ANSELMO, Rita de Cássia Martins de Souza. **Oliveira Vianna e a unidade-identidade do espaço brasileiro**. 1995. 142 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro - SP.

_____. A formação do professor de Geografia e o contexto da formação nacional brasileira. In: PONTUSCHKA, Nídia Nacib; OLIVEIRA, Arioaldo Umbelino de. (Orgs.). **Geografia em perspectiva: ensino e pesquisa**. São Paulo: Contexto, 2002. p. 247-253.

ANTONIO FILHO, Fadel David. **O pensamento geográfico de Euclides da Cunha: uma avaliação**. 1990. 258 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro - SP.

_____. **A visão da Amazônia Brasileira: uma avaliação do pensamento geográfico entre 1900-1940**. 1995. Tese. (Doutorado em Geografia) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro - SP.

AZEVEDO, Carmem Lucia de; CAMARGOS, Márcia; SACCHETA, Vladimir. **Monteiro Lobato: furacão na Botocúndia**. São Paulo: Ed. SENAC, 1997.

BELINKY, Tatiana. **17 é TOV!** São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2005. (Memória e História)

BIGNOTTO, Cilza Maria. **Personagens infantis da obra para crianças e da obra para adultos de Monteiro Lobato: convergências e divergências**. Tese (Doutorado em Teoria Literária) - Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP, Campinas, SP, 1999. Disponível em: <www.unicamp.br/iel/memoria/Teses/Cilza/index.html>. Acesso em: 04 abr. 2007.

BOCHECO, Eloí Elisabet. **Poesia infantil**: o abraço mágico. Chapecó: Argos, 2002. p. 47-61.

BOSI, Alfredo. O positivismo no Brasil: uma ideologia de longa duração. **Revista Brasileira**, ano XI, n. 43, abr./maio/jun. 2005. Disponível em: <www.academia.org.br/abl/media/editorial43.pdf> Acesso em: 02 ago. 2007.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Do sertão à cidade: os territórios da vida e do imaginário do camponês tradicional. In: MESQUITA, Zilá; BRANDÃO, Carlos Rodrigues (Orgs.). **Territórios do cotidiano**: uma introdução a novos olhares e experiências. Santa Cruz do Sul, RS: EDUNISC, 1995. p.155-177.

BRAY, Sílvio Carlos; SOUZA, Rita de Cássia Martins. As influências darwinistas sociais e o determinismo geográfico em Oliveira Vianna. **Revista de Geografia**. Unesp - São Paulo, v.12, p. 87-94, 1993.

CAMPOS, André Vieira de. **A república do Picapau Amarelo**: uma leitura de Monteiro Lobato. São Paulo: Martins Fontes, 1986. 165 p.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**. São Paulo: T.A. Queiroz; Publifolha, 2000. (Grandes nomes do pensamento brasileiro)

CARONE, Edgard. **Classes sociais e movimento operário**. São Paulo: Ática, 1989. p. 7-60.

CATINARI, Antonella Flávia. **Monteiro Lobato e o projeto de educação interdisciplinar**. Programa de Ciência da Literatura – UFRJ, Dissertação (Mestrado Ciência da Literatura). Rio de Janeiro, 2006. Disponível em: <www.lettras.ufrj.br/ciencialit/trabalhos/antonellaflavia_monteirolobato.pdf> Acesso em: 20 abr. 2007.

CAVALHEIRO, Edgard. **Monteiro Lobato**: vida e obra. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1955a. v.1, p. 11-409.

_____. **Monteiro Lobato**: vida e obra. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1955b. v. 2, p. 473-791.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura Infantil**: teoria, análise, didática. São Paulo: Moderna, 2000. p. 138 -143.

COQUERY-VIDROVITCH, Catherine. O postulado da superioridade branca e inferioridade negra. In: FERRO, Marc (Org.). **O livro negro do colonialismo**. Tradução de Joana Angélica. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004. p. 748-792.

COTRIM, Gilberto. **Educação para uma escola democrática: história e filosofia da educação.** São Paulo: Saraiva, 1989. p. 256-291.

DE DECCA, Edgar Salvadori. **1930: o silêncio dos vencidos: memória, história e revolução.** São Paulo: Brasiliense, 1992.

DEMO, Pedro. **Introdução à Metodologia da Ciência.** São Paulo: Atlas, 1985. p. 85-112.

DINIZ, Eli. O Estado Novo: estrutura de poder, relações de classes. In: FAUSTO, Bóris. (Org.) **História Geral da Civilização Brasileira: o Brasil republicano.** São Paulo: Difel, 1986. T. III, v.3, p. 77-93.

FACULDADE DE DIREITO UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. Disponível em: <www.direito.usp.br> Acesso em: 02 abr. 2007.

FAUSTO, Boris. Expansão do café e política cafeeira. In: FAUSTO, Boris (Coord.). **História Geral da Civilização Brasileira: o Brasil republicano.** São Paulo: Difel, 1985a. T. III, v.1, p. 195-248.

_____. A crise dos anos 20 e a Revolução de 1930. In: FAUSTO, Boris (Coord.). **História Geral da Civilização Brasileira: o Brasil republicano.** São Paulo: Difel, 1985b. T. III, v. 2, p. 7-38.

_____. **História do Brasil.** São Paulo: Edusp; Fundação do Desenvolvimento da Educação, 1995. p. 243-389.

FISCHER, Luís Augusto. Região, outro centro. In: IBGE. **Atlas das representações literárias de regiões brasileiras. Brasil Meridional.** Rio de Janeiro: IBGE, 2006. V.1. p. 7-12.

GOLDMANN, Lucien. Materialismo Dialético e História da Literatura. **Revista Civilização Brasileira**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 11-12, p. 108-125, mar.1967.

_____. **Ciências humanas e filosofia.** Que é a sociologia? Tradução de Lupe Cotrim Garaude e J. Arthur Giannotti. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1967a. 117 p.

_____. **Sociologia do Romance.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976. (Literatura e Teoria Literária, v.7)

_____. **Dialética e Cultura.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

GOMES, Ângela de Castro. Através do Brasil: o território e seu povo. In: GOMES, Ângela de Castro; PANDOLFI, Dulce Chaves; ALBERTI, Verena (Org.). **A República no Brasil.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira/CPDOC, 2002. p. 157-216.

GOUVÊA, Maria Cristina Soares. Imagens do negro na literatura infantil brasileira: análise historiográfica. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n.1, p. 77-89, jan/abr. 2005.

HOLANDA, Sergio Buarque. (Coord.) **História Geral da civilização Brasileira**. São Paulo: Difel, 1982. T. II, v.3, p. 176-183.

LEITE, Dante Moreira. **O caráter nacional brasileiro**: história de uma ideologia. São Paulo: Pioneira, 1969. 339 p.

LENCIONI, Sandra. **Região e Geografia**. São Paulo: EDUSP, 2003.

LINS, Ivan. **Perspectivas de Augusto Comte**. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1965. 272 p.

MACHADO, Lia Osório. Origens do pensamento geográfico no Brasil: meio tropical, espaços vazios e a idéia de ordem (1870-1930). In: CASTRO, Iná Elias; GOMES, Paulo César da Costa Gomes; CORRÊA, Roberto Lobato (Org.). **Geografia**: conceitos e temas. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1995. p. 309-349.

MARINHO, João Carlos. Conversando de Lobato. In: DANTAS, Paulo (Org.). **Vozes do tempo de Lobato**. São Paulo: Traço, 1982. p. 181-193.

MAUAD, Ana Maria. A vida das crianças de elite durante o Império. In: DEL PRIORE, Mary (Org.). **História das crianças no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1999. p. 84-106.

MONTEIRO, Carlos Augusto de Figueiredo. **A Geografia no Brasil (1934-1977)**: avaliação e tendências. IGEOG-USP: São Paulo, 1980. p. 10-43.

MORAES, Antonio Carlos Robert de. **Ideologias geográficas**: espaço, cultura e política no Brasil. São Paulo: Hucitec, 1988. 156 p.

_____. História do Pensamento Geográfico no Brasil: indicações. **Geografares**, Vitória, n. 3, p. 151-158, jun. 2002.

MOTA, Mauro. A Geografia na Literatura. In: MOTA, Mauro. **Geografia Literária**. Rio de Janeiro: MEC/INL, 1961. p. 93-99.

MOTA, Carlos Guilherme. **Ideologia da cultura brasileira (1933-1974)**: pontos de partida para uma revisão histórica. São Paulo: Ática, 1980. (Ensaio, 30).

NAGLE, Jorge. A educação na Primeira República. In: FAUSTO, Boris (Coord.). **História Geral da Civilização Brasileira**: o Brasil republicano. São Paulo: Difel, 1985. T. III, v. 2, p. 259-292.

NIETZSCHE, Friedrich. **Humano, demasiado humano**. Tradução de Antonio Carlos Braga. São Paulo: Escala, 2006. p. 225-240. (Grandes Obras do Pensamento Universal, n. 42)

NOSELLA, Maria de Lourdes Chagas Deiró. **As belas mentiras**: a ideologia subjacente aos textos didáticos. São Paulo: Moraes, 1981. 239p. (Educação Universitária).

OLIVEIRA, Lucia Lippi. Cultura e identidade nacional no Brasil do século XX. In: GOMES, Ângela de Castro; PANDOLFI, Dulce Chaves; ALBERTI, Verena (Orgs.). **A República no Brasil**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira/CPDOC, 2002. p. 338-383.

PASSIANI, Enio. Na trilha do Jeca: Monteiro Lobato, o público leitor e a formação do campo literário no Brasil. **Sociologias**, Porto Alegre, n.7, jan/jun. 2002.

PETROBRAS. História. Disponível em: www.petrobras.com.br. Acesso em: 14 abr. 2008.

PINHEIRO, Paulo Sérgio. Classes médias urbanas: formação, natureza, intervenção na vida política. In: FAUSTO, Boris (Coord.). **História Geral da Civilização Brasileira**: o Brasil republicano. São Paulo: Difel, 1985. T. III, v. 2, p. 7-38.

PNUMA (Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente). **Biodiversidade subterrânea**. Disponível em: www.brasilpnuma.org.br. Acesso em: 14 abr. 2008.

POPP, José Henrique. **Geologia Geral**. Rio de Janeiro; São Paulo: Livros Técnicos e Científicos, 1988. p. 248-258.

REALE, Giovanni. **O saber dos antigos**: terapia para os tempos atuais. Tradução de Silvana Cobucci Leite. São Paulo: Edições Loyola, 2002. p. 17-35.

RELATÓRIO DE DESENVOLVIMENTO HUMANO 2007/2008. PNUD (Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento): Nova York, 2007. p.283-286.

RIBEIRO JUNIOR, João. **O que é positivismo**. São Paulo: Brasiliense, 1982. 77p. (Primeiros Passos).

RICUPERO, Rubens. Meu amigo Monteiro Lobato. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 12 ago.1994. Folhinha, p. 6.

SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão**: tensões sociais e criação cultural na Primeira República. São Paulo: Brasiliense, 1983. p. 13-107; p. 225-248.

_____. **Orfeu Extático na metrópole**: São Paulo: sociedade e cultura nos frementes anos 20. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. 424p.

_____. Introdução. O prelúdio republicano, astúcias da ordem e ilusões do progresso. In: NOVAIS, Fernando A. (Coord.). **História da vida privada no Brasil**: República: da *Belle Époque* à Era do Rádio. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 7-48.

SOIHET, Rachel. História das mulheres/histórias de gênero – um balanço. In: PONTUSCHKA, Nídia Nacib; OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. (Orgs.). **Geografia em perspectiva**: ensino e pesquisa. São Paulo: Contexto, 2002. p. 35-44.

VASCONCELLOS, Zinda Maria Carvalho de. **O universo ideológico da obra infantil de Monteiro Lobato**. São Paulo: Traço, 1982. 172p.

WEFFORT, Francisco. **O populismo na política brasileira**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989. p. 65-70.

REFERÊNCIAS CONSULTADAS

ALAMBERT, Francisco. **A semana de 22**: a aventura modernista no Brasil. São Paulo: Scipione, 1994. p. 7- 27.

ALMEIDA, Sílvia Capanema. Somos ou não somos racistas? In: História Viva. ed. 37. nov/2006. Disponível em: <http://www2.uol.com.br/historiaviva/conteudo/materia/materia_80.html>. Acesso em: 04 abr. 2007.

ANAIS DO I ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DO PENSAMENTO GEOGRÁFICO. São Paulo, IGCE/Rio Claro-SP. V. 1 09 a 12/dez. 1999.

ANDRADE, Manoel Correia de. Pierre Monbeig e o pensamento geográfico no Brasil. **Boletim Paulista de Geografia**, São Paulo, ABG, n.72, p. 63-93, 1994.

_____. **Geografia, ciência da sociedade**: uma introdução à análise do pensamento geográfico. São Paulo: Atlas, 1987.

_____. O pensamento geográfico e a realidade brasileira. **Boletim Paulista de Geografia**, São Paulo, n.68, p. 125 -146, 1989.

ARIÈS, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. Tradução de Dora Flaksman. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

BERTOLLI, Cláudio Filho. O caipira paulista em tempo de modernização: Valdomiro Siqueira e Monteiro Lobato. In: CHIAPPINI, Ligia; BRESCIANI,

Maria Stella. **Literatura e cultura no Brasil: identidades e fronteiras**. São Paulo: Cortez, 2002.

BRASIL. Ministério da Educação. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana. Parecer nº 003/2004, de 10 de março de 2004. Relatora: Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva. **Ministério da Educação**. Disponível em:< <http://diversidade.mec.gov.br/sdm/arquivos/diretrizes.pdf>>. Acesso em: 14 abr.2008.

BRAY, Sílvio Carlos. Considerações sobre o método de interpretação funcionalista na Geografia. **Boletim de Geografia Teórica**, São Paulo, v.10, n. 20, p. 34-43, 1980.

_____. Os postulados da análise funcionalista na Geografia e seus aspectos ideológicos. **Boletim Paulista de Geografia**. São Paulo, n. 54, p. 29-39, 1977.

CADERNO Mais: o civilizador dos trópicos. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 28 jun. 1998. p. 5-11.

CADERNO 2: Especial Domingo. **O Estado de São Paulo**, São Paulo. ano IX. n. 4237. Domingo, 28 jun. 1998. p. 1-5.

CALVINO, Ítalo. **Seis propostas para o próximo milênio: lições americanas**. Tradução de Ivo Barroso. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. 141 p.

CARDOSO, Fernando Henrique. Dos governos militares a Prudente-Campos Sales. In: FAUSTO, Boris (Coord.). **História Geral da Civilização Brasileira: o Brasil republicano**. São Paulo: Difel, 1985. T. III, v.1, p. 13-50.

CASTRO, Rui Ribeiro. Tese, antítese, síntese, tese,... **Boletim Paulista de Geografia**, São Paulo, n.77, p.79-98, abr. 2001.

CHAUÍ, Marilena de Souza. **O que é ideologia**. São Paulo: Brasiliense, 1982. 125 p. (Primeiros Passos)

COELHO, Nelly Novaes. **Panorama Histórico da Literatura Infantil/Juvenil: das origens indo-européias ao Brasil Contemporâneo**. São Paulo: Ática, 1991. p. 226-238.

DANTAS, Paulo (Org.). **Vozes do tempo de Lobato**. São Paulo: Traço, 1982.

ESCOLAR, Marcelo. **Crítica do discurso geográfico**. Tradução de Shirley Morales Gonçalves. São Paulo: Hucitec, 1996.

FAUSTO, Boris. **A Revolução de 1930**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

GORENDER, Jacob. **A burguesia brasileira**. São Paulo: Brasiliense, 1985. p. 7-113.

GOUNET, Thomas. **Fordismo e toyotismo na civilização do automóvel**. São Paulo: Boitempo, 1999. 117 p.

KIMURA, Shoko. Caminhos geográficos traçados na literatura: uma leitura didática. **Revista Geografia & Ensino**, Belo Horizonte, ano 8, n.1, p.131-139, jan/dez. 2002.

LAJOLO, Marisa. A modernidade em Monteiro Lobato. In: ZILBERMAN, Regina. **Atualidade de Monteiro Lobato**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983. p. 41-49.

_____. **Monteiro Lobato: um brasileiro sob medida**. São Paulo: Moderna, 2000.

LOBATO, Monteiro. **Prefácios e entrevistas**. São Paulo: Brasiliense, 1948b.

_____. **Conferências, artigos e crônicas**. São Paulo: Brasiliense, 1959.

1930/1945 A era Vargas. São Paulo: Abril Cultural, 1980. (Nosso Século).

MONTEIRO, Carlos Augusto de Figueiredo. **O mapa e a trama: ensaios sobre o conteúdo geográfico das criações romanescas**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2002.

MONTEIRO LOBATO. Disponível em: <lobato.globo.com>. Acesso em: 27 nov. 2007.

MONTEIRO LOBATO (1882-1948) E OUTROS MODERNISMOS BRASILEIROS. Disponível em: <www.unicamp.br/iel/monteirolobato/>. Acesso em: 27 nov. 2007.

MORIN, Edgar; KERN, Anne Brigitte. **Terra Pátria**. Tradução de Paulo Azevedo Neves da Silva. Porto Alegre: Sulina, 2003. p. 169-172.

PENTEADO, J. Roberto Whitaker. **Os Filhos de Lobato: o imaginário infantil na ideologia do adulto**. Rio de Janeiro: Qualitymark/Dunya, 1997, 394 p.

PINTO, Maria Inez Machado Borges. Cultura de massas e representações femininas na paulicéia dos anos 20. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 19, n. 38, p. 139-165, ago.1999/ jul. 2000.

PONDÉ, Glória Maria Fialho. A herança de Lobato. In: ZILBERMAN, Regina. **Atualidade de Monteiro Lobato**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983. p. 112-116.

QUEIROZ, Renato da Silva. **Um mito bem brasileiro**: estudo antropológico sobre o Saci. São Paulo: Polis, 1987.

SANTOS, Fabiana Mannes S. Oliveira Vianna e Monteiro Lobato – o americanismo e o iberismo em diálogo. **Revista Intellèctus**, Rio de Janeiro, ano I, n. 1, 2007. Disponível em: www.intellectus.uerj.br/artigos. Acesso em: 03 fev.2007.

SILVEIRA, Éder. Uma civilização de cães amastinados. A mestiçagem brasileira na visão de Luiz de Agassiz e do Conde de Gobineau. **Revista de História e Geografia Ágora**, Santa Cruz do Sul, v.11, n.1, p. 189-205, jan/jun.2005.